



UMA FAMÍLIA, UMA HISTÓRIA

OS PRIMÓRDIOS DA FAMÍLIA SEGANFREDO
NO RIO GRANDE DO SUL

ANA MARIA SEGANFREDO
ALESSANDRO SEGANFREDDO





UMA FAMÍLIA, UMA HISTÓRIA

OS PRIMÓRDIOS DA FAMÍLIA SEGANFREDO
NO RIO GRANDE DO SUL

ANA MARIA SEGANFREDO
ALESSANDRO SEGANFREDDO



2018

© dos Autores, 2018

Capa:

Viagem de Navio entre a Itália e o Brasil. Fonte: <https://www.pesquisaitaliana.com.br/viagem-de-navio-entre-a-italia-e-o-brasil/>

4ª Capa

“Planta das ex-colônias Conde d’Eu, Da. Izabel e Novo Nucleo Alfredo Chaves”. Fonte: <http://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/123456789/44821>

Editoração:

Alex Antônio Vanin

Revisão:

Eda Seganfredo Padão

Aldo Soccol (Milão-Itália)

Cristina Galante (Maróstica-Itália)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S454f Seganfredo, Ana Maria

Uma família, uma história [recurso eletrônico] : os primórdios da família Seganfredo no Rio Grande do Sul / Ana Maria Seganfredo, Alessandro Seganfreddo . – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2018.

5 Mb ; PDF.

ISBN 978-85-8326-342-5

Edição bilíngue: textos em português e italiano.

Modo de acesso: World Wide Web: <<http://www.projetoportunofundo.com.br>>.

1. Genealogia. 2. Migração –Rio Grande do Sul –História.
3. Imigrantes –Itália –História. I. Seganfreddo, Alessandro. II. Título.

CDU: 929.52

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Contato com o autor:
seganfreddo.ana@gmail.com

DEDICATÓRIA

Este livro é dedicado a todos os imigrantes de ontem, de hoje e de amanhã, sobretudo aos nossos antepassados Seganfredo que sofreram no Rio Grande do Sul as agruras dos primeiros tempos.

Um agradecimento especial a meus irmãos e a Alessandro Seganfreddo, nosso primo italiano, incentivador e co-autor deste livro de memórias propiciando que nossa história seja conhecida também na Itália, a Eda Seganfredo Padão, colaboradora, Lana Seganfredo, colaboradora e a todos os pesquisadores da família Seganfredo/ddo que não cansam de contar de geração em geração “Le stórie dei noni”.

Ana Maria Seganfredo

Sumário

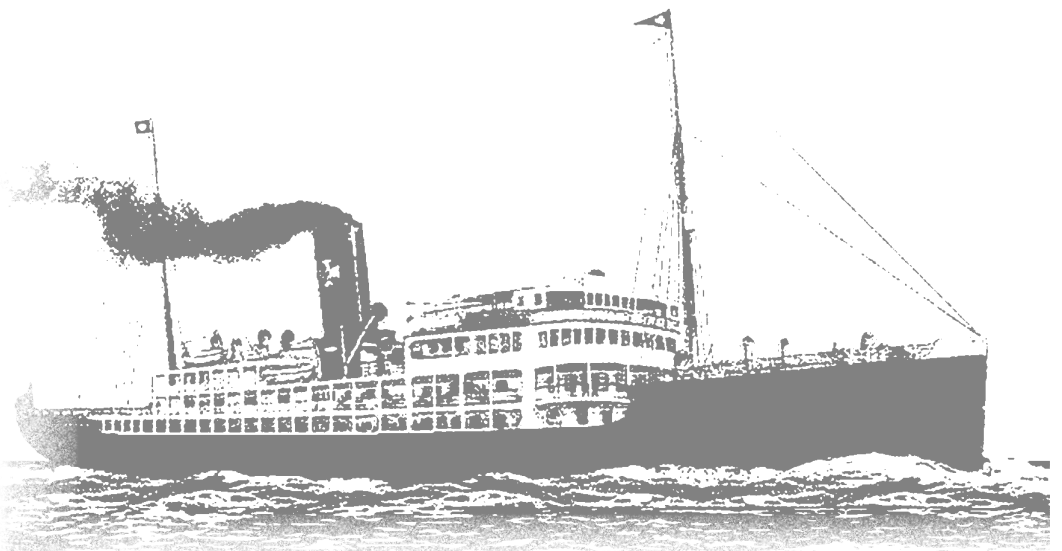
PARTE I

Introdução.....	9
Capítulo I - História da família Seganfredo no Rio Grande do Sul.....	13
1. Viagem sem volta	14
1.1. Algumas cartas trocadas entre parentes brasileiros e italianos	16
1.1.1. Pesquisas recebidas da Itália.....	22
1.2. Os nossos antepassados imigrantes.....	23
1.2.1. Pellegrino, o patriarca	23
1.2.2. O Padre Antonio Seganfredo.....	29
1.2.3. Giuseppe Seganfredo	36
1.2.4. Lucia Seganfredo	43
1.2.5. Carlo Seganfredo	45
Capítulo II - Trajeto que os imigrantes faziam ao chegar ao Brasil	55
2.1. Etnias e início do povoamento de Nova Bassano e Nova Prata	57
2.2. O povo Cimbro.....	59
2.3. História do povo Cimbro.....	59
Capítulo III - História de personagens que fizeram parte do núcleo inicial dos Seganfredo em Nova Bassano	63
3.1. Catterina Seganfredo	64
3.2. Cirillo Seganfredo.....	71
3.3. A história de um migrante.....	75
3.4. Cornélio Seganfredo	80
3.5. Os Seganfredo cultivavam parreiras	93
Capítulo IV -Reatando os laços.....	95
Capítulo V - Migrações no Rio Grande do Sul	101
Considerações finais: tudo se transforma.....	107

PARTE II

Introduzione.....	115
Capitolo I - Le origini.....	117
1. Lettere Scambiate tra i Seganfredo/do d'Italia e Brasile.....	120
1.2. Nostri antenati emigranti	128
1.2.1. Pellegrino, il patriarca dei Seganfredo del Brasile e dei discendenti di Luigi rimasti in Italia	128
1.2.2. Padre Antonio Seganfredo	133
1.2.3. Giuseppe Seganfredo	141
1.2.4. Lucia Seganfredo Lovison.....	147
1.2.5. Carlo Seganfredo	149
Capitolo II - Percorso degli emigranti dopo il loro arrivo in Brasile.....	159
3.1. Etnie e il popolamento di Nova Bassano e Nova Prata	161
3.2. Breve storia del popolo cimbro	162
Capitolo III - Piccole biografie di quattro famiglie	165
4.1. La storia di Catterina, figlia di Carlo e di Maria Giovanna	165
4.2. Cirillo Seganfredo.....	173
4.3. Storia di un emigrante.....	176
4.4. Cornélio Seganfredo	180
4.5. La coltura dei vigneti: una tradizione di famiglia	190
Capitolo IV - Un nuovo inizio	193
Capitolo V - Una nuova emigrazione all'interno del Brasile	199
Considerazioni finali: tutto cambia.....	205
Bibliografia	211
Fontes de Pesquisa.....	211
Dados, informações e documentos	212

PARTE I





Introdução

Ao longo de vinte e cinco anos pesquisei documentos e troco informações sobre meus antepassados. Isto despertou em mim a vontade de conhecer mais profundamente a história dos nonnos italianos, pois quem não conhece o passado dos seus não sabe quem é.

A certidão de nascimento de meu avô paterno Pellegrino Seganfredo foi o primeiro documento que recebi, orientada pelo frei Rovilio Costa. Ao receber este documento minha alegria foi tanta que não mais parei de pesquisar. Dali em diante surgiram no meu caminho diversas pessoas, parentes brasileiros e italianos, dos quais destaco Alessandro Seganfreddo, italiano, descendente de Luigi Seganfreddo, o único de nosso ramo de família que permaneceu na Itália. Posso dizer que me tornei uma estudiosa da história do Rio Grande do Sul e do Brasil, mas sobretudo da emigração, das memórias de muitos acontecimentos e fatos que marcaram a história de Pellegrino Seganfredo (Mason Vicentino 1816-1899) e de Maria Volpato. Com a ajuda de Ales-

sandro Seganfreddo de Maróstica, Itália, pertencente ao mesmo ramo de família que guardou com ele por, pelo menos dez anos as histórias contadas por mim, pude organizar este livro de memórias dos primeiros imigrantes Seganfreddo no Rio Grande do Sul. A busca de documentos, a troca de informações com ele e com tantos outros parentes italianos e brasileiros foi contínua.

Esta história pode iniciar com Antonio Seganfreddo (1851-1912) filho de Pellegrino Seganfreddo e Maria Volpato que ali pelos idos de 1880 partiu da Itália com um grupo de compatriotas para trabalhar na abertura da estrada Buarque de Macedo que vai de Nova Prata a Montenegro, mas também em busca da tão almejada fortuna muito difundida naqueles tempos de penúria para atrair imigrantes para o Brasil. Aqui chegando empregou-se nesta empresa como ajudante de cozinheiro e líder de um grupo de trabalhadores. Passados alguns anos Antonio retornou para a Itália com a determinação de convencer o núcleo familiar a emigrar. Lucia e Giuseppe com suas famílias partiram de Mason Vicentino em 1891 e aportaram no Brasil em janeiro de 1892. Estabeleceram-se em Nova Bassano, como parte dos primeiros colonizadores. Posteriormente Luigi e Carlo com os pais Pellegrino e Maria Volpato partiram em 1897. Porém a primeira tragédia aconteceu antes de deixar a Itália. Chegaram ao porto de Genova para embarcar mas Luigi foi impedido pois sua esposa Giullia Bellinaso estava grávida. Carlo partiu com a família e os pais já anciãos. Luigi retornou para Mason Vicentino. Ali as famílias se separaram e nunca mais tornaram a se encontrar pessoalmente.

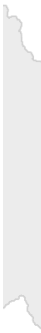
A história dos personagens é simples, pessoas do cotidiano: um agricultor, um sacerdote, uma mãe de família... Porém estas histórias estão revestidas de um significado especial naqueles tempos de fome e de miséria na Itália. Ah! a América... Talvez na América... era um sonho, uma miragem... um desejo de muitas famílias que queriam fugir da pobreza! Fugir dos seus pobres vilarejos! Por isso acreditavam nas palavras de muitos charlatães que pintavam o novo mundo como um paraíso! Mas quando che-

gavam ao destino final, a terra prometida muitas vezes se revelava um inferno! Desilusão! Mas bem, tinham de enfrentar. A esta família de Pellegrino e Maria Volpato aconteceu que, ao invés de vir para o Rio Grande do Sul onde já estavam Giuseppe e Lucia foram enviados a trabalhar em uma fazenda de café em Minas Gerais, na região de Sacramento, precisamente no município de Conquista, localizado no Triângulo Mineiro, sudeste do Brasil. Dormiam na antiga senzala e o fazendeiro os pagava com o suficiente para não morrerem de fome. Foi um milagre o velho Pellegrino com 81 anos ter sobrevivido a estas vicissitudes.

Com este relato muitas famílias ítalo-brasileiras lendo estas páginas poderão recordar do seu próprio passado nos espelhos do tempo.

Este trabalho foi elaborado sobretudo pela vontade de não deixar cair no esquecimento a nossa história e colocar lado a lado as vivências destas famílias separadas pelo infortúnio por mais de 100 anos!

Ana Maria Seganfredo





História da família Seganfredo no Rio Grande do Sul



Vilarejo de origem: Mason Vicentino, perto de Bassano Del Grappa.

Divisas: vilarejos de Breganze, Fara Vicentino, Maróstica, Molvena, Pianezze e Schiavon.

Região da Itália: Vêneto.



Desta região da Itália nossos antepassados partiram para emigrar para o Brasil à 126 anos.

É preciso esclarecer que o sobrenome original se escreve Seganfreddo com dois “D”, porém por um erro de grafia ao entrarem no Brasil escreveram Seganfredo com um só “D”, por isso identificaremos os brasileiros com um só “D” e os italianos com dois “D”.

1. Viagem sem volta

No ano de 1897 partiu do porto de Genova a última família de cinco irmãos: Carlo com sua esposa Maria Giovanna Nicoli com os sete filhos. Traziam consigo os genitores de Carlo já idosos: Pellegrino e Maria Volpato. Luigi com a família acompanharam Carlo para embarcar também, porém como Giulia Bellinaso esposa de Luigi estava grávida foram impedidos de seguir viagem retornaram para Mason Vicentino. O nome do navio era “Rio de Janeiro”. Giuseppe Seganfredo com a esposa Margherita Marcon e os filhos já haviam partido para o Brasil a bordo do navio Solferino no ano de 1891. Aportaram no Rio de Janeiro em 26 de janeiro de 1892.

Lucia Seganfredo e Girolamo Lovison partiram de Mason Vicentino no mesmo dia de Giuseppe, porém não encontramos os nomes deles na lista de bordo do Solferino. Chegamos à conclusão que, possivelmente embarcaram em outro navio, podem ter chegado um pouco antes ou um pouco depois de Giuseppe.

Todavia no elenco dos primeiros colonizadores de Nova Bassano vê-se os nomes de Giuseppe e de Girolamo registrados como moradores da linha IX, chamada de Ramiro Barcellos, portanto vizinhos no ano de 1892. Esta linha localizava-se perto do Monte Paréo.

Em 1896 chegou da Itália o padre Pietro Colbacchini e tratou logo de organizar-se juntamente com os colonos para construir de imediato uma igreja em madeira. O mesmo padre

tratou também de escolher um local para construir um vilarejo. Comprou terras, fez um loteamento e colocou lotes à venda para quem quisesse se estabelecer com casas de comércio e serviços.

De Antonio, o filho mais velho de Pellegrino e Maria Volpato sabe-se que foi ordenado sacerdote em 1895 mas antes já havia estado no Rio Grande do Sul, Brasil e trabalhara na abertura da estrada Buarque de Macedo no trecho que vai de Bento Gonçalves a Veranópolis. Era ajudante de cozinheiro e uma espécie de líder da organização do grupo de trabalhadores onde continuou por diversos anos. À noite quando rezava com os colegas de trabalho veio-lhe a idéia de retornar à Itália e fazer os estudos preparatórios para tornar-se missionário. Esta idéia concretizou-se em 1892.

Luigi permaneceu em Mason Vicentino depois da partida dos irmãos. Mais tarde manifestou a vontade de vir também para o Brasil, porém foi demovido da idéia pois as condições já não eram tão favoráveis.

Encontrou-se pessoalmente só com o irmão Antonio quando este fez uma viagem para a Itália para tratamento médico nos anos 1911 e 1912. A comunicação entre eles era através de cartas. Luigi faleceu no ano de 1941. Os descendentes dele continuaram a manter contato com os parentes brasileiros até os anos 70. Depois tudo se revestiu de silêncio. A última carta foi escrita pela irmã Mafalda Seganfredo neta de Carlo e missionária scalabriniana quando esteve trabalhando no Vaticano por longos anos. Esta carta ainda existe nos arquivos da família Seganfredo na Itália e foi dirigida para as primas Brigida e Isetta. Porém o destino não quis que esta história se apagasse e então ali pelos anos 2000 quando tudo parecia ter caído no esquecimento eis que uma visita inesperada chega para reatar os laços familiares: Antônio César Seganfredo, descendente de Lino de Carlo estava estudando em Roma para tornar-se padre scalabriniano e foi em busca de suas origens. Teve a sorte de encontrar os descendentes de Luigi, fato documentado na imprensa de Mason com o título

“Ritorna um Don Antonio”. A partir deste fato recomeçaram os contatos entre brasileiros e italianos.

1.1. Algumas cartas trocadas entre parentes brasileiros e italianos

Mesmo sem os recursos que temos hoje para a comunicação a distância, depois de muitos anos da saída da Itália as famílias aparentadas, os descendentes de Luigi na Itália e os descendentes de Carlo no Brasil trocaram algumas cartas que consideramos documentos importantes para a história da família Seganfredo. do tanto da Itália quanto do Brasil. Abaixo cartas trocadas por descendentes de ambas as famílias.

Ricordo della mia partecipazione alla Santa Messa nella Cappella privata del Santo Padre, il 19 Aprile 1980. Dopo la Santa Messa il Santo Padre Giovanni Paolo II ha salutato il gruppo della Pontificia Commissione alla quale lavoro dall'inizio del 1977. Qui, nella sala vicino alla Cappella ho avuto la gioia di parlare personalmente con il Papa ed esprimerle tutto quello che in quel momento portavo nel mio cuore.

67

Carissime cugine: Brigida e Isetta, questo é un ricordo che offro a voi due in segno di gratitudine a Dio per avermi dato la gioia di conoscervi.

Roma, 11 Giugno 1980

Suor Mafalda Seganfredo

Mafalda Seganfredo, filha de Lino e neta de Carlo escreveu esta última correspondência para as primas italianas Brigida e Isetta. Depois dos anos 80 os contatos só recomeçaram com o encontro do ainda diácono Antonio César Seganfredo no ano 2000.



Irmã Mafalda Seganfredo com o Papa João Paulo II.

Ponte Segre, 24 maggio 1972.

Caro cugine Brigida e Isetta.

Già che il nostro amico viaggerà a Maron, profitterò per rimmettervi questo bigliettino. Bene che voleva lo stesso andare all'Italia per conoscermi. Questo villaggio dove è nato il mio carissimo papà. Ma, come questo non è ancora possibile, vi rimetto questo foglio nel mio luogo. E, come siete, se non mi sbaglio, nella più bella delle stagioni dell'anno, la primavera, questo mi fa ricordare l'inizio di una poesia che lo ho avuta l'audacia di scrivere nella vostra lingua;

" Primavera è arrivata.

I rami già fioriti del giardino,
L'usignolo nell'albero vicino,
tutto parla d'amore.

Carta de Eda
Seganfredo Padão
para Brigida e
Isetta

Una rosa che si apre,
e lascia tutta l'aria profumata,
una vecchia canzon dimenticata,
tutto parla d'amore.

Ed lo cammino
per questa strada piena di poesia,
negli occhi porto la malinconia,
ricordi, nel mio cuore...

MASON 6/2/78

Carissima Elide

Rispondo subito alle tue tanto care lettere
senza con piacere del tuo desiderio di conoscere
la storia delle tue e nostre famiglie, vedrò di
spiegarmi il più chiaro possibile.

Cominciamo dal nonno Luigi (fratello di
P. Antonio e di Carlo.) aveva sette figli Duilio
Simão, Lucia, Maria, João, Brígida, Elise
Alessandro.

Duilio il mio papà, morto a soli 44 anni
aveva 5 figli: Giulio, Luigi, Maria, Giovanni
Antonio, mio sorella Giulio è morto nel '55
a soli 33 anni era suo missionario in
Africa, Luigi è sposato e a due figli Duilio, Giulio
e Maria. solo da sposare sono rimasti
con le mannes, ora è morto 2 anni fa,
Giovanni sposato con quattro figli Carlo
Giulio, Sandro, Lucio
Antonio pure sposato a due ragazzi
gemelli Paolo Luis, questo è tutto la
mia famiglia.

Or ti dico degli altri: Simão era pure morto
abastanza giovane aveva nove figli.
Lucia è ancora viva a 85 anni ricordo ancora
Ciriaco e padre Antonio a 6 figli
Maria a 83 anni. 8 figli

Loz morto 5 anni fa aveva 5 figli
Brigid e Eliss sono ds sposate 77. 74 anni
Alessandro morto 14 anni fa a lasciato 8 figli
6 sono sposati: 1 e prete 1 Suoio, come
suoi: notare in ogni ramo della famiglia
ci sono suore o preti.

Questo e tutto quello che e rimasto in Italia
il resto della famiglia tutto oltre mare
Ricordo che nonno Luigi mi raccontava che
anche loro stavano per partire, me gli
anno rimandati di ritorno perche non
stava per avere Zio Mario e così e rimasto
in paese, ricordo anche che un sollo nonno
appassionatamente aveva scritto ai fratelli che
aveva più di 40 nipoti in risposta del
Brosile risposero che 50 in tutti eravate
più di cento un bello compagnia, per
il momento non farò dirti di più se potro
avere altri indirizzi te li manderò.

Riguardo alle notizie della nostra famiglia
amb fatto delle ricerche anni fa euno trovato
che i nostri avi venivano dalla Russia erano
commercianti in pelli era una grande
famiglia. Carlo & Lida io pure nel '45 mi trovavo
a Roma nel mese di giugno, in settembre Antonio
con la famiglia, quando sei fattato per Vicenza
era a soli 25 Km. da noi, sono per ~~me~~ per
la prossima sollo spero presto.

Ora a nome di tutti ricomincio di cuore i
tuoi saluti e auguri a tutti

Tuo cugino Mario Sepanfrullo
Guarda che il nostro cognome ha scritto con 2 di

Carissime cugine Brigida, Isetta e Antonio Segnfredo,
e Maria

Sono stati molto contenti di avere saputo notizie vostre e di avere ricevuto una lettera che avevi scritto a Padre Roberto, quello che è venuto a casa vostra e avete parlato insieme.

La nostra allegria le stata molto grande perchè, dopo tanto tempo che si cercava l'indirizzo e notizie vostre adesso le abbiamo trovate. Il nostro papà Luiz (Luigi), sempre parlava dei parenti di Italia. Parlavano sempre di Pe. Antonio, que era so zio. Parlavano delle sorelle Brigida e Isetta, so cugine che il suo padre sempre li mencionava.

Il nostro papà é figlio de CARLO SEGNAFREDO che era fratello di Padre Antonio. Il Pe. Antonio quando é stato qua in Brasile ha fondato un paesello que oggi le unna città que si chiama NOVA PRATA, é distante de noi 40 kilometri.

La città onde noi habitamo si chiama SERAFINA CORRÊA. Non é grande. É di più menna 9 mille abitanti. Resta sotto il stato di Rio Grande do Sul - quello que noi chiamamo stato, voi forse chiamerete... Provincia. - Siamo sempre stati serviti de Preti venuti di Italia, e molto buoni. Il Pe. Roberto Ciotola che avete conosciuto, le 10 anni che é qua con noi, però, i suoi superiori lo hanno trasferito a un'altra città distante di noi 20 kilometri, e se sientana a la nova parochia nel mese di febbraio. Per noi é unna grande perdita, poi tutto il popolo si trovano bene con lui.

Il nostro papà si chiama LUIZ = LUIGI, - é filho di CARLO SEGNAFREDO che era sposato con JOANNA NICCOLI. É venuto di Italia sposato e con 6 figli e n'altri 6 é natti qua in Brasile. Il nostro papà é nato qui e é il penultimo della famiglia. Cirillo era il fratello più vecchio. É quello que scriveva le lettere a voi. Della banda dei parenti della nonna Joanna Niccoli non abbiamo nessuna notizia.

La suora MAFALDA SEGNAFREDO que se trova in Roma, é nostra cugina, poi é figlia de Lino Segnfredo, fratello del mio papà e del zio Cirillo. É suora Carlista Scabriniana, di San Carlo Borromeo. Loro sono in 4 sorelle suore.

La nostra famiglia - di (Luiz) siamo in 8 fratelli. 5 figli e 3 ragazze. - 4 figli sono sposati e il último si sposterà in maggio, il giorno 19. Questo hanno, e meo, questo il farà 31 anni proprio nel giorno del casamento, - il più vecchio hanno 43 anni. - Delle 3 ragazze, unna é sposata e 2 no. Unna é infermiera e io lavoro con mio fratello più giovane che hanno un Scritorio per fare le scritte e altri lavori. Siamo in 10 funzionari. Io mi trovano in casa coi genitori. Il papà hanno 74 anni e la mamma 71 anni.

I genitori della nostra mamma, sono anche lei migrati in Italia. Sono Angelo Tedesco e Anna Zotta, pero, di banda di questi non abbiamo nessuna notizia né indirizzo dei parenti que sono stati in Italia.

Voi avete scritto que Carlo, Giuseppe e Lucia sian venuti di stare in Brasile. Pero, noi non habbian mai saputo niente né de Giuseppe, né de Lucia. Se per caso voi, Brigida e Isetta, ve ricordate de avere sentito dire qualcosa de loro, se erano sposati o no, per que banna del Brasile erano de stare etc. - se qualcosa sapete, per piacere scrivete que noi andemo ricercare. Poi il nostro papà non ha mai sentito parlare niente de questi zii. Solo del Pe. Antonio.

I nostri genitori, habbian festeggiato sue Noce de ORO (50 anni di matrimonio) ai 10 de settembre de 1978. Per la occasione il Pe. Roberto ha rimesso di Roma la Benedizione del Papa PAULO VI, quel haveva trovato ancora venti di morire.

Carta de Elide Seganfredo filha de Luis Seganfredo e neta de Carlo de Serafina Corrêa para Brigida e Isetta, Antonio Seganfredo e Maria.

Nel anno de 1975, in compagnia del vescovo della Diocesi, de diversi padri e altre persone, comando piu de cento persone, io sonno venuta in Italia per fare una romaria per l'anno Santo. In quella occasione io non aveva ancora il vostro indirizzo, per quello e, que io non sonno venuta trovarvi. Sonno stati in Roma, onde abbiamo conosciuto tanti porti e anche la Catacumba de San Calixto. - In Capri, la grotta Azul, poi Firenze, Venezia, Padova. De Venezia sonno andata de treno a Milano. Passando per Vicenza sono ricordata que in quella regione e de quella bande sonno partiti i nostri nonni e anche 6 zii. In tanto il viaggio a Milano, ho cercato de sapere con le persone che gerano in treno, se qualcuno conosceva SEGANFREDO, NICOLLI, TEDESCO, ZOTTIS, pero, nessuno ha sapesto dirmi qualcosa. Io haveva tanta volonta de conoscerli. Ho potesto verificare que quella regione; i monti, le pianure, la configurazione del terreno e tanto semelhante con la nostra regione di qua.

Quando sonno stati in Padova, abbiamo discoperto que la maniera di parlare e le parole sono molto semelhante con la maniera que noi parlemo qua, poi que, in questa regione hanno tanti italiani decendenti dei vecchi migrati della vostra provincia, - de Belluno, Cremona, Vicenza, Brescia, Padova, Venezia e altri posti.

Ritornati de Milano, stammo partiti per l'Austria, Alemanha, Suiza (Suizzera); Francia, Espanha e Portugal. In tutto e i porti hanno vi ajato un mese.

Il popolo di qua, abian tanto gusto di cantari i canti italiani. Ci piace il vino, la polenta; i macarroni, la bigolada, le lasagne, la pizza e anche di giugare la more. Questo tuto, e stato i nonni que hanno trasmitito ai figli, ai suoi decendenti. Hanno ancora qualcuno vecchio que e nato in Italia e e ancora vivo. Questi e partiti di la giovanetti e si ricordano poco de la sua Patria.

Dei nostri cugini, figli di Zio Cirillo, siamo lontano 500 km.

I nostri genitori e noi tutti, noi sentiremo molto contenti de ricevere lettere vostre. Se per caso qualche parola non sappiamo cosa vuol dire, dimanderemo ai padri que sonno italiani e lori noi diran. Se voi non capite tutte quello que mi ho scritto, ricercati con la senhora Natalina Coradin, que come hanno habitato qua in Brasile, sara piu facile de capire.

Noi voliarno lasciarvi tanti salutti e abbiamo il piacere di dirvi que sonno stati tanto contenti di avere sapesto notizie vostre e volemo credere que non lasciate de rispondere questa lettera scrivendone piu notizie vostre.

Stammo anche drio ricercare piu notizie que voi potete mandar-ni, poi abbiamo il desiderio di fare la storia de la famiglia Seganfredo fino a la radiza.

Il nostro pappo il dice que i suoi genitori dicevano que la radiza de la famiglia Seganfredo - erapo - Sigfrid - e que doveva essere persi in principio della Alemanha, pero, non abbiamo sicurezza. Certo e, que siamo drio a cercare tute le notizie possibile per fare un bon lavoro e se questo se potra fare, una copia manderemo anche a voi.

Voci lasciarvi molte raccomandazione e tanti salutti in nome de la famiglia e i desideri de tanta felicità, coi augurii de tanta salute, di buoni negozii e que la pace di Cristo Jesu si trove sui vostri cuori e con questa pace potrete essere, per sempre molto felici tutti quanti.

Io, que ho scritto questa lettera, sonno vostra cuggina, figlia de Luigi que si chiama Elide Edwiges Seganfredo.

Elide S. Seganfredo



Quadro de Angiolo Tomasi (ano 1896) retrata os imigrantes no Porto de Genova.

1.1.1. Pesquisas recebidas da Itália

Recomeçando a troca de documentos entre brasileiros e italianos recebemos notícias por intermédio de Alessandro Seganfredo que tinham encontrado através da pesquisa da Sra. Elena Zanettin o registro da família de Pellegrino Seganfredo com todo núcleo familiar, onde constava o nome de todos e também dos filhos e netos nascidos até o ano da partida (1897).

A Sra Elena Zanettin é autora do Libro Rosso (com a documentação do período de 1605 a 1900 genealogia da família Seganfredo de 1542 a 2001)

Email de Alessandro:

1. Moravam no bairro Castello número 289
2. Na “folha da família” estão registrados os nomes de todos os filhos e netos nascidos até o ano de 1897.

3. Consta que Giuseppe Seganfredo e Margherita Marcon com os filhos emigraram em 15 de dezembro de 1891.
4. Carlo e Maria Giovanna emigraram com os filhos e os genitores em 30 de março de 1897.

As datas acima mencionadas não eram de conhecimento dos descendentes dos Seganfredo brasileiros. Com o passar do tempo documentos antigos como os passaportes acabaram se perdendo.

1.2. Os nossos antepassados imigrantes

Seguem pequenas biografias dos personagens Pellegrino Seganfredo e Maria Volpato, os genitores, Antonio Seganfredo, o padre, Giuseppe Lucia e Carlo os quatro filhos que emigraram para o Brasil.

1.2.1. Pellegrino, o patriarca

Pellegrino é o patriarca dos Seganfredo do sul do Brasil e dos descendentes de Luigi que permaneceu na Itália.

Porque Pellegrino viveu somente três anos no Brasil, nos primeiros tempos pensava-se que ele teria falecido na Itália. Todavia com o avanço das pesquisas encontramos documentos que comprovam que ele emigrou em 1897 com a esposa Maria Volpato e o filho Carlo com toda família deste.

Encontramos também a certidão de óbito no Cartório de Registros Cíveis em Nova Prata. Ele faleceu em 1899. Naquele tempo Nova Prata era conhecida como Capoeiras ou São João Batista do Herval e pertencia à jurisdição de Alfredo Chaves, atual Veranópolis.

Pellegrino Seganfredo nasceu em 1816 na Itália, filho de

Antonio Seganfredo e Lucia Carli. Casou-se com Maria Volpato no dia primeiro de março de 1848 onde viveram até o ano de 1897, quando partiram para emigrar para o Brasil com Carlo e toda família deste. Faleceu em 28 de outubro de 1899 em Nova Prata onde foi sepultado.

Maria Volpato era filha de Giuseppe Volpato e Elisabetta Franco, porém no registro de óbito lê-se “Elisabetta Canton”. Nasceu Maria no ano de 1827 na Itália e faleceu no Rio Grande do Sul em sete de junho de 1916, na linha IX em Nova Bassano, onde foi sepultada.

Por 17 anos viveu como viúva de Pellegrino. Morava com o filho Giuseppe pois no atestado de óbito cita: lote 37 da linha IX.

Escrito assim:

“Volpato, Maria, faleceu em 7.6.1916 na linha IX, de morte natural, filha de Giuseppe Volpato e Elisabetta Canton de Mason Vicentino –VI- Viúva de Pellegrino Seganfredo, 89 anos, sacramentada em Nova Bassano.”(pg1048 do livro Povoadores das Colônias Alfredo Chaves, Guaporé e Encantado”.

Da história oral contada por Leonilde (Nilde) filha de Catterina de Carlo lembramos que ela falava – “quando eu era pequena conheci a avó e a bisavó”. (Maria Volpato e Maria Giovanna). Uma história oral contada por Leonilde Seganfredo Dalla Costa, filha de Catterina e irmã Mafalda Seganfredo, filha de Lino, netas de Carlo:

“Alguns anos depois da chegada ao Brasil Carlo Seganfredo abriu na capela do Caravaggio perto do Monte Paréo, na linha IX um pequeno comércio com um pouco de tudo que os colonos precisavam: mantimentos, utensílios domésticos e outros artigos de uso comum. A casa era a mesma que eles moravam, perto de um salão comunitário e uma Igreja onde realizavam as festas de casamento e outras festividades, como ainda se costuma fazer no interior do Rio Grande do Sul. Nes-

tas ocasiões festivas os colonos costumavam disparar morteiros, uma espécie de fogos de artifício montados com pólvora. Em uma destas ocasiões passando um cortejo de festa de casamento dispararam um morteiro e um pedaço deste caiu sobre o telhado da casa que era de madeira e incendiou ficando em poucos minutos totalmente consumida pelo fogo. Ficaram então sem a casa e sem o ganha pão. Construíram outra casinha onde ficaram mais algum tempo mas como as condições eram muito precárias decidiram que Carlo e Maria Giovanna iriam morar em Nova Bassano com os filhos menores. Os maiores continuaram ali. Este fato era pouco comentado, pouco se ouvia falar dele, talvez pelo desgosto de ter perdido o pouco que tinham fez apagar da memória este triste acontecimento. Nesta época Pellegrino, o patriarca já havia falecido. Em Nova Bassano construíram uma casa grande em madeira, moravam ali e reabriram novamente a casa de comércio na parte da frente, serviam inclusive refeições, conforme afirmava Catterina, a primeira filha de Carlo.

Entretanto se houberam dificuldades eles (Pellegrino e Maria) se sentiam felizes porque pensavam que no Brasil o futuro dos filhos e netos seria bem melhor do que se tivessem permanecido na Itália. A antiga propriedade de Carlo foi posteriormente vendida para a família de Joana Seganfredo Garbin, neta de Carlo Seganfredo. Contava Catterina que, enquanto estiveram morando em Capoeiras em meio aos primeiros colonizadores, Pellegrino, o Patriarca ia frequentemente caçar animais selvagens e pássaros para ajudar na alimentação da família.

Naqueles tempos os colonos se alimentavam de carne de caça e frutos da floresta. Caçavam catetos, uma espécie de porco selvagem, comiam pinhões, o fruto da araucária, conífera típica do sul do Brasil.”





A casa de Carlo é a primeira à direita. No tempo presente deu lugar a um edifício, sito à Rua Carlos Gomes, número 12. Foto gentilmente cedida por Maria Joana Seganfredo.



Pinhas\pinhões. *Pinhão, o fruto da araucária, conífera típica do sul do Brasil. Este fruto matou a fome praticamente de todos os imigrantes quando chegaram para colonizar o sul do Brasil. Os índios guaranis chamavam o pinheiro\pinhão de “curi” de onde deriva o nome da capital do Paraná Curitiba. Kur Yt Iba= grande quantidade de pinheiros\pinhões. A língua guarani foi falada por muitos anos no começo da colonização pelos portugueses.*



Bosque de pinheiros. *A madeira deste pinheiro foi utilizada para fazer as casas da população tanto das colônias quanto das cidades da serra gaúcha no Rio Grande do Sul e também nos Estados de Santa Catarina e Paraná. No início a madeira era trabalhada com instrumentos rudimentares. Mais tarde surgiram as serrarias.*



Rio das Antas. *Esta paisagem fazia parte do cotidiano dos imigrantes. Na falta de estradas a navegação fluvial era o meio mais utilizado para o transporte e comunicação entre os vilarejos.*



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS

CERTIDÃO DE ÓBITO

Pellegrino Seganfredo

Matrícula

099960 01 55 1899 4 00001 014 0000023 20

CERTIFICO, a pedido da parte interessada, com fundamento no artigo 82-A, da CNNR, revendo a folha 14v, sob nº 23, no Livro C-I, consta o assento do seguinte teor: "Nº 23. Aos trinta dias do mez de Outubro de mil oitocentos noventa e nove, n'esta séde de São João Baptista do Herval, segundo districto do municipio de Alfredo Chaves, em meu cartorio compareceu José Seganfredo, casado, agricultor, natural de Italia residente neste districto e perante as testemunhas abaixo nomeadas e assignadas declarou, que no dia vinte e oito do corrente, as as seis horas da manhã, falleceu n'esta séde em sua casa, sem assistencia medica e sem deixar testamento, seu pae Pellegrino Seganfredo, casado, agricultor, natural de Italia, com oitenta e trez anno de idade, filho ... de Antonio Seganfredo e de Lucia Carli, ambos fallecidos na Italia, deixando sobreviventes a mulher Maria Volpato e os cinco seguintes filhos; Antonio com quarenta e oito annos, José com quarenta e seis annos, Lucia com quarenta e quatro annos, Carlos com quarenta e um annos e Luiz com trinta e sete annos de idade. Foi sepultado no cemeterio d'esta séde. Do que para constar lavrei este termo que commigo assignam o declarante com as testemunhas Francisco Chiomento e Pedro Ferretto, ambos residentes n'esta séde. Eu Francisco Dall'Igna official do Registro civil o escrevi e assigno. (as) Francisco Dall'Igna Giosé Seganfredo Francesco Chiomento Pedro Ferretto".-

Registro Civil das Pessoas Naturais
Titular do Ofício: Neusa Maria Cassol
Nova Prata - RS
Av. Luiz Marafon, 228 - Bairro Centro
Fone: (54) 3242-1009

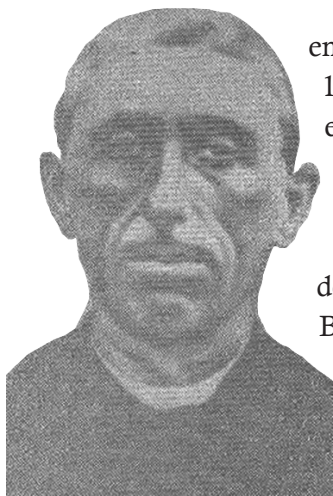
O conteúdo da certidão é verdadeiro. Dou fé.
Nova Prata, 14 de agosto de 2017.

Neusa Maria Cassol
Neusa Maria Cassol
Registradora

Fonte Digital de Focalização Notarial e Registral (Lei Estadual n.12.660/2006)	0387.00.1400002.13318
Certidão: RS 25/00 - Processamento eletrônico: R\$ 4,50 - Selos: R\$ 4,10 - Nota nº 7084	
A validade dos selos digitais poderá ser consultada no site do Tribunal de Justiça: www.tjms.jus.br	

Certidão de óbito de Pellegrino, o Patriarca.

1.2.2. O Padre Antonio Seganfredo



O Padre Antonio Seganfredo

Padre Antonio Seganfredo nasceu em Mason Vicentino em 12 de junho de 1851, VI-Itália. Ordenou-se sacerdote em 31 de março de 1895 pelas mãos de Dom Giovanni Battista Scalabrini. Retornou ao Rio Grande do Sul em setembro de 1896. Faleceu em 23 de dezembro de 1912 em Porto Alegre-RS, Brasil.

Este que se tornou um carismático sacerdote emigrou temporariamente para o Brasil depois da baixa do serviço militar em Bassano del Grappa no ano de 1880 e foi para Mason Vicentino. Provavelmente logo depois tenha começado os preparativos para emigrar para o Brasil junto com outros compatriotas para trabalhar na abertura da estrada Buarque de Macedo no Rio Grande do Sul onde empregou-se como ajudante de cozinheiro e serviços gerais. Segundo a irmã Mafalda Seganfredo ele exercia um papel que os italianos chamavam de “preoto”, organizava o grupo de trabalhadores e também era encarregado de rezar com eles à noite. Foi nesta situação, longe da Pátria e trabalhando na região montanhosa da serra gaúcha que pensou em retornar à Itália e preparar-se para ser um sacerdote. Com o dinheiro que recebeu deste trabalho retornou e estudou no primeiro momento no Instituto Mander di Fonte Alto (TV) e depois no Instituto para Emigrantes fundado por Dom Giovanni Battista Scalabrini em Piacenza.

Ordenado sacerdote em 1895 retornou para o Rio Grande do Sul, Brasil em 1896, partindo de Piacenza em 20 de julho.

Embarcou em Genova no navio Edilio Ré juntamente com 2218 emigrantes. Trabalhou até o final de sua vida para o bem estar dos seus compatriotas. Simples e pobre, este era o padre Antonio Seganfredo.

Por ter sido uma vocação madura, ordenou-se padre com 44 anos de idade era chamado pelo apelido carinhoso de “Barba Toni” o que se traduz para “Tio Antonio”.

Sobre esta viagem escreveu – “Celebrei vinte missas. Durante a viagem morreram seis crianças com menos de um ano e uma mulher de trinta anos. Nasceram duas crianças”.

O Capitão do navio Emanuele Pezzolo escreveu ao bispo Dom Giovanni Battista Scalabrini no dia 17 de agosto de 1896 dizendo: - “Foi uma honra ter a bordo o Padre Antonio Seganfredo que pertence a vossa Congregação. Observei o quanto este sacerdote fez pelos 2.100 emigrantes em uma situação difícil como a nossa, tendo a bordo tantas pessoas de diversos lugares e em tão pequeno espaço. Ele confortou os tímidos e os deprimidos e contribuiu para manter a paz no navio. Seria muito bom contar com um missionário pertencente ao Instituto fundado por Vossa Reverendíssima.

O navio Edílio Ré partiu do porto de Nápoles fez escala nos portos de Genova, Itália, Santos em São Paulo e no porto do Rio de Janeiro onde terminou a viagem.

São João do Herval ou Capoeiras foi o lugar que o padre Antonio Seganfredo escolheu para exercer o seu ministério sacerdotal. Conta-se que o lugar era chamado de “Capoeiras” porque no passado a floresta fora destruída por um forte ciclone, outros diziam que os índios da tribo Kaingang (kaingang significa “homem da floresta”) que ali habitavam até aproximadamente o ano de 1850 teriam incendiado a mata e daí em diante ela não mais cresceu, somente arbustos e ervas rasteiras. Tempos depois ali surgiu a Vila do Prata.

No ano de 1888 a estrada Buarque de Macedo já estava concluída de Capoeiras até a cidade de Montenegro. Começaram a

estabelecer-se ali os imigrantes italianos e dois anos depois os poloneses. No ano de 1889 Silvério Antônio de Araújo que era proprietário de uma grande gleba de terras naquela região doou cerca de uma colônia de terras (242.000m²) em honra ao Patrono São João Batista para que ali se fizesse uma igreja e o traçado para formar o vilarejo. Era preciso iniciar a colonização de todas aquelas terras incultas, pois o governo brasileiro editara uma lei chamada LEI DE TERRAS 1850, determinando que quem possuísse grandes áreas de terra deveriam não só habitar nelas mas fazê-las produzir. Logo em seguida foi erguida uma igreja em madeira cuja foto se encontra no Museu Domingos Battistel em Nova Prata.

Sobre o trabalho dos primeiros padres scalabrinianos em Capoeiras (Nova Prata) encontramos uma sucessão de datas e nomes dos padres que trabalharam na Paróquia de Capoeiras. Vejamos:

O primeiro padre a atender os colonos radicados na região foi o padre Matteo Pasquali. Naquela época Capoeiras estava sob a jurisdição de Alfredo Chaves, agora Veranópolis. Em 1891 assumiu a missão o Padre Giosué Bardin. Em 25 de junho de 1893 foi elevada a condição de paróquia, continuando com o mesmo padre Bardin como pároco. Depois de três anos, em 1896 o Padre Giosué Bardin foi transferido para Castro Alves, (agora Nova Roma), coincidindo com a chegada do padre Antonio Seganfredo da Itália no mesmo ano que assumiu a paróquia.

Em 1910 o bispo brasileiro Dom Antonio Pimenta em visita pastoral a Capoeiras escreveu: “A ele (o padre Antonio Seganfredo) se deve a glória de haver transformado do nada este vilarejo desenvolvido, e foi ele um dos primeiros que teve a coragem de vir habitar neste lugar, até então deserto e inculto.”

No ano de 1898 o Pe Antonio Seganfredo começou juntamente com os agricultores e habitantes da vila a organizar-se para construir uma igreja em alvenaria. Começaram os trabalhos e posteriormente recebeu a ajuda do Pe Giorgio Cavigliolo em

1907, que o substituiu em 10 de outubro de 1908. Posteriormente o Pe Giorgio Cavigliolo foi transferido para Monte Bello e no seu lugar ficou o Pe Carlo Porrini que concluiu a igreja e a casa paroquial.

Deste histórico deduzimos que quando o bispo dos emigrantes Dom Giovanni Battista Scalabrini esteve no Brasil e no Estado do Rio Grande do Sul em visita pastoral no ano de 1904 a Igreja de São João Batista não estava totalmente concluída.

Em cinco de agosto de 1912 o padre Antonio Seganfredo foi nomeado vigário de Nova Vicenza (de Farroupilha), porém neste mesmo ano quando estava em Porto Alegre sentiu-se muito mal e em poucas horas faleceu. Era o dia 23 de dezembro de 1912.

No dia 29 de outubro de 1915 os restos mortais do Padre Antonio Seganfredo foram transferidos para Capoeiras. A população comovida foi ao encontro do féretro em uma distância de 10 km para render homenagem a tão grande benfeitor.

Foi sepultado na capela maior da igreja de São João Batista, onde em uma lápide de mármore estava escrito:

- “Ao Rvd^o. Pe Antonio Seganfredo, missionário carlista, fundador desta Igreja por 14 anos pastor amado, Capoeiras reconhecida: 1850-1912”.

Fatos que aconteceram após a morte do Padre Antonio Seganfredo: em busca da sepultura

No que se refere aos restos mortais do Padre Antonio Seganfredo, conta-se que quando os scalabrinianos deixaram de administrar a paróquia de Nova Prata em 1918 por um tempo os frades capuchinhos atenderam os fiéis, mas a partir de 1924 os padres diocesanos assumiram a administração da paróquia. Depois de um tempo decidiram reformar a Igreja. Neste período retiraram os restos mortais do Padre Antonio Seganfredo que

estavam sepultados na primeira Igreja de alvenaria e os enviaram para o padre carlista em Nova Bassano que administrava aquela Paróquia. Nestes percurso, talvez por um descuido de quem recebeu a caixa com os restos mortais não sabemos exatamente onde foram sepultados.

Segundo o Padre Antonio César Seganfredo, que esteve em busca da localização da sepultura, informou que não encontrou nada escrito sobre a localização da mesma. Pode ser que esteja em Nova Bassano ou talvez em Guaporé onde os padres scalabrinianos tem um jazigo particular.

Irmã Mafalda Seganfredo também fez a mesma observação, também tentou perguntar, porém não obteve resposta. Entretanto se não é possível ainda localizar a sepultura o que importa é o testemunho de fé que ele nos deixou. O nosso missionário viveu como ensina o Papa Francisco no tempo presente. Sejam também nós bons cristãos, discípulos de Jesus.

Em uma citação em seu livro História de Nova Prata o pesquisador Geraldo Farina escreveu:

- “Com a construção da igreja nova a primeira igreja de alvenaria foi utilizada primeiro como salão paroquial e depois como o primeiro cinema de Nova Prata”

Continua Geraldo Farina:

“-a casa canônica foi demolida na década de 30”.

Como a Igreja Nova foi concluída só em 1943 deduzimos que a igreja antiga foi utilizada para realizar os cultos até esta data, portanto a exumação dos restos mortais podem ter sido retirados somente quando a igreja nova foi concluída. Não temos uma data exata.

Também consta no livro de Geraldo Farina um texto retirado dos arquivos dos padres scalabrinianos em Roma:

“Chiesa di San Giovanni Battista de Capoeiras:
La parrocchia venne fondata nel 1893 e retta per qual-

que tempo dal P.Giosué Bardin, Sacerdote italiano della Diocesi di Porto Alegre. Traslocandosi altrove il P.Bardin, la parrocchia rimase qualche anno senza sacerdote fisso. I coloni si rivolsero a Monsenhor Scalabrini, il quale mandò loro il P. Vicentini, che dal Vescovo di Porto Alegre venne mandato all'Encantado, ma ancora quell'anno, furono accontentati coll'invio colà del P. Antonio Seganfredo alunno del nostro Istituto. Esistiva già una discreta Cappella in legno, ma troppo piccola al bisogno. Coll'aiuto dal proprietario di quelle colonie, non senza molti fastidi riuci a fabbricare una bella chiesa a tre navate dedicata a S.Giovanni Battista do Herval Grande.

Qualche mese più tardi arrivato collà P. Colbacchini, la parrocchia fu divisa rimanendo però alla Capoeiras anche il Turvo, territorio alpestre e di difficilissimo accesso”.

A referência ao nome “Turvo” diz respeito à região onde está o rio do mesmo nome. Ali se localiza a cidade de Protásio Alves. O nome “Encantado” também é uma cidade, naquela época um pequeno vilarejo.

Para finalizar esta pequena biografia do nosso antepassado Padre Antonio Seganfredo conta-se que estando ele em Porto Alegre em 1912, sentindo a proximidade da morte proferiu estas palavras: - “No futuro virá um outro Antonio Seganfredo, scalabriniano!”

Com certeza esta profecia se realizou em 16 de dezembro de 2006 quando foi ordenado em David Canabarro o Padre Antônio César Seganfredo, missionário scalabriniano (RS).



Igreja construída nos anos 1939-1943. Ao fundo a primeira igreja em alvenaria erigida pelo Padre Antonio. Fotos do acervo do Museu Domingos Battistel em Nova Prata.



Pe Antonio Seganfredo é o terceiro sentado ao lado de Scalabrini. (ed).

1.2.3. Giuseppe Seganfredo

Nasceu em 13 de novembro de 1853, filho de Pellegrino Seganfredo e Maria Volpato. Casou-se com Margherita Marcon no dia 25 de novembro de 1875 em Mason Vicentino, VI-Itália. Faleceu em 10 de junho de 1919 em Nova Bassano, Rio Grande do Sul onde foi sepultado.

Não encontramos nenhuma foto dele mas pelas feições dos descendentes ele se parecia com o irmão padre Antonio.

Filhos de Giuseppe e Margherita com seus respectivos pares:

1. Pellegrino Seganfredo nasceu na Itália no ano de 1880 e casou-se com Catterina Seganfredo, sua prima, filha de Carlo Seganfredo;
2. Maria Seganfredo nasceu na Itália no ano de 1884 e casou-se com Francisco Balzan;

3. Antonio nasceu na Itália no ano de 1885 e casou-se com Giovanna Caldieraro;
4. Caterina Seganfredo nasceu na Itália no ano de 1891 e casou-se com João Caron;
5. Lino Seganfredo nasceu na Itália no ano de 1887 e casou-se com Virginia Barbisan;
6. Riccardo Seganfredo nasceu no Brasil no ano de 1896 e casou-se com Francisca Anzolin.

Giuseppe Seganfredo partiu de Mason Vicentino para emigrar para o Brasil no dia 15 de dezembro de 1891. Aportou no Rio de Janeiro em 26 de janeiro de 1892, embarcado no vapor Solferino.

Pellegrino Seganfredo, o primeiro filho de Giuseppe Seganfredo falava que tinha 11 anos de idade quando saíram da Itália. Isto nos permite pensar que esta família havia emigrado antes da família de Carlo. Pela chegada ao Brasil e pela “folha de família” encontrada por Elena Zanettin em Mason Vicentino, isso ficou confirmado.

Na certidão de óbito de Giuseppe Seganfredo está escrito: “morreu em casa, no lote de número 37, linha IX, Senador Ramiro Barcellos, de causa desconhecida.”

Estas palavras causam sofrimento, pois nos faz pensar que naquele tempo, no Brasil os nossos antepassados morriam em casa, sem um médico que pudesse ao menos dizer qual a causa da morte, qual foi a doença.

A esposa dele Margherita Marcon faleceu alguns anos antes, em cinco de agosto de 1916 e foi sepultada em Nova Bassano.

Eles sempre foram agricultores e viveram neste endereço: Lote 37, da Linha IX, Ramiro Barcellos em Nova Bassano.

Giuseppe viveu apenas 27 anos no Brasil. Pensamos que ele e sua esposa morreram mais jovens que Carlo e Giovanna porque quando chegaram as dificuldades eram maiores, pois eles

fizeram parte do elenco dos primeiros colonizadores de Nova Bassano.

Deixaram uma descendência numerosa. Alguns dos descendentes ainda vivem em Nova Bassano, outros migraram para outras regiões do Brasil, procurando novas terras. Estão em Santa Catarina, Paraná, no norte do Brasil, no centro oeste, enfim, continuaram migrando como seus antepassados. As gerações posteriores já não são mais agricultores, ou se são trabalham dentro da tecnologia com equipamentos modernos, mas a tendência das novas gerações é de estudar e atuar nos diversos campos de conhecimento: professores, bancários, advogados, médicos, contabilistas, psicólogos. Jornalistas, administradores, publicitários, trabalham em serviços públicos, etc.... em todas as áreas, praticamente.

A vida social de Giuseppe Seganfredo

No livro *Nova Bassano das origens ao raiar do século XX*, de D. Laurindo Guizzardi, bassanense e também nos escritos sobre “Pioneiros Scalabrinianos no Rio Grande do Sul, lê-se que Giuseppe Seganfredo foi um dos agricultores que movimentou os colonos para reivindicar para a população daquela região a presença de um padre. Diz-se que o irmão dele Antonio Seganfredo que estava na Itália estudando para tornar-se padre o instruíra para que preparasse com antecedência o movimento para requerer um padre fixo ali, então quando ele voltasse para o Brasil gostaria de se estabelecer em Nova Bassano para exercer seu ministério.

Recordemos que enquanto Antonio voltava para a Itália depois de ter trabalhado como empregado na construção da Estrada Buarque de Macedo Giuseppe chegou ao Brasil em 1892 e em Nova Bassano (que ainda não era assim chamado) ali não havia nem Igreja e nem vilarejo. Seguindo as instruções do irmão Giu-

seppe começou a falar com os compatriotas e formaram uma comissão para tratar do assunto com o bispo em Porto Alegre. Giuseppe e Antonio esperavam que quando este último voltasse já padre ao Rio Grande do Sul pudesse se estabelecer ali, já com a devida licença. O desejo de Antônio era o de reunir ali os seus familiares. Formaram um comitê de colonos e se dirigiram ao bispo do Rio Grande do Sul, com sede em Porto Alegre D. José Gonçalves Ponce de

Mod. II
 DICHIARA VIGENZA _____
 PARROCCHIA S. ANDREA DI MASOU VICENTINO
 Via Chiesa, N.º _____
 Città MASOU VICENTINO CAP. 56064 Prov. VI _____

CERTIFICATO DI BATTESIMO

Battesimo del neonato del convento del anno 1853 celebrato in
 questa Chiesa Parrocchiale n. 9 pag. 58 sotto del
 GIUSEPPE SEGANFREDO
 figlio di PELLEGRINO SEGANFREDO e di MARIA VOLPATO
 nat. a MASOU VICENTINO il giorno 13 NOVEMBRE 1853
 in presenza di nella chiesa di MASOU VICENTINO il giorno 10 NOVEMBRE 1853
 ad ista finché apparso le seguenti circostanze:

Il presente certificato si rilascia per aver _____ CONSENTITO SALVA LEGGE
 addì 6 FEBBRAIO 1853 IL PARRICO _____
 L.S. _____

CURIA VESCOVILE VIGENZA
 Fido per l'Amministrazione ANNO 1853 M. R. _____
 G. L. _____
 IL CANCELLIERE VESCOVILE _____

Certidão de batismo de Giuseppe Seganfredo. Cedida gentilmente por Maitê Seganfredo.

Leão. No princípio este pedido foi negado, mas os colonos não se deram por vencidos e se dirigiram a D. Giovanni Battista Scablbrini. Por fim tudo ficou acertado: era necessário um sacerdote ali para que fundasse uma vila e construísse uma Igreja. Porém o desejo do Pe. Antônio não se realizou, o padre Pietro Colbacchini chegou um pouco antes e se estabeleceu em Nova Bassano. Logo começou a organizar os colonos e construíram uma Igreja em madeira. Providenciou o traçado para a criação da vila e é considerado o fundador de Nova Bassano. Porém entre Nova Bassano e Nova Prata são poucos km de distância, e se naquele tempo havia somente cavalos e mulas para locomover-se pode-se dizer que ele conviveu sempre com a família emigrada da Itália e trabalhando para o desenvolvimento de Nova Prata.

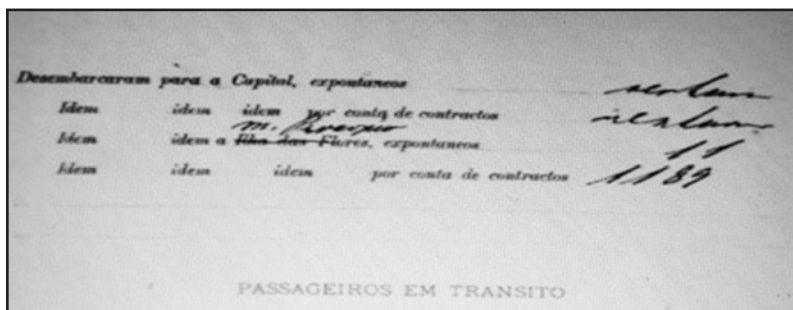
Padre Antônio sempre esteve perto dos seus. Quando o outro irmão Carlo com os pais idosos chegou em 1897 ele não os abandonou à própria sorte, mas esteve com eles até que pudessem se adaptar ao novo País.

Giuseppe	30
Antonio	36
1° Pellegrino	11
4 Maria	7
4 Antonio	6
4 Gino	4
4 Caterina	7

Parte do livro de bordo do navio Solferino.
Entrada da família de Giuseppe Segnfredo.

FRONTEIRAS - DFNIAF	
RELAÇÕES DE PASSAGEIROS EM VAPORES	
PORTO DO RIO DE JANEIRO	
NOTAÇÃO: BR. AN. RIO. OL. O. RPV. PRJ.	4664
VAPOR:	SOLFERINO
DATA:	26.01.1892
PROCEDENCIA:	GENOVA
NÚMERO DE FOLHAS:	16

Data da chegada ao porto do Rio de Janeiro (26 de janeiro de 1892).

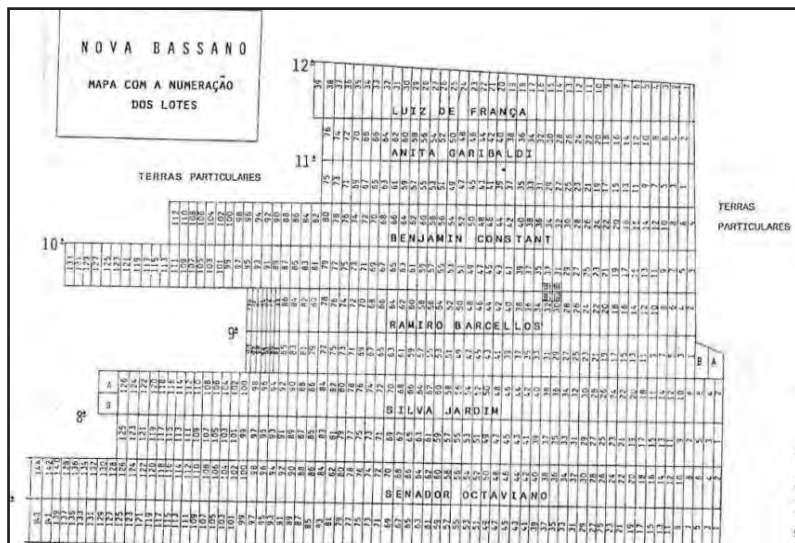


Outro trecho do livro de bordo mostra que neste navio chegaram 1189 emigrantes.

Nesta página do elenco dos primeiros colonizadores de Nova Bassano consta os nomes de Giuseppe Seganfredo e Girolamo Lovison (área em m²).

Concessionari	Lotti	Area	Prezzo	Conc.	Pag.
Brenna Luigi	28	302.500	0,62	1891	—
Prado Felice	29	138.600	0,62	1891	1899
Da Re Lorenzo	29 A	138.600	0,62	1891	1897
San Pietro Carlo	30	302.500	0,62	1891	1897
Lovison Girolamo	31	278.710	0,62	1891	1898
Zorzo Matteo	32	302.500	0,62	1891	1897
Balzan Nicola	33	280.225	0,62	1892	1898
Dalla Costa Valentino	34	302.500	0,62	1891	1897
Rigo Pietro	35	139.700	0,62	1891	1898
Lovison Girolamo	35	139.700	0,62	1891	1898
Azzolin Giovanni Battista	36	302.500	0,62	1891	1891
Vedana Seganfredo Giuseppe	37	75.625	0,62	1891	1897
	37	226.875	0,62	—	1897

No livro de Dom Laurindo Guizzardi estão nominadas 424 famílias distribuídas em 5 linhas.



Mapa do projeto de colonização de Nova Bassano.

São seis linhas, numeradas de 7 a 12, portando um nome de uma figura pública. Estas ditas “linhas” eram medidas de terra formadas por lotes de mais ou menos 30 hectares cada, que eram demarcados lado a lado assim formando uma “linha”. Os colonos geralmente compravam esta medida de terra que podia ser paga entre 5 e 10 anos. Poucos adquiriam mais de 30 hectares pela dificuldade em pagá-las com o que viriam a produzir em um espaço de tempo relativamente curto.

Eram terras devolutas, pertencentes ao poder público.

Número e nome destas linhas: 7 - Senador Octaviano, 8 - Silva jardim, 9 - Ramiro Barcellos 10 - Benjamin Constant, 11 - Anita Garibaldi, 12 - Luiz de França.

1.2.4. Lucia Seganfredo



Lucia Seganfredo

Lucia nasceu em 12 de junho de 1856 em Mason Vicentino - VI - Itália. Casou-se com Girolamo Lovison em 24 de janeiro de 1877. Faleceu em Nova Bassano em 28 de dezembro de 1941, onde foi sepultada. Girolamo Lovison nasceu na Itália em 1851, filho de Andrea Lovison e Caterina. Faleceu em 1922 em Nova Bassano, onde foi sepultado.

Filhos de Lucia Seganfredo e Girolamo Lovison com seus pares.

1. Luigi Lovison nasceu na Itália em 1886, casou-se com Angela Carollo;
2. Caterina Lovison nasceu na Itália em 1887, casou-se com Camillo Sasso;
3. Andrea Lovison nasceu na Itália em 1879, casou-se com Fortunata Anzolin;
4. João Lovison, nasceu no Brasil, casou-se com Emília Dalla Costa;

5. Antonio Lovison nasceu no Brasil, em 1900, casou-se com Aurélia Lazzarotto.

Entre os descendentes de Antonio Lovison um deles merece um destaque especial: Luis Molossi, natural de Nova Bassano hoje residente em Curitiba, Paraná. Luis é coordenador desde o ano de 2010 do MAIE: MOVIMENTO ASSOCIATIVO “ITALIANI ALL’ESTERO” e se dedica ao trabalho de porta voz dos italianos no exterior, viajando pelas Américas, visitando as comunidades italianas e reportando ao governo da Itália as dificuldades e necessidades dos mesmos.

Luis Molossi é bisneto de Lucia e Girolamo, neto de Antonio e Aurelia Lazzarotto, filho de Angelo Francesco Molossi e Hermelinda Lovison.

Sobre Lucia Seganfredo e Girolamo Lovison não sabemos muito, todavia na “folha de família” em Mason Vicentino está confirmado que esta família com os três filhos partiram no mesmo dia de Giuseppe Seganfredo para emigrar para o Brasil, em 15 de dezembro de 1891, porém não encontramos os nomes deles na lista de bordo do Vapor Solferino. Possivelmente embarcaram em outro vapor, pode ser um pouco antes ou depois, porém no livro Nova Bassano, das Origens ao Limiar do século XX, de D.Laurindo Guizzardi lê-se que esta família já em 1891 morava no lote 35 da linha IX e que possuíam mais um lote de número 31, onde devem ter construído a casa, porque no livro de genealogia do frei Rovilio Costa onde está registrada a morte de Lúcia lê-se: “- **Lúcia faleceu de morte natural em 28.12.1941, no lote 31 na Linha Ramiro Barcellos.**” A família de Lucia e Girolamo Lovison e a família de Giuseppe Seganfredo moravam na mesma linha, estão portanto no elenco dos primeiros colonizadores de Nova Bassano, antes que chegasse o Pe Pietro Colbacchini.

Sobre a data que está no livro Nova Bassano das origens ao limiar do século XX Giuseppe Seganfreddo e Girolamo Lovison teriam chegado em 1891 porém a data não é exata, pensamos ser

uma referência ao ano em que partiram da Itália, 15 de dezembro de 1891, chegando em janeiro 1892, conforme lista de bordo do vapor Solferino.

Também desta família originou-se uma numerosa descendência, uns ainda habitam em Nova Bassano, outros migraram, mudaram de profissão, estudaram e assumiram outras atividades profissionais, como todas as famílias descendentes dos primeiros Seganfredo e de origem européia em geral.

1.2.5. Carlo Seganfredo



Carlo e Maria Giovanna. Foto cedida gentilmente por Henrique Seganfredo.

Carlo Seganfredo nasceu em oito de outubro de 1858 em Mason Vicentino, VI-Itália. Casou-se com Maria Giovanna Nicoli em 28 de janeiro de 1885, ela filha de Domenico Nicoli e Caterina Fiorentin. Faleceu em 17 de maio de 1945 em Nova Bassano, onde foi sepultado. Maria Giovanna Nicoli faleceu em 11 de janeiro de 1933 em Nova Bassano, onde foi sepultada.

No livro Povoadores das colônias Alfredo Chaves, Guaporé e Encantado lê-se: “Seganfredo Carlo nasceu em Mason Vicentino, VI, casado com Giovanna Nicoli, faleceu em 17.5.1945 com 87 anos, foi sacristão durante 26 anos.”

- “Nicoli Giovanna faleceu em 11.1.1933 em Nova Bassano,

de morte natural, filha de Domenico e Catterina Fiorentin, nasceu em Mason Vicentino -esposa de Carlo Seganfredo, com 71 anos, sacramentada em Nova Bassano.”

Carlo foi citado como sacristão. Naquela época o sacristão acompanhava o padre nas visitas às comunidades e tinha um papel relevante.

Naqueles tempos a medicina não tinha o avanço da atualidade, não havia diagnóstico de doenças, mas sabemos que Maria Giovanna morreu de câncer. Era muito difícil ter um médico nas pequenas comunidades. Muitas pessoas morriam assim, em casa, sem diagnóstico, sem assistência médica....

Filhos de Carlo e Maria Giovanna com seus pares:

1. Catterina Seganfredo nasceu em 1882 na Itália, casou-se com Pellegrino Seganfredo;
2. Amália Seganfredo nasceu em 1885 na Itália, casou-se com Augusto Segalin;
3. Maria Seganfredo nasceu em 1886 na Itália, casou-se com Natale Luigi Signori;
4. Cirillo Seganfredo nasceu em 1888 na Itália, casou-se com Maria Thereza Soccol;
5. Assunta Seganfredo nasceu em 1890 na Itália, casou-se com Angelo Zandoná;
6. Lino Seganfredo nasceu em 1893 na Itália, casou-se com Thereza Parisotto;
7. Livia Seganfredo nasceu em 1896 na Itália, casou-se com Francisco Tecchio;
8. Gilberto Seganfredo nasceu no Brasil (conhecido como Alberto ou Berto) nasceu no Brasil, casou-se com Maria Tecchio;
9. Florinda Seganfredo nasceu no Brasil, casou-se com Francisco Tonini;

10. Silvio Seganfredo nasceu no Brasil e casou-se com Palmira Vanzin;
11. Luis Seganfredo nasceu no Brasil e casou-se com Elisa Tedesco;
12. Augusto Seganfredo nasceu no Brasil e casou-se com Maria Segalin.

Não sabemos a data de nascimento dos nascidos no Brasil porém sabemos que a diferença de idade entre eles era pequena.

Sobre Carlo Seganfredo sabemos que partiu de Mason Vicentino no dia 30 de março de 1897 com os filhos e os pais Pellegrino e Maria Volpato, já idosos. Luigi o acompanhou nesta data com o intuito de embarcar também mas pelos motivos já citados impedido de prosseguir retornou para Mason Vicentino. Carlo embarcou com a família e os pais idosos no porto de Gênova em quatro de abril de 1897. Aportaram no Rio De Janeiro após quarenta dias de viagem a bordo do navio Rio de Janeiro, conforme está escrito nos documentos encontrados no Arquivo Histórico de Minas Gerais, referente a estada deles na Hospedaria Horta Barbosa na Cidade de juiz de Fora enquanto aguardavam o encaminhamento para a fazenda de café, onde iriam trabalhar.

Aconteceu que ao chegarem no Brasil ao invés de serem encaminhados para o Rio Grande do Sul onde já estavam Lucia, Giuseppe e o Pe Antonio, como não falavam o português seguiram com outros agricultores para uma fazenda de café em Minas Gerais.

Nos escritos sobre os primeiros padres scalabrinianos no Rio Grande do Sul este episódio é citado através de uma carta que o Pe Antonio Seganfredo enviou ao bispo dos imigrantes Dom Giovanni Battista Scalabrini.

A carta

- “Excelência, um percalço infeliz jogou na miséria a minha pobre família, tanto é que em quatro de abril deste ano(1897) os meus velhos pais tiveram de zarpar de Gênova em companhia de um dos meus irmãos com a mulher e sete filhos. Quando chegaram no Rio de Janeiro ao invés de serem embarcados para o Rio Grande do Sul como queriam foram enviados a Minas Gerais, acabando sob as garras de um fazendeiro que apenas lhe fornecia o necessário para se alimentar.

Quando soube do acontecido parti no dia dois de julho e regressei em oito de setembro(1897), tive de deixar meus velhos pais – o pai com 81 anos e a mãe com 69 anos em São João do Montenegro. Não pude trazê-los comigo por causa do mau tempo e das estradas totalmente impraticáveis. Eu vim acompanhado por meu irmão e por cinco dos seus filhos, caminhando três dias sob chuva torrencial. Digo-o sinceramente, Excelência, provei as penas do purgatório, para não dizer do inferno!Cheguei, senão com boa saúde, pelo menos vivo!”

Com esta carta podemos deduzir que o Pe Antonio deixou em Montenegro a mãe, o pai, a cunhada Maria Giovanna e dois dos filhos menores de Carlo, Lino e Lívia.

A primeira filha de Carlo, Catterina contava apenas 14 anos de idade, como se lê no registro de chegada no Brasil. No livro Pioneiros Scalabrinianos no Rio Grande do Sul na página que trata das vivências de “Barba Toni” lê-se: - “embarcaram com a viagem grátis e traziam 200 libras doadas pelo pároco de Mason Pe Antonio Cogo” e mais “em Minas Gerais foram tratados como escravos e nesta condição de miserabilidade me escreveram pedindo ajuda. Onde estavam grassava a febre amarela e havia tantos mosquitos que não os deixava em paz, nem de dia nem de noite, e, nestas condições estavam com os corpos cobertos de chagas!”.

Catterina contava que enquanto estavam na fazenda de café

dormiam todos juntos em um galpão. Chegamos à conclusão que dormiam na senzala dos escravos recém libertos.

Não sabemos exatamente como o Pe Antonio Seganfredo ficou sabendo onde eles estavam em Minas Gerais, como conseguiram se comunicar com ele. É mais provável que tivesse sabido da partida pelos parentes italianos e como não chegaram no Rio Grande do Sul pôs-se a procurar, pois se eles chegaram no Brasil em maio de 1897 e ele partiu só em julho do mesmo ano para resgatá-los! Já estavam à três meses na lavoura de café!

O que sabemos apenas é que foram parar em Minas Gerais e que provavelmente por ser padre pode ter facilitado o resgate! Havia um contrato de trabalho com o fazendeiro!

Os detalhes desta epopéia ainda não estão totalmente esclarecidos. Mas, naquele tempo uma viagem de mais de 3.000 km entre ida e volta era muito penosa. Os meios de transporte eram precários. Para ir do Rio Grande do Sul até Minas Gerais utilizava-se a navegação fluvial, marítima, férrea...e também como lê-se na carta, caminhando!

Por este ato de heroísmo, de ter partido do Rio Grande do Sul para resgatar a sua pobre família de imigrantes e ter demorado de julho até setembro para retornar para a missão o Pe Colbacchini não o via com bons olhos e procurava afastá-lo da missão no Rio Grande do Sul.

Cansado da perseguição e acusações falsas o Pe Antonio resolveu escrever ao bispo Giovanni Battista Scalabrini.:

“Me ajoelho aos vossos pés, me sinto triste e depressivo porque o padre Pietro Colbacchini me acusa de coisas que não fiz!”

E conta na carta tudo o que aconteceu com sua família e disse que tinha como testemunha desta verdade o Padre Marcos Simoni. E mais:

“São dois anos que estou no Brasil e sempre fui difamado pelo padre Pietro. Eu suportei em silêncio, não digo nada. Agora ele me chama de “o esperto cimbro” porque sabe que sou descendente dos cimbrós”.

Com este relato não queremos de forma alguma desmerecer o Pe Pietro Colbacchini. Ele tinha uma personalidade forte e a opinião pessoal de que o comportamento do colega padre Antonio não era adequada a um sacerdote. Mas, olhando para o passado observamos que os padres tinham uma formação muito rígida, eram os padrões da época e o nosso missionário Pe Antonio Seganfredo misturava-se com mais facilidade com os colonos, sem no entanto desmerecer o Sacramento da Ordem que recebera. O Pe Pietro Colbacchini sofreu muito por ter esta característica dura, faleceu em Nova Bassano no dia 30 de janeiro de 1901 com 55 anos de idade.

Com o passar do tempo a família do Pe Antonio Seganfredo conseguiu se estabilizar e ele escreve novamente:

“Agora as coisas estão indo bem! Em 1898 meu irmão Carlo conseguiu um lote de terras na linha IX, onde está meu outro irmão (Giuseppe). Meu pai faleceu no ano de 1899 e minha mãe foi morar na colônia em meados de 1900. Agora os problemas familiares estão resolvidos”.

Pela leitura destas cartas concluímos que, desde a chegada ao Brasil em 1897 os pais e o irmão Carlo com a família permaneceram com ele até que se estabeleceram definitivamente. Carlo era sacristão e exerceu este trabalho por muito tempo, no primeiro momento em Capoeiras e depois em Nova Bassano.

Da história oral, contada por Leonilde Seganfredo Dalla Costa, filha de Catterina, esta falava: - “Carlo era aquele que trabalhava com os padres”.

Carlo Seganfredo deixou uma numerosa descendência. Muitos migraram de Nova Bassano, alguns lá permaneceram e

nas cidades circunvizinhas. Também evoluíram com o passar do tempo, estando representados em todas as áreas de conhecimento, nas mais variadas profissões. Também depois da terceira e quarta geração estão radicados em muitos Estados brasileiros.

3	Seganfredo Pellegrino	80	m	c	
4	Maria	69	f	c	Italiana
5	Carlo	38	m	c	
6	Giovanna	35	f	c	
7	Caterina	14	f	c	
8	Amalia	11	f	c	
9	Maria	10	f	c	
10	Cirillo	8	m	c	
11	Amalia	6	f	c	
12	Lina	4	m	c	
13	Lisia	4	f	c	

Documentos da Hospedaria Horta Barbosa. Cidade: Juiz de Fora, Minas Gerais. Entrada da família de Carlo Seganfredo com os genitores.

Trecho da lista de bordo do livro de entrada de imigrantes transcrito:

APM - Arquivo Público Mineiro

SA-920 - SEGANFREDO

Chefe da família: SEGANFREDO Pellegrino - 80 anos

Livro: SA-920 pag.: 93

Data: 02/05/1897 (Data de entrada na Hospedaria)

Nacionalidade: Italiana

Dependentes: SEGANFREDO Maria - 69 anos - mulher

SEGANFREDO Carlo - 38 anos - filho

SEGANFREDO Giovanna - 35 anos - mulher

SEGANFREDO Caterina - 14 anos - filha

SEGANFREDO Amalia - 11 anos - filha

SEGANFREDO Maria - 10 anos - filha
 SEGANFREDO Cirillo - 8 anos - filho
 SEGANFREDO Assunta - 6 anos - filha
 SEGANFREDO Lino - 4 anos - filho
 SEGANFREDO Livia - 6/12 meses - filha
 Embarcação: Rio
 Microfilme: Rolo 04

Estação Terrea	Natureza da lavoura	Data da saída
	Café	12-5-97

O mesmo documento na ficha descritiva. Nele, lê-se: Indicação de transporte: estação férrea. Natureza da lavoura: café. Data da entrada na Hospedaria Horta Barbosa: 02.05.1897.



Embaixo do nome da cidade Juiz de Fora: “viagem por conta do governo”, o que denota que houve um contrato entre o Estado de Minas Gerais e o governo italiano para trazer esta leva de imigrantes.

Nome do contratante
Agostino Zago

Nome do contratante: Agostino Zago. Esta pessoa chamada "Agostino Zago" foi a responsável por este contrato Brasil-Itália.

DESTINO	
Logar para onde seguirão	Município
Conquista	Sacramento

Região para onde foram enviados: Conquista, município de Sacramento. Localização: Triângulo Mineiro, sudeste do Brasil. No tempo presente as divisões de jurisdição nesta região são outras. Conquista é um município emancipado.



Distância percorrida pelo Pe. Antonio até o lugar onde estavam os familiares



18 h 47 min (1.593,0 km) via BR-050



2 h 50 min (180,6 km) via BR-470

Os mapas são do tempo presente

O que podemos deduzir deste episódio é que quando Carlo com a família e os genitores partiram da Itália não sabiam que seriam enviados a trabalhar em uma lavoura de café.



Trajeta que os imigrantes faziam ao chegar ao Brasil

Quando partiam da Itália os imigrantes só sabiam que viriam para a América. A viagem nos vapores durava mais ou menos 40 dias. Aportavam ou no Rio de Janeiro ou no Porto de Santos em São Paulo. Só quando chegavam no Brasil saberiam em qual região do País seriam enviados. Ao desembarcarem se apresentavam à **Inspetoria Geral de Terras, Agência Oficial de Colonização**, onde forneciam os seus dados pessoais, listados família por família. Então ficavam sabendo qual era sua destinação no novo País, embora quase todos os contratos já estivessem firmados entre as Províncias brasileiras e os países de origem do imigrante.

Se fosse necessário fazer a “quarentena” ficavam os 40 dias ou menos na Ilha das Flores no Rio de Janeiro e depois eram liberados. Isto acontecia se houvessem doentes a bordo. Se desembarcassem em Santos, São Paulo, ficavam na Hospedaria do Imigrante. Conforme informação do arquivo nacional recebida em 2017 a hospedaria em São Paulo só foi criada em 1891. O

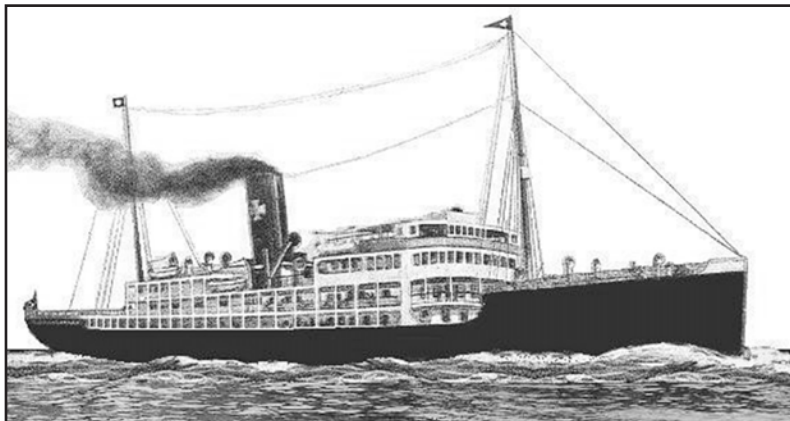
documento recebido cita que governos provinciais eram proativos, isto é, não dependiam do governo Imperial e nem logo depois do republicano para contratar mão de obra estrangeira, ou seja, trazer imigrantes, por isso muitas vezes os vapores traziam as “cargas humanas” que já eram encaminhadas para o destino, como exemplo, uma fazenda de café.

Se fossem destinados aos Estados do Sul do Brasil havia dois caminhos:

1. Poderiam ser enviados pelos mesmos vapores maiores,mas que se dirigiam para Buenos Ayres e Montevideu, então desembarcavam no Porto de Rio Grande e dali iam por terra até Porto Alegre ou embarcavam em outro navio a vapor menor que os deixava nas margens do lago Guaíba.
2. Se desembarcassem no Rio ou São Paulo depois eram embarcados em vapores menores,os navios a vapor da “Costeira” (Companhia Nacional de Navegação Costeira) e aportavam diretamente em Porto Alegre, as margens do lago Guaíba.

De Porto Alegre seguiam agora em barcaças por via fluvial pelo rio Caí. Aqueles que se destinavam a Bento Gonçalves desembarcavam em São João do Montenegro. Quem era enviado para Caxias do Sul parava em São Sebastião do Caí. Todos seguiam destes dois pontos de parada a pé, com carroças, mulas, seguiam em caravanas até o destino final.

Na volta do Pe. Antonio Seganfredo de Minas Gerais com os pais, deduzimos que vieram de Conquista, onde estavam até São Paulo de trem e depois, seguiram um destes trajetos, e como diz, no final, pararam em Montenegro e daí seguiram a pé para Capoeiras (Vila do Prata).



Vapor da Companhia Nacional de Navegação Costeira. Transportavam passageiros e cargas de norte a sul do Brasil com navios a vapor, sempre navegando pela costa. Com estes vapores os imigrantes chegavam até Porto Alegre.

Nesta época a maioria das pessoas se locomovia de norte a sul do Brasil com estes vapores chamados “ita” (pedra em Tupi Guarani) que faziam navegação de cabotagem, inclusive existe uma música popular da autoria de Dorival Caymmi que faz uma citação:

“Peguei um “ita” no norte
Prá vir pro Rio morar
Adeus meu pai, minha mãe,
Adeus Belém do Pará” ...

Apenas um trequinho da música que foi muito cantada e ainda é.

2.1. Etnias e início do povoamento de Nova Bassano e Nova Prata

O povoamento de um determinado lugar do Rio Grande do Sul facilita o nosso entendimento, pois os imigrantes vinham de diversas regiões da Itália e aqui se misturavam não só com

compatriotas de outras regiões da Itália, mas com outros países europeus e as outras etnias que já viviam no Rio Grande do Sul. e em todo Brasil.

Segundo o pesquisador Geraldo Farina, o povoamento de Nova Prata (Capoeiras) começou oficialmente no ano de 1884, porém não existem documentos comprobatórios, é provável que tenha começado um pouco mais tarde.

Nova Bassano tem confirmado o povoamento a partir de 1891/1892.

No processo de formação histórico-cultural várias etnias se radicaram ali:

Italianos, poloneses, alemães e uma etnia que podemos denominar de brasileira, a mistura das raças de brancos portugueses com os afrodescendentes. Os italianos vieram das regiões do Vêneto, Lombardia, Trento e Toscana.

Como cada um falava um dialeto diferente ao longo do tempo para comunicar-se entre si começaram a misturar os dialetos e inserir palavras da língua portuguesa e assim se formou a língua Talian, reconhecida oficialmente no Brasil como patrimônio imaterial e também como língua latina.

Os poloneses contavam mais ou menos com 2.100 indivíduos e chegaram ao ano de 1891, povoando Vista Alegre, a Sexta dos Polacos era a linha General Osório, mapa de Nova Prata, a sétima era a linha Senador Octaviano, do mapa de Nova Bassano e a oitava era a linha Silva Jardim, do mapa de Nova Bassano.

Só falavam polonês, o que dificultou a interação com os italianos que os chamavam de “polachi senza bandiera (polacos sem bandeira) porque a Polônia estava subjugada desde 1795 pela Rússia, Prússia e Áustria. Mas eles eram católicos, sadios e fortes moral e fisicamente.

Havia também alguns alemães, mas em menor quantidade, dentre os quais Guilherme Licks que possuía imenso pinheiral, onde Cornélio Seganfredo e seus irmãos foram trabalhar no corte de araucárias para ganhar dinheiro e comprar mais terras em

outros lugares. Dois irmãos de origem alemã Jacob Ely e José Carlos Ely também compraram 200 colônias de terras e fizeram um loteamento e as venderam. Quanto aos brasileiros descendentes da mistura de portugueses com africanos trabalhavam mais nas serrarias, no transporte das madeiras, nas atafonas (pequenas fabriquetas de farinhas) e outros serviços pesados aos quais já estavam acostumados.

2.2. O povo Cimbro

Entre os imigrantes provenientes do Vêneto, muitos eram originários do planalto de Asiago e portanto de origem cimbra. Também o Pe Antonio Seganfredo em uma das suas cartas escreveu que o Pe Colbacchini o chamava de “astuto cimbro”. Parece que o nosso missionário também confirma que o sobrenome Seganfredo tenha origem Cimbra (SIEGFRIED=aquele que vence pacificamente).

Para entender melhor quem eram os cimbros Alessandro Seganfredo escreveu um pequeno texto sobre este povo proveniente da atual Baviera na Alemanha.

2.3. História do povo Cimbro

Entre os séculos X e XII as montanhas que se localizam acima das planícies vicentinas e veroneses foram ocupadas por populações que provinham provavelmente da vizinha Baviera (sul da Alemanha). Os planaltos das Sete Comunes (1) de Folgaria(2) da Lessinia(3) eram praticamente desabitadas e estas populações encontraram nesses lugares novas terras para cultivar e bosques para obter madeira para as suas casas e trocar com os territórios vizinhos,

A língua falada por eles era um dialeto bávaro, semelhante



Nossos parentes italianos visitando o Museu dos Cimbrós. e.d- Irmã Rosetta, Lucrezia de Antoni, mãe de Alessandro Seganfreddo, Padre Fernando Seganfreddo, e Antonio Seganfreddo, pai de Alessandro.

ao alemão que foi falado por séculos pelos habitantes, que com o tempo viu sua população se multiplicar e então estenderam a língua, usos e costumes tradicionais até os territórios de planície. Com o passar dos séculos esta população tornou-se muito forte, tinham muito poder e uma forte autonomia da República de Veneza, do Governo Francês, e do Imperador da Áustria. Nos planaltos chegaram a formar governos próprios semelhantes a pequenas confederações que, se uniram a outras comunidades independentes a fim de regulamentar o uso de todas as propriedades públicas como os bosques e os campos. Neste contexto o mais interessante é que a língua cimbra e as tradições se mantiveram por séculos, mesmo que estando em contato com territórios onde a língua falada era o dialeto vêneto ou trentino. A decadência da cultura cimbra adveio de diversas causas. Um dos principais motivos foi a eclosão da primeira guerra mundial que exigiu que quase todos os habitantes do planalto se transferissem para outras regiões. Os Cimbrós que habitavam na Província de Trento se transferiram em localidades da Áustria e da Alemanha. Os habitantes da Província de Vicenza, destacando o ano de 1916 foram obrigados a emigrar para as planícies venetas e outras Províncias italianas. Alguns se radicaram perto de Roma ou na Sicília, outros emigraram para os Estados Unidos ou para a América do Sul (Brasil e Argenti-

na). Este fenômeno foi denominado com o nome de “PROFUGATO, ou seja, os cimbras tiveram de se dispersar. Ainda hoje é lembrado como dor e sofrimento por ter causado a separação de muitas famílias. Depois de ter terminado a primeira guerra mundial nada mais foi como antes. Muitos dos que se dispersaram não voltaram mais e a língua cimbra vai ficando cada vez mais esquecida. O fascismo impôs o uso do italiano nas escolas e nos serviços públicos. Aos poucos só os mais velhos falavam o antigo idioma; as novas gerações abandonaram muitos dos usos e as tradições que foram praticadas por séculos. No tempo presente a língua cimbra já não é mais falada nem nas pequenas localidades que são pouco habitadas: em Luserna na Província de Trento, em Roana na Província de Vicenza e em algumas pequenas localidades de Verona.

As populações que habitam hoje os planaltos são os descendentes dos antigos Cimbras. Nos últimos anos foram criadas muitas iniciativas com a finalidade de resgatar, fazer reviver e conhecer as tradições que foram praticadas por séculos nestas esplêndidas localidades. O cantor dos planaltos pode ser considerado o grande escritor Mario Rigoni Stern que narrou nos seus livros as vivências e histórias dos lugares e dos povos de origem cimbra.

Comunas situadas no planalto com a denominação em língua italiana e cimbra:

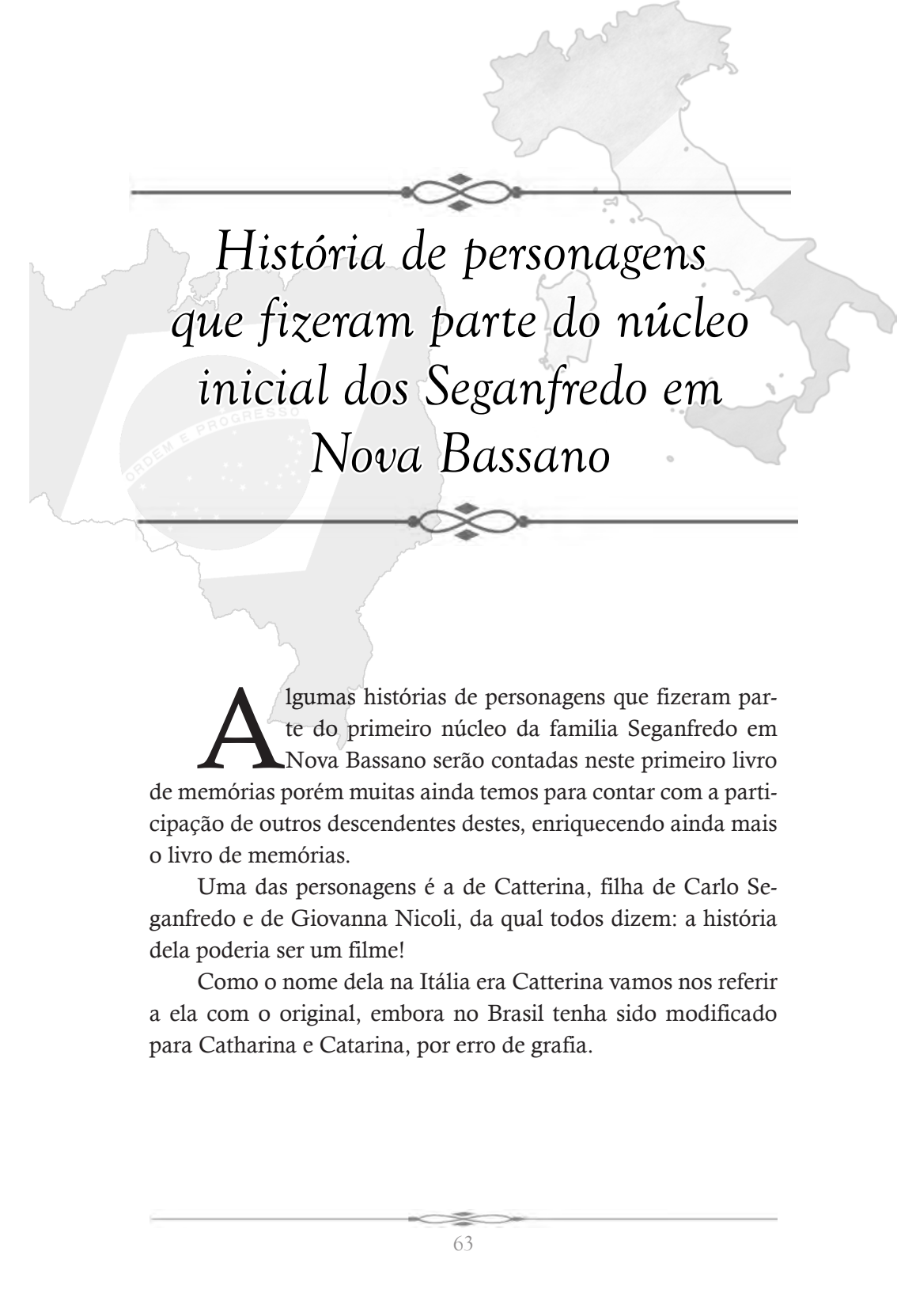
Nome italiano	Nome cimbro
Asiago	Slege
Roana	Robaan
Rotzo	Rotz
Gallio	Ghèl
Enego	Ghenebe

Nome italiano

Foza
Lusiana
Conco
Folgaria
Lavarone
Luserna
Vallarsa
Selva di Progno
Badia Calavena
Velo Veronese
Roverè Veronese
Bosco Chiesanuova
Erbezzo
San Mauro di Saline
Cerro Veronese

Nome cimbro

Vüsche
Lusaan
Kunken
Folgrait
Lavròu
Lusern
Brandtal
Brunghe
Kam'Abato
Velije
Roverait
Nauge Kirche
Bisan
San Moritz Salain
Kame Cire



*História de personagens
que fizeram parte do núcleo
inicial dos Seganfredo em
Nova Bassano*

Algumas histórias de personagens que fizeram parte do primeiro núcleo da família Seganfredo em Nova Bassano serão contadas neste primeiro livro de memórias porém muitas ainda temos para contar com a participação de outros descendentes destes, enriquecendo ainda mais o livro de memórias.

Uma das personagens é a de Catterina, filha de Carlo Seganfredo e de Giovanna Nicoli, da qual todos dizem: a história dela poderia ser um filme!

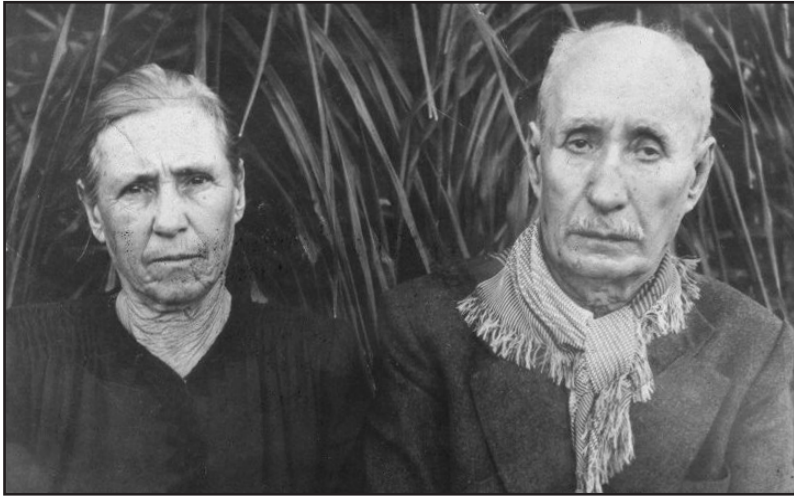
Como o nome dela na Itália era Catterina vamos nos referir a ela com o original, embora no Brasil tenha sido modificado para Catharina e Catarina, por erro de grafia.

3.1. Catterina Seganfredo

As coisas que causam dor e sofrimento geralmente não são contadas, porém a história de Catterina pensamos que deva ser, pois faz parte da história dos imigrantes Seganfredo no Brasil.

Depois que enviuvou Catterina filha de Carlo foi morar com seu filho Cornélio em Ciríaco, onde habitavam também José e Acchiles, também filhos dela que haviam migrado de Nova Bassano e se estabelecido em Ciríaco como agricultores.

Convivendo com ela ficamos sabendo do passado, desde o nascimento na Itália em 1882.



Catterina e Pellegrino. Ela filha de Carlo Seganfredo e Giovanna Nicoli. Ele filho de Giuseppe Seganfredo e Margherita Marcon. Eram primos e se encontraram no Brasil logo depois dela ter chegado com os pais e irmãos em Nova Prata.

Ela contava que quando nasceu sua mãe Giovanna Nicoli e acreditamos que também a família desta, a colocaram dentro de um cestinho de palha e a deixaram na roda dos enjeitados em um orfanato gerido por freiras, onde eram deixadas as crianças recém nascidas abandonadas. Isto aconteceu porque Carlo

e Giovanna ainda não haviam se casado e naqueles tempos as mães solteiras eram discriminadas. Os descendentes de Catterina não gostavam de falar nisso, causava um certo constrangimento, às vezes se referiam a este fato como “La Stória della nona”.

Catterina permaneceu no orfanato até os dez anos, depois foi declarada “adotável” e ficou por quatro anos de família em família, talvez porque a pobreza daqueles tempos não permitia às famílias ter mais uma boca para alimentar.

E assim permaneceu até pouco antes da família de Carlo emigrar para o Brasil. Conta-se que o Pe. Antonio Seganfredo sabia da existência dela e teria falado ao casal Carlo e Giovanna que não permitiria que viessem para o Brasil sem trazer a Catterina. Então os pais foram buscá-la, ela estava novamente no orfanato e a trouxeram para o seio da família. Com a idade aproximada de 14 anos ela conheceu seus verdadeiros pais e irmãos. Porém Giovanna nunca aceitou a filha, talvez porque ela lhe fazia lembrar do passado. Por ironia do destino nos últimos meses de vida em Nova Bassano, na casa de Silvio Seganfredo, irmão de Catterina, ela ajudou a cuidar da mãe que estava com uma doença grave.

Os descendentes de Catterina não querem com isso culpar a bisavó Giovanna, sabendo das condições que a sociedade daquela época impunha às mães solteiras.

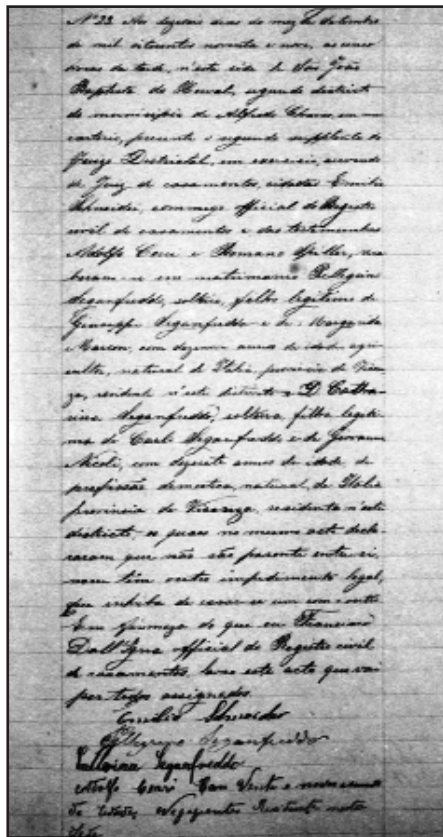
Ela era benquista pelos irmãos e sobrinhos que a chamavam de “Zia Catina”.

Depois de três anos da chegada ao Brasil Catterina casou-se com seu primo Pellegrino, filho de seu tio Giuseppe. Embora fossem agricultores, para sobreviver nas terras pedregosas de Nova Bassano ela se tornou parteira nas colônias. Muitas crianças bassanenses nasceram com sua ajuda. Quanto a Pellegrino, seu marido, por alguns anos foi professor em uma escola para as crianças dos imigrantes italianos. Lecionava em português. Como havia chegado com 11 anos no Brasil sabia bem a língua, pois acompanhou o Pe. Antonio em suas andanças por muitos

lugares onde habitavam imigrantes italianos e de outras etnias. Anos depois o governo brasileiro exigiu que os professores fossem oficialmente formados, então ele foi substituído pela professora Ana Sasso, também descendente de italianos.

Aconteceu que anos depois de sua morte na busca de documentos em Mason Vicentino fomos informados que não havia nada sobre ela registrado lá. Porém a história se confirmou. Estando o ainda diácono Antonio Cesar Seganfredo na Itália despertou a curiosidade de Alessandro sobre este meu relato (escrevi a história dela no site de Henrique Seganfredo) e este foi em busca da “folha de família” em Mason Vicentino e encontrou um documento onde consta que Catterina foi legitimada pouco tempo antes de partirem para o Brasil. A notícia chegou através de um email expedido por Alessandro Seganfreddo, um dia depois do meu aniversário no ano de 2009.

Eis o email:



Certidão de casamento manuscrita. Pellegrino e Catterina se casaram em 16 de setembro de 1899, ela com 17 anos e ele com 19. Vê-se que assinaram o no documento o sobrenome com dois “d”.

- “Presente de aniversário...um dia depois!
Cara Ana Maria,
Antes de ler este email, senta-te e se mantenha calma....

A Sra Elena Zanettin, que mora em Mason e é autora do site dos Seganfreddo e do Libro Rosso fez uma descoberta excepcional.

1. Encontrou a “folha de família” de Pellegrino Seganfreddo onde está escrito toda a composição da família. Habitavam no Bairro Castello na casa de número 289...
2. Na folha estão registrados todos os nomes dos filhos e também dos netos até então nascidos.
3. No registro está escrito que Giuseppe e Margherita com os filhos emigraram em 15 de dezembro de 1891.
4. A família de Carlo emigrou de Mason em 30 de março de 1897 com a família e os pais.
- 5. Na família de Carlo consta também que Catterina nasceu em 16 de setembro de 1882, em lugar incerto e legitimada (está escrito assim mesmo) antes da partida para o Brasil.**

Pode ser que a mãe, chegando a hora de dar à luz tenha se transferido para outra comuna, e que a menina tenha sido legitimada depois, no momento da partida para o Brasil.”

Enfim, na explicação da Sra. Elena Zanettin dá a entender que a Catterina não nasceu em Mason Vicentino, pois faltam outros dados, que neste registro não constam. Porém o que é mais precioso é que foi encontrada a data de nascimento como: 16 de setembro de 1882.

E Alessandro se despede dizendo que gostaria de ter enviado esta mensagem no dia 5 de fevereiro de 2009, dia do aniversário de Ana Maria, e se despede enviando um abraço, desde Maróstica.

Maior presente não poderíamos ter recebido! Os filhos e netos a amavam muito e ela os reunia para contar as “histórias da Itália”.

Da história oral o depoimento de Dinacir Seganfredo Dal Prá, neta de Catterina:

“- Das recordações que tenho da nona Catterina é que ela reunia os netos e bisnetos, dos maiores aos menores e ficávamos ao redor dela enquanto contava “as Histórias da Itália”

De fato a nossa imaginação ia longe, os contos sobre o inverno, a neve e a forma que vivia lá.

- Catterina faleceu no dia 29 de julho de 1965, foi sepultada em Ciriaco, Rio Grande do Sul, Brasil.



Família de Pellegrino e Catterina Seganfredo. e.d= em pé: Ester, Sofia, Leonilde, Itália Libera, Otilia, Achilles e Cornélio. Sentados: Giulia, José, Caterina e Pellegrino, Margarida(Rita) e Hermenegildo(Gildo).

Entre as coisas boas que nossa antepassada Catterina Seganfredo nos deixou foi o gosto pela leitura, a contação de histórias e estórias, o amor pela terra. Ela amava a terra, trabalhar com a terra. Até seis meses antes de sua morte ia à roça trabalhar junto com o filho Cornélio e os netos. Chegando em casa gostava

de fazer “dressa”, uma espécie de trançado com palha de trigo preparada para isso, usa-se para fabricar chapéus e bolsas. Hoje, na Serra Gaúcha os descendentes de imigrantes a fazem para manter viva a tradição, agora voltada para o turismo, é muito valorizada.

Folha de família encontrada em Mason Vicentino

CATTERINA SEGANFREDDO						
Dal FOGLIO DI FAMIGLIA di Seganfredo Pellegrino			FOGLIO DI FAMIGLIA n.° 231			
Mason V.° Contrada Castello Casa n.° 289						
I. SEGANFREDDO PELLEGRINO fu Antonio e fu Anna Carli ... <i>capofamiglia</i>						
OSSERVAZIONI Addi 30 marzo 1897 i n.1. 2. 6 -17.18. 19. 20- 21- 22- 23- 24 e 3. emigrano pel Brasile						
2. VOLPATO MARIA						
3. S. ANTONIO - 1851						
4. S. GIUSEPPE - 1853						
.....						
6. S. CARLO ...						
.....						
12. MARCON MARGHERITA ...						
.....						
17. NICOLI GIOVANNA MARIA di Domenico e di Fiorentin Catterina - Nuora - n. 14 agosto 1861- matr. 16. 3. 1885 col n.° 6						
18. S. AMALLIA di Carlo e di Nicoli Giovanna Maria 30 maggio 1885 nipote						
19. S. MARIA CATTERINA idem idem 10 luglio 1886						
20- S. CIRINO idem idem 19 ottobre 1887 m. 24 ottobre 1887						
20	22. S. CIRILLO idem idem 26 9mbre					
21	23. S. ASSUNTA idem idem 15 agosto 1890					
22	24. S. LINO idem idem 12 febbraio 1893					
23	SEGANFREDDO CATTERINA		idem	idem	16 Febbraio / 7mbre [è scarabocchiato] 1882	legittimata
.....						
23. S. ANTONIO			di Giuseppe e di Marcon Margherita		Brasile 15 dicembre 1891	
.....						

Foglio di Famiglia: onde está registrada a família Seganfredo em Mason Vicentino.

“NB: i numeri d’ordine in neretto sono i primi scritti, in altro tempo il 20 viene cancellato; dei seguenti, alcuni sono scarabocchiati e davanti vengono messi in nuovo ordine senza il defunto Cirino, con l’aggiunta finale di Catterina nello spazio tra LINO e ANTONIO. Come si vede non c’è luogo di nascita. Ricercato questo nei registri del Comune, non si trova, ma non si trova neppure il suo nome, consultando le annate successive fino al 1901.

Può essere successo che la mamma, al momento della nascita, si sia trasferita in altro Comune e che poi la bambina sia stata legittimata al momento della partenza per il Brasile, per cui si sono limitati a scriverlo sul Foglio di Famiglia, senza la trascrizione sui Regi-

stri, nei quali di solito in questi casi, secondo quanto dice l'impiegata dell'anagrafe, riportano anche i dati di nascita all'origine: cioè oltre alla data di nascita anche il nome dato ed il luogo di nascita.

La cosa certa sembra essere che non à nata a Mason Vic.no. Comunque ora si sa almeno la data di nascita. Siamo convinte, le impiegate ed io, che si tratti di settembre come mese, perché scrivevano il mese, spesso, mettendo il numero davanti: 7 poi assomiglia e F di febbraio, ma la brevità della parola ci fa pensare che si tratti di settembre.”

A pesquisa e o documento enviados de Mason Vicentino são muito importantes para os descendentes de Catterina Seganfredo. Nunca é tarde para reparar os erros.



Bodas de ouro de Pellegrino e Catterina – ano de 1949 em Nova Bassano com a presença dos filhos, netos, parentes e vizinhos.

Outro personagem que merece um olhar especial da Família Seganfredo no Rio Grande do Sul é Cirillo Seganfredo, irmão de Catterina, filho de Carlo e de Giovanna Maria Nicoli.

Chegou ao Brasil junto com a família no ano de 1897, o úni-

co que não foi agricultor porque desde a adolescência foi orientado pelo Pe Antonio Seganfredo, seu tio, que o encaminhou para os estudos junto aos padres carlistas em Nova Bassano. Voltou para a Itália na juventude e prestou serviço militar em Maróstica como telegrafista.

Depois que foi liberado retornou ao Brasil e continuou os estudos com o objetivo de tornar-se padre, o que lhe deu formação suficiente para exercer outra profissão. O relato que segue é da décima filha, Eda Seganfredo Padão.

3.2. Cirillo Seganfredo

Relato de Eda Seganfredo Padão:



Cirillo Seganfredo

“Filho de Carlo Seganfredo e de Giovanna Nicoli, nasceu na Itália, em Mason, Vicenza, no dia 26 de novembro de 1888. Veio ainda criança para o Brasil, juntamente com a família que, após alguns percalços, instalou-se em Nova Bassano, Rio Grande do Sul.

Já adulto retornou ao país de origem, onde prestou serviço militar em Maróstica

Quando da inauguração da ferrovia que ligava Vicenza- Maróstica e Bassano del Grappa realizou-se uma corrida sobre os trilhos da qual participou e foi vencedor. Os habitantes do lugar chamavam ao trem de Vacca Mora (vaca preta), uma alusão a cor da locomotiva.

Presume-se que, nesta fase, deva ter entrado em contado

com os parentes que ficaram na Itália, porque manteve, por muitos anos, correspondência com Brígida e Isetta, filhas de Luigi.

Após o serviço militar, retornou ao Brasil (ano de 1910).

Orientado pelo Padre Antonio Seganfredo, de quem foi coroinha, estudou vários anos com a intenção de tornar-se padre. Contudo, não era essa a vocação dele. Conheceu Maria Soccol, com quem contraiu matrimônio na Comarca

de Veranópolis, município de Cotiporã, no dia 27 de janeiro de 1920. Dessa união nasceram 11 filhos, em ordem decrescente; Gino Carlos, Ivo Pedro, Aldo, Ebe Thereza, Zita, Maria (faleceu recém nascida), Elio, Telmo, Carmen Teresinha, Clóvis e Eda.

Cirillo foi sócio administrador do Frigorífico Ideal, de Dois Lagedados, tendo residido alguns anos em São Paulo, razão por que os dois filhos mais velhos eram paulistas. Lá, ele providenciava a distribuição dos produtos do referido frigorífico. Retornou a Dois Lagedados, onde viveu algum tempo, vindo posteriormente, para Porto Alegre, onde se estabeleceu definitivamente. Passou a importar moinhos da Itália que eram vendidos nas localidades do interior do Rio Grande do Sul.

Ele apreciava demais o canto. Fazia parte do coral da Igreja do Santíssimo e Santa Terezinha. Era também componente do Orfeão Rio-Grandense, que dava apoio às temporadas líricas de Porto Alegre que aconteciam no Teatro São Pedro onde fazia parte do coro da ópera.



Certificado da baixa do serviço militar em Maróstica-Itália.



Cirillo no Teatro São Pedro.

di fiori, La bella violeta, e Sotto il Ponte del Rialto... Até óperas improvisávamos.

Ele contava histórias de sua terra natal, sempre com saudades de Mason.

Não poderia deixar de citar um fato que ficou marcado para sempre em minha memória.

Quando meu pai sentiu-se mal, eu estava parando na casa dele, pois tinha vindo de Santa Rosa, onde trabalhava, para ganhar meu terceiro filho em Porto Alegre. Chamamos o médico e o padre. Chegaram junto. Ele pediu que o padre se aproximasse primeiro para receber a extrema-unção, acompanhando toda a oração em latim. Somente após aceitou o atendimento médico.

A par disso, tinha também veia poética. Há várias poesias guardadas com a família.

A casa onde morávamos tinha extenso parreiral. Vem-me sempre à lembrança a imagem dele, subido numa escada apanhando cachos de uva para fazer vinho. Élio e Telmo eram quem pisoteavam as uvas, método artesanal de fazer vinho.

As festas em família eram maravilhosas. Cantávamos canções italianas, ensinadas por ele, tais como: Quel mazzolin



Eda, menina representando a filha de Madame Butterfly no Teatro São Pedro em Porto Alegre.

Cirillo faleceu no dia 14 de junho de 1969, deixando-nos como legado, um bem precioso: a honestidade e a retidão de caráter, tão ausentes hoje em dia.

Obrigada meu pai. Houve um padre a menos no Brasil, mas não fosse assim, eu não estaria aqui para prestar-lhe essa homenagem.”

Escreve Alessandro Seganfredo:

“Cirillo depois que retornou ao Brasil continuou a comunicar-se por muitos anos com as primas Brigida e Isetta, especialmente na juventude. Mandava cartas contando do progresso que estava realizando no Brasil e também dava notícias de sua numerosa família. Cartas e fotos foram guardadas pelos parentes italianos até os anos 50.”

Este foi o relato emocionante da filha caçula de Cirillo, Eda Seganfredo Padão.



Bodas de Prata de Cirillo Seganfredo e Maria Soccol.

3.3. A história de um migrante

Não poderíamos deixar de incluir neste primeiro livro de memórias da Família Seganfredo no Rio Grande do Sul, a trajetória de um migrante que foi um vencedor na sua jornada da vida. Como muitos descendentes, do primeiro núcleo familiar radicado em Nova Bassano, foi em busca de novas oportunidades e se estabeleceu em Santa Catarina, contribuindo como construtor da agora evoluída e bela cidade de Concórdia. O nome: Carlos Antonio Seganfredo, filho de Lino Seganfredo e Tereza Parisotto, chamado carinhosamente de Carleto.

Escreve Lana Seganfredo:

“Dentre muitos imigrantes italianos que chegaram ao Brasil, no final do século dezenove, estava o pequeno Lino, com aproximadamente sete anos de idade. Em Nova Bassano, Rio Grande do Sul, cresceu e formou sua família ao lado da esposa Tereza Parisotto, também filha de imigrantes. Tiveram onze filhos, dentre os quais Carlos Antonio Seganfredo, conhecido como Carleto.

Nascido em sete de novembro de 1917, em Nova Bassano, distrito de Alfredo Chaves (Veranópolis) no interior do Rio Grande do Sul, cresceu vendo os pais trabalhando muito pela construção da América. “Per far là Mérica”, diziam. E foi com este exemplo, o sonho de construir um novo mundo que o pequeno Carleto também iniciava sua trajetória.

Ainda jovem, descobriu sua vocação para a construção civil, profissão que exerceu com dignidade e muita maestria durante bons anos de sua vida. Em 1942 chegou a Concórdia, pequeno município da região do Alto Uruguai catarinense. Um local próspero que começava a receber os primeiros moradores, em sua maioria, descendentes de italianos oriundos do Rio Grande do Sul.

E foi entremeio a natureza e ao povo ordeiro de Santa Catarina que Carlos ajudou a construir grande parte do patrimônio público na região urbana de Concórdia.

Já adaptado ao lugar que o acolhia, logo conheceu Odylla Anna Pozza, uma jovem costureira de belos olhos azuis, que era a primeira filha de uma família que produzia vinho, fumo e era ligada a atividades comerciais na cidade. Contam os relatos da família que a conheceu em um baile. Na ocasião, Odylla deixou um pretendente que a acompanhava de lado para ficar com Carlos. Em agosto de 1944, casou-se na Igreja Católica Nossa Senhora do Rosário e construíram juntos uma família amorosa e muito batalhadora.



Odylla e Carlos

Os frutos deste amor foram três filhos homens: Lauri, Rui e Ladi. A família residia na antiga Rua Pinheiro Machado, atual Domingos Machado de Lima, 293.

E foi neste pedacinho de chão que, com muito sacrifício, a família edificou a sua história. Hoje, além de Santa Catarina, seus descendentes residem também em diversos municípios, nos

estados do Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Bahia e Rio de Janeiro.

Como grande construtor e mestre de obras de diversos empreendimentos importantes da época, Carlos trabalhou de corpo e alma, de sol a sol, para sustentar a família e para o desenvolvimento de Concórdia, que adotou como sua nova terra. Por muitos anos trabalhou com um grande amigo, Leônidas Fávero. Destas construções, destacamos algumas importantes em Concórdia e municípios circunvizinhos:

1. Hospital São Francisco;
2. Escola Básica Deodoro;
3. Colégio São José, hoje chamado Olavo Rigon;
4. A segunda sede da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário;
5. O Clube 29 de julho;
6. O primeiro frigorífico da Sadia;

Em cidades circunvizinhas:

1. Colégio Municipal em Ipumirim;
2. Hospital em Arabutã;
3. O primeiro hotel em Piratuba;



Foto: Clube 29 de julho em construção.

Carlos viu seus filhos crescerem e seus empreendimentos gerarem progresso à Concórdia.

Por volta dos anos de 1960, Carlos chegou a comprar dois terrenos em Planaltina no Distrito Federal, na época da construção de Brasília. Porém,

anos mais tarde, após a criação da Capital Federal, a família foi indenizada pelo Governo para a criação de uma área de preservação do que seria o Lago de São Bartolomeu (que nunca saiu do papel). Na mesma época, a família de Carlos também adquiriu para investimentos uma chácara e uma plantação de café no município de Planaltina do Paraná, que foi vendida posteriormente para ajudar no investimento na Relojoaria Central, empresa administrada por seus filhos, em Concórdia.

Mais tarde, quando já ancião, era chamado “o nono da pipa”, pois estava sempre com seu inseparável cachimbo em frente à Relojoaria, conversando com as pessoas e admirando o movimento do comércio. Uma cena comum de se ver entre os anos 80 e 90!

Contava muitas histórias aos netos, era um homem gentil e carinhoso.

Recebeu muito amor de seus filhos, netos e dos amigos. No final da trajetória no mundo terreno, estava muito debilitado pela diabetes, e inclusive tivera que amputar uma das pernas pela complicação da doença, e nem podia caminhar.

Faleceu em maio de 2005, com 87 anos de idade.

Durante a sua vida, acalentava um sonho: ver do alto a cidade de Concórdia, a qual ajudara a construir. Seu filho Ladi, o mais novo, levou-o carregado até uma pequena aeronave que fazia passeios turísticos no aeroclube e, juntos, sobrevoaram a cidade. Foi como uma despedida que emocionou a todos que estavam ali, vendo aquele ato de amor filial. Diante de todos estava um velho homem realizado!

Do alto, admirou a cidade, orgulhoso por ter contribuído para o desenvolvimento do lugar que o acolheu e, tendo a certeza, de que sua vida não fora em vão! Deixava ali as marcas de sua passagem pela Terra, a sua verdadeira herança!”

Foto: Família de Carlos e Odylla, com os filhos e noras.



Foto dos três filhos ainda pequenos.



Foto: O belo casal, Carlos e Odylla.

Aqui termina o relato de Lana Seganfredo sobre o seu avô Carlos Antonio Seganfredo.

Como muitos dos descendentes dos imigrantes Seganfredo, ele enfrentou a dura realidade da migração. Porém, com a participação de tantos descendentes de italianos como ele, estas cidades são hoje desenvolvidas, bonitas, bem cuidadas e continuam em constante desenvolvimento.

Incluiremos neste livro de memórias uma pequena biografia de Cornélio Seganfredo, o agricultor



Cornélio Seganfredo jovem, aos 23 anos de idade.

Como muitos Seganfredo da segunda geração foram agricultores, a vida de Cornélio Seganfredo filho de Catterina e Pellegrino Seganfredo é interessante. Ele nasceu e viveu até os 25 anos em Nova Bassano e depois migrou para Ciriaco pois nas antigas colônias já não havia terra para todos. Foi partícipe da reorganização da grande massa de descendentes de italianos que tinham chegado ao Rio Grande do Sul, tanto é que em Ciriaco a grande maioria da população é descendente de imigrantes italianos.

3.4. Cornélio Seganfredo

- Filho de Pellegrino e Catterina Seganfredo
- Nasceu em 13 de setembro de 1915 em Nova Bassano, na linha décima, comunidade chamada de São Paulo.

- Casou-se oficialmente com Luiza Ferri em 11 de julho de 1942 em Círiaco, RS, porém o casamento religioso foi celebrado antes em 11 de novembro de 1941, na Igreja de São José em David Canabarro, naquela época chamado de Sede 35. Isto acontecia porque os cartórios se localizavam longe da colônia, em Ametista, pertencente a Passo Fundo, como também Círiaco pertenceu a Passo Fundo até o ano de 1965, quando houve a emancipação.
- Ela filha de Celeste Giovanni Ferri e Pierina Cecchin Ferri, imigrantes italianos que chegaram com suas famílias da Itália com 12 e 9 anos respectivamente.
- Faleceu em 3 de abril de 2002 com 86 anos de idade.
- Luiza faleceu em 25 de outubro de 1992 com 73 anos de idade.



Cornélio já idoso.



Luiza com o neto Pedro.

Sétimo filho de Catterina e Pellegrino, de uma família de 11 irmãos nasceu em Nova Bassano onde viveu até se transferir para Ciriaco em 1940 para preparar a terra e a casa onde pretendia viver com Luiza Ferri. Quando se transferiu para Ciriaco tinha 25 anos de idade.

Nascido em Nova Bassano e sendo a família numerosa trataram logo de providenciar o futuro pois passados 48 anos da chegada dos primeiros imigrantes italianos, dentre os quais seus avós Giuseppe e Carlo Seganfredo, as terras já estavam exauridas e eram poucas para muitas pessoas.

As cidades da serra gaúcha iam crescendo, as casas eram feitas quase que exclusivamente de madeira e as famílias de Guilherme Licks e de Carlos e Jacob Ely possuidoras de enormes pinheirais contratavam trabalhadores para fazer as derrubadas e preparar as toras para depois encaminhá-las para beneficiamento nas serrarias.

Foi ali que Cornélio com apenas 16 anos de idade começou a trabalhar juntamente com seus irmãos para ganhar dinheiro suficiente para adquirir terras em outros lugares onde estavam abrindo novas áreas de colonização no Rio Grande do Sul.

Em 1938 já adquiriu uma colônia de terra agricultável em Ciriaco. Também adquiriram terras seus irmãos José e Achiles. Terras altas e contínuas, com boas nascentes, sem morros pedregosos como eram as de Nova Bassano, porém era mata fechada, precisando desmatar para depois plantar. Recomeçava o ciclo: derrubar o mato, preparar a terra, plantar, colher, trabalho braçal. A localização da colônia está descrita na escritura como: “na fazenda dos Ribeiros” pois esta família de luso brasileiros que eram criadores (de gado) tinham este sobrenome e haviam colocado à venda as terras de mata cujo título de posse obtiveram do governo republicano em 1906.

Embora a distância de Nova Bassano não fosse muita, cerca de 85 km, as estradas eram precárias e não havia transporte

de passageiros com ônibus, as pessoas se deslocavam a cavalo ou com carros de bois e carroças.

A família de Luiza Ferri havia migrado de Nova Bassano para Ciríaco no início do povoamento. Os pais dela Celeste Ferri e Pierina Cecchin eram imigrantes italianos chegados ao Rio Grande do Sul com a idade de 12 e 9 anos respectivamente. Inicialmente moravam em Veranópolis onde se conheceram e casaram. Moraram ali por um tempo e depois migraram para Nova Bassano de onde partiram já com os 14 filhos para se estabelecer na colônia em Ciríaco, fazendo parte dos primeiros povoadores deste lugar.

Quando migraram de Nova Bassano deixaram as filhas maiores, as gêmeas Cezira e Angela Maria, a Angelina já casada e mais Elvira casada com o irmão mais velho de Cornélio, José, em Nova Bassano. As famílias ficaram sem se ver por anos, até que em 1934 Luiza completou 15 anos de idade e um dos irmãos Antonio Ferri resolveu levar as duas irmãs mais jovens, Luiza e a caçula Argene para visitar as irmãs. Chegando na linha décima permaneceram por ali alguns dias, pois se utilizaram de cavalos para ir até lá. Foi ali passando para visitar as famílias aparentadas que Luiza conheceu Cornélio, rapaz com 19 anos. Luiza viu o rapaz e começaram uma conversa tímida. Retornando a Ciríaco Luiza recusou todos os pretendentes, dizendo: “-O meu está lá” - se referindo a Nova Bassano.

E assim ela ficou esperando Cornélio se organizar até a data do casamento.

3.4.1. Cornélio presta o serviço militar

Em 1938 com 23 anos de idade Cornélio Seganfredo foi chamado para prestar o serviço militar em São Gabriel, município situado na campanha do Rio Grande do Sul, próximo da fronteira com o Uruguai, onde o exército brasileiro man-

tém quartéis para proteger as fronteiras. Neste tempo o presidente do Brasil era Getúlio Dornelles Vargas, gaúcho, que governou por 15 anos seguidos no primeiro período e, além do mais se aproximava a Segunda Guerra Mundial e as forças armadas brasileiras começaram a convocar os descendentes de imigrantes, para incorporá-los à Pátria brasileira, pois os mesmos viviam praticamente ainda entre si, pouco se misturando as outras etnias, quase formando uma comunidade à parte.

Com Cornélio também estavam diversos compatriotas e praticamente não falavam português, falavam o talian, e no entanto estavam proibidos de falar este dialeto. Cornélio contava que os comandantes eram muito rígidos e eles, os ítalo-brasileiros que nunca haviam saído das colônias eram intimidados, tanto que nas revistas o medo fazia com que lhe escorressem lágrimas dos olhos, porém tinham que manter-se firmes.

No entanto com os países vizinhos reinava um período de paz, embora tivessem de patrulhar as fronteiras a cavalo.

Cornélio e seus compatriotas em poucos dias encontraram um jeito de comunicar-se entre si e se mantinham unidos, longe



Cornélio prestando serviço militar.

das vistas dos comandantes. Contou que de tempos em tempos saiam com a cavalaria e percorriam longas distâncias, patrulhando as fronteiras, acampando nas fazendas. Nas noites frias de inverno combinaram que um deles ao invés de encher o cantil de água o encheria de cachaça, depois ao longo das cavalgadas que duravam dias nas noites de frio nos pampas gaúchos o tal cantil era passado sutilmente de mão em mão e assim se aqueciam. O bom da história é que nunca foram descobertos pelos comandantes, que, se descobertos poderia lhes valer uns bons dias de cadeia!

A baixa do serviço militar se deu em 29 de abril de 1939 e retornou a Nova Bassano, onde permaneceu até 1940 quando mudou-se para Ciríaco. Contava que ao vir para Ciríaco possuía somente a terra que havia comprado, vizinho ao seu irmão José (Bepi) e um cavalo. Em Nova Bassano já não havia expectativas para ele, decidiu imediatamente o rumo que iria tomar: ao encontro de sua amada Luiza!

Precisando de algum dinheiro para começar a vida tomou emprestado algum do seu avô Carlo. Rumou para Ciríaco onde foi acolhido por seu irmão José e a cunhada Elvira Ferri que o ajudaram junto com os filhos mais velhos a derrubar uma parte do mato e fazer a primeira plantação. Colheu tanto milho que pode devolver ao avô Carlo já na primeira colheita o dinheiro que este lhe havia emprestado.

Na terra que havia comprado já tinha uma casa em madeira, sem pintura, coberta de taboinhas, que os filhos a denominavam de “a casa velha”, porém era habitável, tinha uma nascente pertinho, a água era sempre fundamental perto da casa. Depois de alguns anos construíram com madeira de pinho uma casa nova que é habitada até o tempo presente.

Depois do casamento Cornélio e Luiza foram morar nesta “casa velha” onde nasceram todos os sete filhos: Aidir (o Martin), Ely, Alvanir, Lorena, Ana Maria e Ary José, gêmeos e Elbio, o caçula. Também criaram uma menina luso-brasileira Ivalda Teresinha, que chegou à família com a idade de 9 anos.

No entanto com a eclosão da Segunda Guerra Mundial estabeleceu-se entre os luso brasileiros e os descendentes de imigrantes e imigrantes italianos em Ciríaco um clima de desconfiança. Os lusos brasileiros começaram a vigiar as casas disfarçadamente para ouvir se a proibição de falar o Talian estava sendo cumprida. Houve até algumas prisões e alguns dos imigrantes foram trazidos a Passo Fundo para prestar depoimento. Outro episódio que deixou Luiza apreensiva foi a convocação para que Cornélio Seganfredo se apresentasse em Passo Fundo, perante o representante das forças armadas. Poderia acontecer que ele fosse enviado ao Rio de Janeiro para treinamento e depois para combater na Itália. Combater aqueles que considerava “da sua gente”. Felizmente voltou para casa e em poucos meses a guerra terminou. A vida foi seguindo.

Gostava de caçar e de pescar, pois se criara perto do rio Carreiro em Nova Bassano. Em Ciríaco não existem grandes rios, mas o bom e belo São Domingos nos dava muito peixe, nos criamos comendo peixe de rio!

Jogava mora e bochas, e quando recém casado participava do time de futebol da vila. Nas festas de Igreja antes de ser construído um salão paroquial ajudava com três dias de antecedência preparar a festa da padroeira Santa Teresinha. Faziam tudo aos moldes dos primórdios de Nova Bassano: para abrigar os fiéis no dia da Padroeira nos quentes dias de outubro faziam uma cobertura com taquaras. Ao longo do dia, depois da missa cantavam, jogavam bocha, baralho, mora...ajudava também a assar o churrasco.

3.4.2. Transcurso da vida familiar

A característica principal era o acolhimento e a solidariedade que aprenderam convivendo nas colônias onde havia o mútuo socorro. Era uma necessidade de sobrevivência.

Acolheu os sogros já idosos que permaneceram com eles até a morte. Depois acolheu sua mãe, a Catterina. Catterina e Pellegrino e todos os filhos migraram de Nova Bassano para outras regiões do Rio Grande do Sul, outros para Santa Catarina e Paraná, nenhum permaneceu em Nova Bassano.

Quando enviuvou Catterina manifestou o desejo de sair da casa do filho Hermenegildo que migrara para a região norte do Rio Grande do Sul, um lugar chamado São João da Urtiga, pertencente a Sananduva, e foi também acolhida ficando com o filho e a família até o falecimento em 1965.

Recebiam visitas de sobrinhos e parentes que vinham visitá-los de outros Estados e cidades. Nos finais de semana a casa estava sempre cheia de parentes tanto da parte dos Seganfredo quanto dos Ferri.

Vem-me à memória o grande parreiral que plantaram. Quando a uva amadurecia os habitantes do campo, geralmente luso brasileiros que eram criadores apareciam montando lindos cavalos. Vinham comer uva, que era oferecida à vontade e também beber vinho, contavam causos. Cornélio recebia os visitantes, se eram homens, se eram mulheres Luiza as recebia e ali ficavam praticamente uma tarde em companhia.

A época da vindima era de festa. Reuniam-se as famílias aparentadas, a de José Seganfredo, Ermelindo Alievi, casado com Gema Seganfredo, filha de José, a família de Acchiles e começavam parreiral por parreiral, colhiam a uva, fabricavam ao mesmo tempo o vinho com métodos artesanais, que depois era armazenado em três grande pipas de madeira de cedro. Durava mais de um ano. Era o mês de festa e visitas, fazer filó e tomar vinho doce. Como as casas tinham uma distância mais ou menos de um km, à noite acendia-se uma tocha de fogo que ia iluminando o caminho de ida e volta.

Para as crianças era um mês de aventuras.

Cornélio e Luiza e o primeiro filho Aidir, conhecido pelo apelido de Martin, participaram ativamente da construção da

Igreja, do Hospital Santa Terezinha na então vila de Ciríaco, junto com os outros moradores. Naquele tempo ninguém esperava o governo fazer as construções. Nomeavam uma diretoria e sob o comando de algum prático no assunto faziam os mutirões até que a obra ficasse pronta e atendesse as necessidades da comunidade.

3.4.3. O destino dos filhos de Cornélio e Luiza

A vida na colônia era dura e o casal decidiu que os filhos e filhas poderiam escolher entre permanecer na colônia ou ir para as cidades estudar e trabalhar. Todas as filhas mulheres foram, umas para cidades vizinhas onde as congregações religiosas dirigiam hospitais, se empregavam neles e ao mesmo tempo que trabalhavam, estudavam, e assim se formaram Ely e Alvanir professoras, Lorena economiária (Lorena esteve até os 20 anos com as irmãs Paulinas em Porto Alegre). Ary José estudou dois anos em um colégio agrícola em Erechim, com 18 anos foi prestar serviço militar e resolveu se inscrever para permanecer nas forças armadas, obtendo êxito, ficou três anos no Rio de Janeiro até formar-se Sargento do Exército, voltou para o Rio Grande do Sul, e depois durante a carreira militar esteve em diversas regiões do Brasil, em Roraima e Manaus, no norte, no Espírito Santo, sudeste e retornou ao Rio Grande do Sul, onde encerrou a carreira como oficial, estando agora na reserva.

Ana Maria foi para Passo Fundo, onde se formou em Ciências na Universidade de Passo Fundo, porém optou pela carreira de comerciária.

Aidir e Elbio resolveram permanecer na colônia. Enfim, agradecemos nosso pai e nossa mãe por terem sido tão democráticos conosco, deixando que escolhêssemos nosso caminho, sendo que havia tanto trabalho para fazer na colônia. A partir

de 1970 houve a mecanização da lavoura e tudo se tornou mais fácil.

Todos os filhos enquanto estiveram morando na colônia faziam todos os serviços rotineiros: arar a terra, plantar, colher, tirar leite das vacas, fazer queijo, assar pães em fornos de barro, cozinhar.



Ciriaco no início de seu povoamento.

Os filhos que moravam nas cidades nunca deixaram de passar as férias com os pais, inclusive a filha Ely Cericato que migrara para Matelândia, Paraná, todos os anos vinha com o marido Arlindo, e os filhos passar uma temporada na casa dos pais.

Como Luiza faleceu 10 anos antes de Cornélio, este se sentiu triste, a companhia dela fazia falta, embora os filhos o rodeassem com carinhos.

O coração enfraqueceu e em 2002 veio a falecer. Parada respiratória, atestou o médico. Enfim foi se encontrar com Luiza em outra dimensão.

Muito depois de sua morte, mais precisamente no ano de

2013 os filhos foram surpreendidos com a notícia de que havia uma quantia em dinheiro no Banrisul (Banco) em nome dele!

Esta quantia deveria ser repartida dentre os descendentes! Ficaram todos espantados, ninguém sabia desta conta. Lembrei-me então que pouco antes de sua morte estando eu em casa sozinha com ele falou: gostaria que depois que eu me fosse pudesse dar um tanto...a cada um! Pensei: meu pai está falando de um desejo seu! Só depois percebemos que, por um bom tempo ele economizara este dinheiro para que os filhos pudessem desfrutá-lo depois que ele partiu! Generosidade da parte dele, velhinho, ainda pensando nos filhos!

Só temos a agradecer a ele, mesmo nos momentos mais difíceis de nossas vidas nos encorajava. “é preciso ser forte”!.

Aqui termina o relato deste descendente de imigrantes, que viveu sempre trabalhando, participando da comunidade e sobretudo, acompanhando as notícias do país, fazendo observações. Lia muito. Herança dos Seganfredo!

Em 2016 os bisnetos de Cornélio e Luiza visitaram a casa natal de sua avó Ely em Ciríaco-RS, por ocasião da festa da Família Cericato.



E.d. Gustavo, Guilherme, Maria Luiza, Mateus, Amanda e Isadora.

Os filhos de Cornélio e Luiza

Ana Maria



Ary José



Alvanir



Lorena



Aidir,
o Martin



Ely



Ivalda Teresinha



Elbio



Os netos de Cornélio e Luiza



*Rosana e
Silvana*



Francis



Thais e Paula



Roberto



Bruno



Pedro e Alex



Cassiel e Daniela

3.5. Os Seganfredo cultivavam parreiras

Quando Eda conta do parreiral me faz lembrar que todos os Seganfredo do Rio Grande do Sul até a segunda geração cultivavam parreirais e faziam vinho para consumo próprio. Alguns das gerações seguintes até têm pequenas vinícolas como Valmor Seganfredo, descendente de Giuseppe, em Nova Bassano e outros estabelecimentos maiores como a **CASA SEGANFREDO EM GRAMADO-RS**.

Lembrei-me de Catterina, minha nona. Ela falava que na Itália os Seganfredo trabalhavam com parreirais, uvas, faziam vinho. E, o que não foi confirmado pelos parentes italianos, eles eram meeiros de um Conde, apesar de possuírem um pouco de terra de cultivo.

A verdade é que trouxeram da Itália o conhecimento do cultivo de parreiras e de fabricar vinho, no princípio de modo artesanal. Meu pai Cornélio Seganfredo e meus tios, José e Acchiles e também Ermelindo Alievi, casado com Gema Seganfredo, filha de José, eram vizinhos em Ciríaco e todos cultivavam parreirais e faziam vinho para consumo próprio.

Na época da vindima reuniam todas as famílias aparentadas e a vizinhança para vindimar. Era a época dos filós, das visitas para beber vinho doce. Tempo de alegria!

Maitê descendente de Riccardo Seganfredo, filho de Giuseppe, comenta no post “A PIPA DE VINHO”: <https://anaseganfreddo.blogspot.com.br/>

Maitê seganfredo, 11 de dezembro de 2015 18:33

Belas lembranças Ana, meu bisavô Ricardo Seganfredo criou seus filhos em Nova Prata tirando o sustento do parreiral, assim também meu avô criou e sustentou 11 filhos. Hoje meu pai João Ricardo Seganfredo que mora no Paraná ainda possui um parreiral e todo ano processa a uva e faz vinho, com muito orgulho preserva esta tradição.

Parabéns pelo site e por contar histórias que nos enchem de orgulho e felicidade.”.

Além de trazer o conhecimento sobre agricultura da Itália os Seganfredo não eram analfabetos, como costumavam denominar os colonos aqui no sul do Brasil. Trouxeram da Itália algumas caixas de livros, os clássicos italianos e liam muito. Creio que uma descrição que se pode atribuir aos Seganfredo brasileiros, desde a chegada ao Brasil é de terem sido sempre amantes da leitura.

Também trazemos em nós a herança dos filhos de agricultores. Eles é que colocam na mesa do povo o pão de cada dia. Quem veio da roça traz em si o amor pela terra, cuida da terra, pois sabe que ela é preciosa e dela depende a sobrevivência do homem.



Reatando os laços

Depois de trinta anos de silêncio os Seganfreddo da Itália e os Seganfreddo do Brasil recomeçam os contatos. Depois que o Pe Antonio Cesar Seganfreddo reencontrou os descendentes de Luigi na Itália as famílias emigradas para o Brasil e aquelas da Itália tornaram a comunicar-se entre si, inclusive com algumas visitas tanto por parte dos brasileiros quanto dos italianos.



e.d=Alessandro de Antonio de Alessandro de Luigi(italiano) e Pe.Antonio Cesar Seganfreddo de Antonio de Lino de Carlo.

Em maio de 2016 os Seganfredo do Brasil organizaram em Nova Bassano a primeira festa da família. Receberam como convidados um casal de italianos descendentes de Luigi e de Giulia Bellinaso, Gianfranco Seganfredo e Carla Marcolin. Antes disso em 16 fevereiro de 2006 os italianos Alessandro Seganfredo, Maria Maino e Gianfranco Seganfredo vieram ao Brasil na ordenação sacerdotal do Pe Antonio Cesar Seganfredo, que se realizou em David Canabarro-RS-Brasil.

No ano de 2007 Henrique Seganfredo da descendência de Carlo viajou para a Itália juntamente com a irmã Andréia e a mãe Leonilda Maria Piccoli Seganfredo, e mais uma vez estiveram na Itália e visitaram Alessandro em 2013.

As irmãs de Antônio César Seganfredo Tânia, Iara, Carmen e Iole com a mãe Ondina também estiveram em visita em 2015.

Por ocasião da primeira festa da família Seganfredo em Nova Bassano onde compareceram Carla e Gianfranco Seganfredo, enquanto estes chegavam em solo brasileiro para a festa Alessandro Seganfredo escreveu uma carta muito comovente endereçada aos parentes brasileiros, pois não pode se fazer presente nesta ocasião. Escreveu sobre os seus sentimentos em relação a eles, para o email de Ana Maria Seganfredo.

Eis a carta:

“Querida Ana Maria, caros primos brasileiros.

Escrevo para contar o que significa para mim o ‘meu’ Brasil, aquilo que vós sois para mim.

Minhas primeiras recordações voltam no tempo em que eu era criança; ia até Mason Vicentino visitar minhas velhas tias Brígida e Isetta, filhas de Luigi. As tias viviam em uma casa muito pobre e as suas vidas eram feitas de orações, de pequenos trabalhos no jardim e de recordações. As recordações remontavam aos tempos antigos quando viviam em uma casa grande, que elas

chamavam de “A CASA DO MONTE” Naquele lugar viviam em tantos irmãos e os seus pais...todos pobres, tinham dificuldades até em ter alimento suficiente com o trabalho no campo. Eram pessoas fortes na fé, moralmente eram de uma conduta inacreditável, interpretavam a sua existência de um modo simples, pensando no trabalho, nos filhos e em Deus.

Entre as recordações das tias, às vezes, afloravam alguns nomes: Cirillo, Pe. Antonio, Irmã Mafalda, Eda... Eu não compreendia quem seriam estas pessoas. Pensava serem personagens de alguma estória de ficção que as tias me contavam como fazem todos os anciões para seus sobrinhos e netos. Nunca pensei que aqueles “brasileiros” como elas os chamavam fossem pessoas de carne e osso. Quando as tias morreram nos anos 80 do século passado, pouco a pouco estas memórias foram ficando esquecidas. Tudo parecia perdido.

Nos primeiros anos de 2000, de improviso apareceu do nada um outro personagem nesta história: Antônio César. Quem era este que vinha até nós, trazendo notícias e saudações dos parentes brasileiros? Se não fosse por ele e por Maria Maino (sobrinha das tias Brígida e Isetta) toda esta vivência provavelmente estaria já morta. A obstinação em querer reconstruir a história da família foi fundamental. Maria tem uma memória incrível e uma grande paixão pelas coisas antigas, assim como Antônio, que sempre quis conhecer os lugares de onde vieram seus avós e toda a numerosa família.

Posteriormente com a internet, os primeiros contatos com Eda, a nossa viagem ao Brasil, a ordenação do Pe. Antônio César em 2006. Minhas recordações se intensificam; fomos considerados hóspedes de honra e todos queriam ternos em suas casas. Um episódio em particular me dá prazer em recordar: estávamos em Porto Alegre, no primeiro dia da nossa chegada. Com Eda e David fomos visitar Teia na casa de Carmen.

Lembro do olhar dela quando nos viu: parecia que tivesse estado sempre a nossa espera: nos beijava, nos acariciava para

entender que éramos de verdade; nunca eu havia pensado de ser tão importante para uma pessoa que havia apenas conhecido.

E, finalmente chegou você Ana Maria. O primeiro que me falou sobre você foi Henrique, quando veio me visitar em 2007. Ele me disse que havia uma parente em Passo Fundo com a qual estava em contato e que sabia muito sobre a família. Você mesma, cara Ana! Nestes anos todos você foi a que mais procurou notícias e compartilhou conosco, os italianos, a história da família, isto é, dos descendentes de Pellegrino e Maria Volpato. Obrigada, de coração por aquilo que fizeste e por aquilo que farás. A festa que vos espera sábado é um mérito seu. Você me contou da vida dos parentes, dos teus irmãos e dos teus pais. Particularmente foi muito bonita a história de sua avó Catterina...A vida de Catterina é digna de um romance ou de um livro; quem sabe alguém escreverá um lindo romance com os protagonistas, alguns deles nossos parentes: Barba Toni, Pellegrino e Maria, Catterina, Cirillo, Antônio César e tantos outros. Você poderia ser a narradora desta história. Veremos.

E concluo, cara Ana, deste modo: eu sempre pensei nos meus caros, que estão no céu, sentados ao redor de uma mesa, rindo e falando sobre suas famílias, de suas pequenas e grandes histórias. Assim eu penso que no sábado e no domingo próximos, os nossos caros estarão em torno a uma mesa, felizes e contentes. Estarão lá Pellegrino, Maria, nonna Catina, meu avô Alessandro, as tias Brígida e Isetta, Pe. Antônio, e tantos, tantos outros. Nem italianos, nem brasileiros, mas todos Seganfredo.

Com afeto,
Alessandro”

De fato esta carta muito comovente traduziu o que todos sentimos na festa, muita alegria e felicidade. Esta carta pareceu-nos um prenúncio do que ia ser. Muitos encontros entre primos, abraços, sonhos realizados. Ficará sempre em nossa lembrança.



Gianfranco Seganfredo e Carla Marcolin. Primeira Festa da Família Seganfredo em 2016.



Família de Luigi e Giulia Bellinaso em Mason Vicentino. Foto cedida gentilmente por Maria Maino.



Brigida e Isetta

*Foto cedida gentilmente por
Alessandro Seganfredo. Casa
“del monte”, em Mason Vi-
centino, tempo presente.*



Henrique Seganfredo com Alessandro Seganfredo.



Migrações no Rio Grande do Sul

Passados 50 anos da chegada dos imigrantes italianos e de outros países europeus no Rio Grande do Sul as terras já não eram suficientes para todos os descendentes. O trabalho era prevalentemente braçal e as famílias eram numerosas. Ter muitos filhos era uma necessidade para manter o trabalho nas roças. Com o passar do tempo os filhos se casaram e era necessário procurar outras terras para cultivar.

No Rio Grande do Sul, no início da imigração ainda havia muitas terras incultas que pertenciam ao governo brasileiro e aos primeiros colonizadores de origem portuguesa (os luso-brasileiros).

Sobre a posse da terra até 1850 não havia regras definidas, mas a partir de então D. Pedro II sancionou uma lei que determinava que desta data em diante todas as terras brasileiras deveriam passar pelo processo de compra e venda outras formas somente com autorização do governo imperial. Aqueles que já possuíam terras doadas pelo governo receberam um título de

posse mas tinham o dever de habitar nelas e fazê-las produzir. Isto era necessário para que não caíssem nas mãos dos países vizinhos, de fronteira. No Rio Grande do Sul houve muitas guerras pela delimitação de fronteiras. Os luso-brasileiros eram prevalentemente criadores de gado e ovinos, não eram agricultores. Estando estas terras disponíveis os proprietários quer por tê-las adquirido do governo quer as tivessem com títulos de posse começaram, com o incentivo do governo brasileiro os preparativos para povoá-las.

Então começou o processo de migração interna, tão dolorido quanto o da emigração, pois quem migrava ficava longe dos núcleos iniciais de colonização que já estavam evoluídos (Nova Bassano, Nova Prata e todas as cidades da Serra Gaúcha) que já estavam muito boas para morar.

Genuir Luiz Marquezi escreveu no seu livro *David Canabarro, sua Terra, sua Gente, sua História*”. Os primeiros habitantes desta comunidade vieram de Guaporé, Serafina Corrêa, Casca, Nova Bassano, Nova Prata, Parai, Veranópolis, Bento Gonçalves, São Marcos, Caxias do Sul, Farroupilha, Vila Maria, Marau e Antônio Prado.”

A migração para as novas colônias começou ali pelos anos 1923. 1925. De Nova Bassano muitos agricultores se transferiram para Ciríaco e David Canabarro e outros lugares mais próximos das suas cidades de origem, mas como não haviam estradas, somente picadas no meio das florestas o trajeto se tornava longo. Faziam os mesmos procedimentos dos primeiros imigrantes: entravam nos matos, cortavam as árvores, erguiam uma casa rústica, geralmente plantavam uma roça e depois iam buscar a família

Também a família de Celeste Ferri, imigrante italiano, estabelecido inicialmente em Nova Bassano transferiu-se para Ciríaco vindo antes com os filhos maiores no ano de 1925, depois trouxe toda a família. Conta-se que Luiza e Argene as duas filhas menores vieram dentro dos cestos em um cavalo, como costumavam transportar as crianças pequenas em longas distâncias.

Celeste foi um dos primeiros povoadores de Ciriaco. Esta família era ligada aos Seganfredo porque duas filhas de Celeste casaram com dois filhos de Pellegrino e Catterina Seganfredo: Luiza com Cornélio Seganfredo e Elvira com José Seganfredo.

As empresas colonizadoras eram sociedades que providenciaram os traçados, os mapas, vendiam as terras incultas (não cultivadas) para serem povoadas, faziam o papel de intermediárias do governo brasileiro. Estas colonizadoras geralmente compravam as terras devolutas por preços módicos e as vendiam obtendo bons lucros.

Os filhos de Pellegrino e Catterina Seganfredo vieram para Ciriaco entre os anos de 1937.38 e 40, posteriormente veio também Acchiles. Hermenegildo transferiu-se para Sananduva, região norte do Rio Grande do Sul. Desta família de Pellegrino e Catterina nenhum descendente permaneceu em Nova Bassano, muitos foram para Santa Catarina.

Com o tempo e a operosidade destes migrantes os pequenos vilarejos se tornaram também desenvolvidos, pode-se dizer em constante desenvolvimento.

Quando não havia mais terras a serem colonizadas no Rio Grande do Sul, ali pelos anos 1940.45 os descendentes de imigrantes começaram a transferir-se para Santa Catarina e Paraná, onde havia ainda muitas terras incultas.

Em relação a isto escreve Clair Ulysses Seganfredo:

SCRITO IN TALIAN:

‘Su per le tere nove

Come spiegar el arivo dei taliani quá, sul oeste (ovest) de Santa Catarina, se anca gnente de difarente, visti come un vanso dela etnia.

In 2015, el mondo ga ricordá i setanta ani del fin dela guera. La última guera. A setanta ani indrio, ntel stesso di, ga soná le campane. Più manco, a otanta ani, pochi ani vanti scomissiar sta guera, taliani del Rio Grande del Sul i se ga messo a traversar el fiume Uruguai, par trar do piante e piantar tea tera de Santa Catarina i ga

fato la medésima cosa dei antenati quando ze rivadi a la Mèrica in Brasil.”

Clair Ulysses Seganfredo é filho de Luis Seganfredo, e neto de Carlo, É um divulgador da lingua Talian e usa o apelido de Genaro para o seu personagem de rádio e entre os divulgadores do Talian. Um estudioso da história da imigração, também ele migrou de Serafina Corrêa para São Miguel do Oeste em Santa Catarina.

Este pequeno texto se refere ao livro Stórie de Genaro, Escrito em Talian, agora lingua reconhecida no Brasil. Ele escreve um pouco sobre estas migrações e também os usos e costumes dos imigrantes italianos dos primeiros tempos.

Quando abriram para a colonização do oeste do Paraná muitos filhos dos que tinham migrado para outras partes do Rio Grande do Sul já sentiam a necessidade de migrar novamente.

Como conta Arlindo Cericato, casado com Ely Seganfredo, filha de Cornélio Seganfredo:

- “éramos em muitos irmãos e tínhamos pouca terra. Então, no ano de 1958 chegou uma Colonizadora oferecendo terras no oeste do Paraná. Nosso pai comprou alguns lotes para nós, então em 1962 fomos conhecê-las, em 1966 me casei e partimos para o Paraná.

Os primeiros habitantes de Matelândia eram migrantes de Caxias do Sul, Muitas famílias chegaram do Rio Grande do Sul e também de Santa Catarina.

Ali já viviam famílias provenientes de Minas Gerais onde existem muitas plantações de café. No princípio tentou-se produzir café no Paraná, mas uma grande onda de frio destruiu as plantações, então não se planta mais esta cultura ali Quando partimos do Rio Grande do Sul para aqui chegar as estradas eram de terra batida e para atravessar o Rio Uruguai embarcamos em uma balsa.”

Também repetiram os mesmos procedimentos dos primei-

ros imigrantes italianos. Agora Matelândia e as cidades todas do oeste do Paraná são muito desenvolvidas e ricas.



8 h 51 min (611,2 km) via Rod. Dep. Arnaldo Faivro Busato.

Toda esta extensão de terras do oeste do Paraná pertencia ao Governo do Paraná. Para colonizá-las formou-se um consórcio de Colonizadoras, com diversos acionistas. A que vendeu as terras para os Cericato chamava-se Colonizadora Matelândia. As atividades preparatórias para o empreendimento começaram em 1950.

Esta é uma pequena explicação dos motivos que levaram os descendentes dos primeiros imigrantes a migrar e fazer a mesmas coisas que os antepassados fizeram ao chegar no Brasil. Ainda hoje as migrações continuam, é um processo contínuo, migrando para todos os Estados do Brasil.

Para concluir podemos afirmar que onde quer que se vá aqui no Brasil encontramos descendentes dos primeiros imigrantes italianos, inclusive os da família Seganfredo.

Aqui termina esta pesquisa sobre os motivos das migrações internas da família Seganfredo, depois de cinquenta anos da chegada dos primeiros no Rio Grande do Sul, porém este estudo é muito amplo, e como as populações estão em contínuo movimento requer muito mais pesquisa sobre este assunto, portanto não se encerram nestas poucas páginas.



Casa de Maria Ferri Cericato em Ciriaco.



Considerações finais: tudo se transforma

Passados 126 anos da chegada dos primeiros Seganfredo no Rio Grande do Sul muitas coisas mudaram, enfim, como canta Mercedes Sosa, a cantora argentina “Todo Cambia”. Também nós mudamos, evoluímos, mas continuamos a migrar por todo o Brasil, como se canta no hino do imigrante italiano:

“Dall’italia noi siamo partiti
Siam partiti col nostro onore.
Trenta sei giorni di macchina e vapore
E in America siamo arrivà.
Merica, Merica, Merica,
Cossa sarala sta Merica?
Merica, Merica, Merica,
un bel mazzolino di fior.
A l’America noi siamo arrivati
Non abbiám trovato nè paglia e nè fieno

Abbiám dormito sul nudo terreno
Come le bestie abbiám riposà.
Ma l'America l'è lunga e l'è larga
È circondata da monti e da piani
E con l'industria dei nostri italiani
Abbiám formato paesi e città.”

Aculturação

Sem sombra de dúvidas o tempo se encarregou de fazer de nós, ítalo-brasileiros parte da multietnia que povoa o imenso Brasil. Continuaremos a migrar, senão formar cidades mas participar

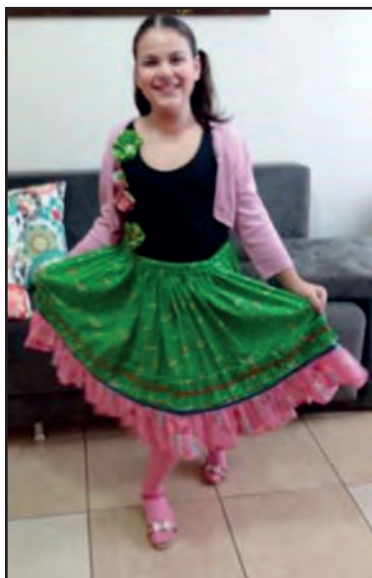


Cassiel Seganfredo, neto de Cornélio Seganfredo. Foto gentilmente cedida por Cassiel Seganfredo. Desde pequeno tomando chimarrão, bebida apreciada pelos indígenas e que os imigrantes italianos do sul do Brasil incorporaram no seu costume.

delas ativamente. O Brasil é grande e belo e, nós, descendentes de Pellegrino e Maria Volpato, imigrantes italianos, somos agora filhos desta Terra Brasilis. A palavra de ordem é: avante! Somos cidadãos brasileiros. A nossa italianidade trazemos nas veias, as tradições e alguns costumes que ainda cultivamos é uma recordação do passado e em memória dos nossos antepassados. A nossa cultura agora é a brasileira nas mais diversas manifestações, pois o Brasil multiétnico é rico em cultura.

Os Seganfredo brasileiros evoluem acompanhando o avanço desta sociedade globalizada. Participamos e atuamos em todas as áreas de conhecimento, dando o nosso melhor para este País, que é

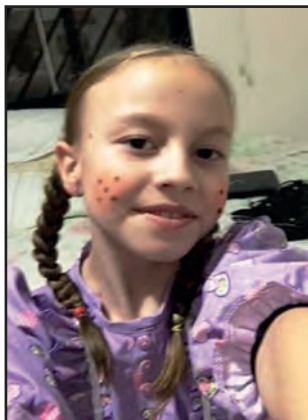
nosso e que haverá de se tornar cada vez melhor para a grande população brasileira.



Maria Luiza, filha de Silvana e Marco Carbone, neta de Ely Seganfredo e Arlindo Cericato, em trajes típicos de festa junina. Mora em Medianeira, Paraná. Foto cedida gentilmente por Silvana Cericato Carbone.



Alex Seganfredo Froza com botas e bombachas. Descendente de Cornélio Seganfredo. Foto cedida gentilmente por Alvanir Seganfredo.



Isadora, filha de Rosana e Adair Butske, neta de Ely Seganfredo e Arlindo Cericato, com roupas típicas de festa junina. Foto gentilmente cedida por Rosana Cericato Butske.

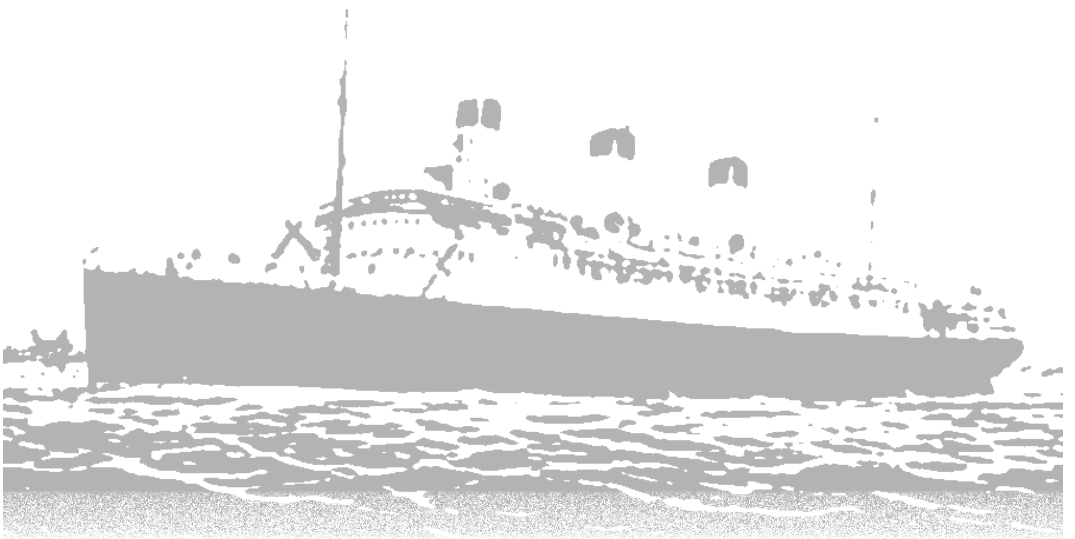


Elbio Seganfredo em desfile farroupilha, Ciriaco-RS.



*Lorena Seganfredo em
trajes de prenda.*

PARTE II







UNA FAMIGLIA, UNA STORIA

ANA MARIA SEGANFREDO
ALESSANDRO SEGANFREDDO

DEDICAZIONE

Dedicato a tutti i
migranti di ieri,
oggi
e domani

Alessandro Seganfredo



Introduzione

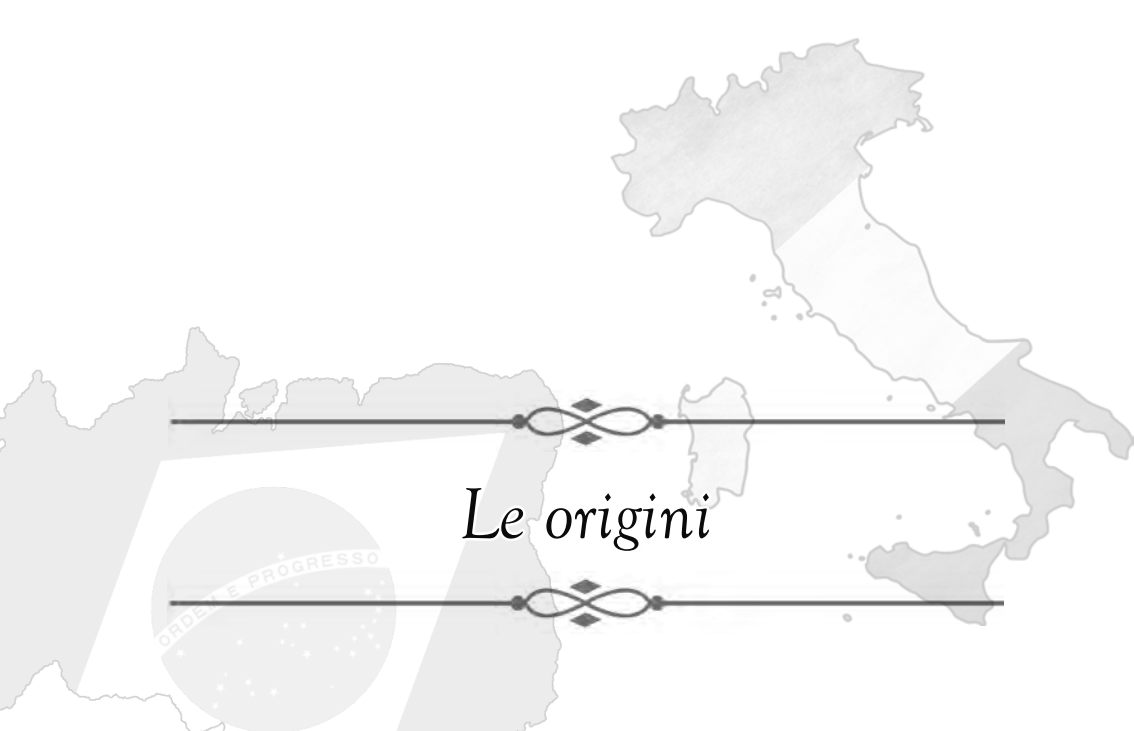
Quelle che seguono sono alcune pagine raccolte prevalentemente da Ana Maria Seganfredo (Passo Fundo – RS), ricercatrice e studiosa attenta della storia locale del Brasile e del Rio Grande do Sul ma anche, e soprattutto, di molte vicende che hanno segnato la storia della famiglia di Pellegrino Seganfredo (Mason Vicentino 1816 – Nova Prata - RS 1899) e di Maria Volpato. Un aiuto è stato dato da Alessandro Seganfredo (Marostica – Italia) che ha raccolto, in ormai dieci anni, i racconti di Ana Maria e di tanti altri parenti italiani e brasiliani.

La nostra “storia” si può far iniziare da **Antonio** Seganfredo (1851-1912) che intorno al 1880 tentò la fortuna andando a lavorare in Brasile. Da lì, negli anni, Antonio convinse i fratelli (**Lucia** e **Giuseppe** nel 1891, **Carlo** e **Luigi** nel 1897) ed i genitori (**Pellegrino** e **Maria** sempre nel 1897) a trasferirsi in Brasile. La prima “tragedia familiare” si verificò subito con il forzato rientro di Luigi e della sua famiglia dal porto di Genova. Le famiglie non si rividero più: Luigi rimase in Italia, gli altri tentarono la sorte nelle terre del nuovo mondo.

Le storie raccontate sono semplici perché semplici sono le persone descritte: molti contadini e qualche operaio, un sacerdote, qualche mamma di famiglia. Si tratta però di racconti significativi di un'epoca dove, in Italia, la fame e la miseria erano "padrone"; l'America, anzi la Merica, era il miraggio per molte famiglie che volevano fuggire dalla povertà dei loro poveri paesi. La volontà di cambiare era talmente grande che, pur di scappare, faceva cedere alle lusinghe di tanti ciarlatani che dipingevano il nuovo mondo come il "paradiso"; le disillusioni, talvolta, erano grandi e la "terra promessa" si rivelava simile ad un "inferno". Anche Pellegrino ed i suoi cari caddero in questa trappola: per i primi mesi dopo l'arrivo in Brasile fu costretto a lavorare in una piantagione di caffè insieme con alcuni figli e nipoti. Aveva, all'epoca, 81 anni e rimane un mistero come abbia fatto a sopravvivere in quella impossibile situazione climatica.

Molte famiglie italo – brasiliane potrebbero quindi trovare in queste pagine similitudini con le loro storie. Il lavoro fatto è stato scrupoloso ma soprattutto mosso dalla voglia di rimettere insieme alcune delle vicende della famiglia dopo più di cento anni di separazione.

Alessandro Seganfredo



Le origini

Il Comune di origine della famiglia Seganfreddo è Mason Vicentino in provincia di Vicenza, piccolo paese vicino a Bassano del Grappa. Mason confina con i comuni di Breganze, Fara Vicentino, Marostica, Molvena, Pianezze e Schiavon e si trova nella regione Veneto. Da questo luogo del nord Italia i nostri antenati cominciarono ad emigrare alla fine dell'800 per andare ad abitare in Brasile.



Per comprendere meglio le figure raccontate in questa storia occorre precisare che il cognome originario della famiglia è **Seganfredo**, mentre in Brasile nelle registrazioni anagrafiche, per un errore di trascrizione, è diventato **Seganfredo**. Da qui in avanti verrà usata la forma brasiliana e cioè quella con una sola “d” per i parenti brasiliani mentre con due “d” per quelli italiani.

Era il 1897 quando dal porto di Genova partì l’ultima famiglia dei cinque fratelli Seganfredo: **Carlo** con sua moglie **Giovanna Maria Nicoli**, i sette figli ed i genitori molto anziani **Pellegrino Seganfredo** e **Maria Volpato**.

Imbarcati sulla nave “Rio de Janeiro” si separarono dal fratello **Luigi** che avrebbe dovuto partire insieme a loro ma, poiché la moglie **Giulia Bellinaso** aspettava un bambino, non gli fu permesso di imbarcarsi; per questo motivo la famiglia di Luigi ritornò a Mason Vicentino.

Giuseppe Seganfredo e sua moglie **Margherita Marcon**, con i figli invece si erano imbarcati sulla nave “Solferino”, arrivarono in Brasile nel porto di Rio de Janeiro il 26 gennaio 1892.

Lucia Seganfredo con suo marito **Girolamo Lovison** partì da Mason Vicentino con 3 figli nello stesso giorno di Giuseppe, il 15 dicembre 1891. Tuttavia i loro nomi non sono stati trovati sul libro di bordo della nave a vapore “Solferino”. Si pensa che si siano imbarcati su un’altra nave e che siano arrivati in Brasile poco prima o poco dopo la data di sbarco di Giuseppe e della sua famiglia. Tuttavia nei registri dei primi colonizzatori di Nova Bassano si rilevano i nomi di Giuseppe e di Girolamo nel 1892 come vicini di casa.

Abitavano nella “Linha IX” vicino al luogo dove sarebbe stato successivamente fondato il piccolo villaggio di Nova Bassano.

Per quanto riguarda il fratello **Antonio Seganfredo** - che sarebbe diventato prete nel 1895 - si sa che arrivò in Brasile alcuni anni prima, verso il 1880, impiegandosi come lavoratore nella costruzione della strada Buarque de Macedo quando in Brasi-

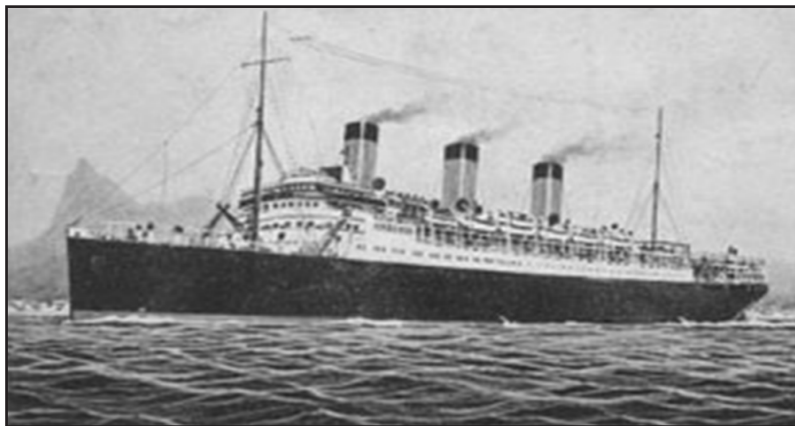
le avevano incominciato ad aprire strade da una città all'altra. Lui lavorò nel lotto stradale tra le città di Bento Gonçalves e Veranópolis. Continuò questo lavoro per diversi anni e si dice che mentre pregava con i suoi compagni di lavoro gli fosse venuta l'idea di ritornare in Italia e farsi prete; questa idea si materializzò nel 1892.

Luigi dopo il tentativo di emigrare del 1897 rimase a Mason Vicentino. Dopo la partenza dei fratelli, alcuni anni dopo, anche lui voleva ripartire per il Brasile, ma si scoraggiò poichè gli fu riferito che le condizioni non erano più favorevoli.

Si incontrò personalmente soltanto con il fratello Antonio che negli anni 1911-1912 ritornò in Italia per curarsi da una grave malattia. Quando Antonio ritornò in Brasile, dove morì alla fine del 1912, Luigi continuò a mantenersi in contatto per corrispondenza con i fratelli residenti in terra brasiliana.

Luigi morì nell'anno 1941 e i figli continuarono a tenere i contatti con i parenti brasiliani fino all'inizio degli anni '80, allorché cessò ogni comunicazione: l'ultima lettera documentata è di Suor Mafalda (nipote di Carlo) che scrive alle cugine di Mason, Brigida ed Isetta (figlie di Luigi) il giorno 11 giugno 1980.

All'inizio degli anni 2000, quando tutto sembrava ormai definitivamente caduto nell'oblio, i rapporti tra le famiglie tornarono a farsi vivi grazie alla visita di Antonio Cesar Seganfredo (David Canabarro - RS) ai parenti di Mason Vicentino. . Da lì, grazie anche ad internet, le ricerche, le notizie ed i contatti tra i parenti tornarono ad intensificarsi.



Nave a vapore della Companhia Nacional de Navegação Costeira.



**1. Lettere Scambiate
tra i Seganfredo/do
d'Italia e Brasile**

Brigida e Isetta, figlie di Luigi

Porto Alegre, 24 maggio 1972.

Carissime cugine Brigida e Isetta.

Già che il nostro amico viaggerà a Maron, profitterò per rimmettervi questo bigliettino. Bene che voleva Io stessa andare all'Italia per conoscermi. Questo villaggio dove è nato il mio carissimo papà. Ma, come questo non è ancora possibile, vi rimetto questo foglio nel mio luogo. E, come siete, se non mi sbaglio, nella più bella delle stagioni dell'anno, la primavera, questo mi fa ricordare l'inizio di una poesia che Io ho avuto l'audacia di scrivere nella vostra lingua;

" Primavera è arrivata.

I rami già fioriti del giardino,
L'usignolo nell'albero vicino,
tutto parla d'amore.

Una rosa che si apre,
e lascia tutta l'aria profumata,
una vecchia canzon dimenticata,
tutto parla d'amore.

Io cammino

per questa strada piena di poesia,
negli occhi porto la malinconia,
ricordi, nel mio cuore...

Lettera di Eda di Porto Alegre alle cugine Brigida ed Isetta di Mason Vicentino. Eda è figlia di Cirillo Seganfredo e nipote di Carlo.

Lettera che Maria, di Mason Vicentino,
scrise a Elide Seganfredo di Serafina
Correa. Maria è figlia di Duilio
Seganfredo e nipote di Luigi. Elide è
figlia di Luis Seganfredo e nipote di Carlo.

MASON 6/2/78

Rispondo subito alle tue tanto care lettere
senza con piacere del tuo desiderio di conoscere
la storia delle tue e nostre famiglie, vedo di
spiegarmi il più chiaro possibile.

Cominciamo dal nonno Luigi (fratello di
P. Antonio e di Carlo.) aveva sette figli Duilio
Simbo, Lucia, Maria, Iolo, Brigida, Elide
Alessandro.

Duilio il mio papà, morto a soli 44 anni
aveva 5 figli: Giulio, Luigi, Maria, Giovanni
Antonio, mio sorella Giulio è morto nel '55
a soli 33 anni era suo missionario in
Africa, Luigi è sposato e a due figli Duilio, Giulio
io Maria. solo da sposare sono rimasti
con le manne, ora è morto 2 anni fa,
Giovanni sposato con quattro figli Carlo
Giulio Sandro Lucio
Antonio pure sposato a due ragazzi
gemelli Paolo Luis, questo è tutto la
mia famiglia.

Or ti dico degli altri: Simbo era pure morto
abastanza giovane aveva nove figli.
Lucia è ancora viva a 85 anni ricorda ancora
Carlo e padre Antonio a 6 figli
Maria a 83 anni. 8 figli

Loz morto 5 anni fa aveva 5 figli
Brigid e Eliss sono ds sposare 77. 74 anni
Alessandro morto 14 anni fa a lasciato 8 figli
6 sono sposati: 1 e prete 1 Suoio, come
suoi: notare in ogni ramo della famiglia
ci sono suore o preti.

Questo e tutto quello che e rimasto in Italia
il resto della famiglia tutto oltre mare
Ricordo che nonno Luigi mi raccontava che
anche loro stavano per partire, me gli
anno rimandati di ritorno perche non
stava per avere Zio Mario e così e rimasto
in paese, ricordo anche che un sollo nonno
appassionatamente aveva scritto ai fratelli che
aveva più di 40 nipoti in risposta del
Brosile risposero che 50 in tutti eravate
più di cento un bello compagnia, per
il momento non farò dirti di più se potro
avere altri indirizzi te li manderò.

Riguardo alle notizie della nostra famiglia
amb fatto delle ricerche anni fa euno trovato
che i nostri avi venivano dalla Russia erano
commercianti in pelli era una grande
famiglia. Carlo & Lida io pure nel '45 mi trovavo
a Roma nel mese di giugno, in settembre Antonio
con la famiglia, quando sei fostate per Vicenza
eri a soli 25 Km. da noi, sono per ~~noi~~ per
la prossima sollo spero presto.

Ora a nome di tutti ricomincio di cuore i
tuoi saluti e auguri a tutti

Tuo cugino Mario Sepanfrullo
Guarda che il nostro cognome ha scritto con 2 di

Carissime cugine Brigida, Isetta e Antonio Segnfredo,
e Maria

Sono stati molto contenti di avere saputo notizie vostre e di avere ricevuto una lettera che avevi scritto a Padre Roberto, quello che è venuto a casa vostra e avete parlato insieme.

La nostra allegria le stata molto grande perchè, dopo tanto tempo che si cercava l'indirizzo e notizie vostre adesso le abbiamo trovate. Il nostro papà Luiz (Luigi), sempre parlava dei parenti di Italia. Parlavano sempre di Pe. Antonio, que era so zio. Parlavano delle sorelle Brigida e Isetta, so cugine che il suo padre sempre li mencionava.

Il nostro papà é figlio de CARLO SEGNAFREDO che era fratello di Padre Antonio. Il Pe. Antonio quando é stato qua in Brasile ha fondato un paesello que oggi le unna città que si chiama NOVA PRATA, é distante de noi 40 kilometri.

La città onde noi habitamo si chiama SERAFINA CORRÊA. Non é grande, é di più menna 9 mille abitanti. Resta sotto il stato di Rio Grande do Sul - quello que noi chiamamo stato, voi forse chiamerete... Provincia. - Siamo sempre stati serviti de Preti venuti di Italia, e molto buoni. Il Pe. Roberto Ciotola che avete conosciuto, le 10 anni che é qua con noi, però, i suoi superiori lo hanno trasferito a un'altra città distante di noi 20 kilometri, e se sientana a la nove parochia nel mese di febbraio. Per noi é unna grande perdita, poi tutto il popolo si trovano bene con lui.

Il nostro papà si chiama LUIZ = LUIGI, - é filho di CARLO SEGNAFREDO che era sposato con JOHANNA NICCOLI. É venuto di Italia sposato e con 6 figli e n'altri 6 é natti qua in Brasile. Il nostro papà é nato qui e é il penultimo della famiglia. Cirillo era il fratello più vecchio, é quello que scriveva le lettere a voi. Della banda dei parenti della nonna Joanna Niccoli non abbiamo nessuna notizia.

La suora MAFALDA SEGNAFREDO que se trova in Roma, é nostra cugina, poi é figlia de Lino Segnfredo, fratello del mio papà e del zio Cirillo. É suora Carlista Scalerbiniana, di San Carlo Borromeo. Loro sono in 4 sorelle suore.

La nostra famiglia - di (Luiz) siamo in 8 fratelli. 5 figli e 3 ragazze. - 4 figli sono sposati e il último si sposterà in maggio, il giorno 19. Questo hanno, e meo, questo il farà 31 anni proprio nel giorno del casamento, - il più vecchio hanno 43 anni. - Delle 3 ragazze, unna é sposata e 2 no. Unna é infermiera e io lavoro con mio fratello più giovane che hanno un Scritorio per fare le scritte e altri lavori. Siamo in 10 funzionari. Io mi trovano in casa coi genitori. Il papà hanno 74 anni e la mamma 71 anni.

I genitori della nostra mamma, sono anche lei migrati in Italia. Sono Angelo Tedesco e Anna Zotta, pero, di banda di questi non abbiamo nessuna notizia né indirizzo dei parenti que sono stati in Italia.

Voi avete scritto que Carlo, Giuseppe e Lucia sian venuti di stare in Brasile. Pero, noi non habbian mai saputo niente né de Giuseppe, né de Lucia. Se per caso voi, Brigida e Isetta, ve ricordate de avere sentito dire qualcosa de loro, se erano sposati o no, per que baf da del Brasile erano de stare etc. - se qualcosa sapete, per piacere scrivete que noi andemo ricercare. Poi il nostro papà non ha mai sentito parlare niente de questi zii. Solo del Pe. Antonio.

I nostri genitori, habbian festeggiato sue Noce de ORO (50 anni di matrimonio) ai 10 de settembre de 1978. Per la occasione il Pe. Roberto ha rimesso di Roma la Benedizione del Papa PAULO VI, quel haveva trovato ancora venti di morire.

Lettera di Elide Seganfredo figlia di Luis Seganfredo e nipote di Carlo che scrisse a Brigida e Isetta e Antonio Seganfredo e Maria.

Nel anno de 1975, in compagnia del vescovo della Diocesi, de diversi padri e altre persone, somando piu de cento persone, io sono venuta in Italia per fare unna romaria per l'anno Santo. In quella occasione io non aveva ancora il vostro indirizzo, per quello e, que io non sono venuta trovarvi. Sono stati in Roma, onde abbiamo conosciuto tanti porti e anche la Catecumba de San Celixto. - In Capri, la grotta Azul, poi Firenze, Venezia, Padova. De Venezia sono andata de treno a Milano. Passando per Vicenza sono ricordata que in quella regione e de quella bande sono partiti i nostri nonni e anche 6 zii. In tanto il viaggio a Milano, ho cercato de sapere con le persone che gerano in treno, se qualcuno conosceva SEGANFREDO, NICOLLI, TEDESCO, ZOTTIS, pero, nessuno ha saputo dirmi qualcosa. Io haveva tanta volonta de conoscerli. Ho potesto verificare que quella regione, i monti, le pianure, la configurazione del terreno e tanto semelhante con la nostra regione di qua.

Quando sono stati in Padova, abbiamo scoperto que la maniera di parlare e le parole sono molto semelhante con la maniera que noi parlemo qua, poi que, in questa regione hanno tanti italiani decendenti dei vecchi migrati della vostra provincia, - de Belluno, Cremona, Vicenza, Brescia, Padova, Venezia e altri posti.

Ritornati da Milano, siamo partiti per l'Austria, Alemanha, Suiza (Svizzera), Francia, Espanha e Portugal. In tutto a i porti hanno vi ajato un mese.

Il popolo di qua, abian tanto gusto di cantari i canti italiani. Ci piace il vino, la polenta, i macarroni, la bigolada, le lasagne, la pizza e anche di giugare la mora. Questo tuto, e stato i nonni que hanno trasmitito ai figli, ai suoi decendenti. Hanno ancora qualcuno vecchio que e nato in Italia e e ancora vivo. Questi e partiti di la giovanetti e si ricordano poco de la sua Patria.

Dei nostri cugini, figli di Zio Cirillo, siamo lontano 500 km.

I nostri genitori e noi tutti, noi sentiremo molto contenti de ricevere lettere vostre. Se per caso qualche parola non sappiamo cosa vuol dire, dimanderemo ai padri que sono italiani e loro noi diran. Se voi non capite tutte quello que mi ho scritto, ricercati con la senhora Matalina Coradin, que come hanno habitato qua in Brasile, sara piu facile de capire.

Noi voliamo lasciarvi tanti salutti e abbiamo il piacere di dirvi que sono stati tanto contenti di avere saputo notizie vostre e volemo credere que non lasciate de rispondere questa lettera scrivendone piu notizie vostre.

Siamo anche drio ricercare piu notizie que voi potete mandarci, poi abbiamo il desiderio di fare la storia de la famiglia Seganfredo fino a la radiza.

Il nostro pappa il dice que i suoi genitori dicevano que la radiza de la famiglia Seganfredo - erao - Sigfrid - e que dovea essere forsi in principio della Alemanha, pero, non abbiamo sicurezza. Certo e, que siamo drio a cercare tutte le notizie possibile per fare un bon lavoro e se questo se potra fare, una copia manderemo anche a voi.

Vuoi lasciarvi molte raccomandazione e tanti salutti in nome de la famiglia e i desideri de tanta felicità, coi augurii de tanta salute, di buoni negozii e que la pace di Cristo Jesu si trove sui vostri cuori e con questa pace potrai essere per sempre molto felici tutti quanti.

Io, que ho scritto questa lettera, sono vostra cuggina, figlia de Luigi que si chiama Elide Edwiges Seganfredo.

Elide E. Seganfredo

Ricordo della mia partecipazione alla Santa Messa nella Cappella Privata del Santo Padre, il 19 Aprile 1980. Dopo la Santa Messa il Santo Padre Giovanni Paolo II ha salutato il gruppo della Pontificia Commissione alla quale lavoro dall'inizio del 1977. Qui, nella sala vicino alla Cappella ho avuto la gioia di parlare personalmente con il Papa ed esprimerle tutto quello che in quel momento portavo nel mio cuore.

67
Carissime cugine: Brigida e Isetta, questo é un ricordo che offro a voi due in segno di gratitudine a Dio per avermi dato la gioia di conoscervi.

Roma, 11 Giugno 1980

Suor Mafalda Seganfredo

Suor Mafalda, figlia di Lino Seganfredo e nipote di Carlo, scrive alle cugine Brigida ed Isetta. Questa è l'ultima comunicazione documentata e risale all'inizio degli anni '80.



Irmã Mafalda Seganfredo com o Papa João Paulo II.



Dipinto di Angiolo Tomasi (anno 1896) che ritrae una scena del porto di Genova. “Quando si guarda questo quadro si potrebbe immaginare che quella ragazza col fazzoletto possa essere la nonna Catterina (la figlia maggiore di Carlo) mentre aspettava di imbarcarsi sul bastimento! Lei aveva 14 anni quando si imbarcò con la famiglia di Carlo per venire in Brasile.” (Ana Maria Seganfredo)

Per la conferma delle date di partenza dei fratelli Seganfredo da Mason Vicentino è stato trovato un documento, in merito al quale Alessandro Seganfreddo, discendente di Luigi e Giulia Bellinasso ha scritto un’email ad Ana Maria Seganfreddo:

“La Signora Elena Zanettin che abita a Mason ed è l’autrice del sito dei Seganfreddo e del relativo libro (libro rosso) ha fatto delle scoperte eccezionali:

1. Ha trovato il foglio di famiglia di Pellegrino Seganfreddo dove risulta la composizione di tutta la famiglia Abitavano in Contrada Castello nella casa 289.
2. Nel foglio compaiono i nomi di tutti: Padre Antonio, Luigi, Giuseppe.... e anche dei nipoti sino allora nati.

3. Risulta che Giuseppe e Margherita, con i figli, emigrarono in Brasile il 15 dicembre 1891.
4. Carlo emigrò il 30 marzo 1897 con tutta la famiglia ed i genitori.”

Queste informazioni riportate da Alessandro, con il passare del tempo erano state dimenticate dai discendenti dei fratelli Seganfredo. Anche i documenti ufficiali (passaporti e documenti di identità personali) con il passare degli anni sono stati perduti.

2-Quelle che seguono sono delle brevi biografie dei principali protagonisti della nostra vicenda: Pellegrino (il patriarca), Padre Antonio (il missionario), Giuseppe, Lucia e Carlo. Ed infine sono state aggiunte le storie di Catterina e di Cirillo (figli di Carlo), di Carlos Antonio(Carleto), discendente de Lino di Carlo e Cornélio Seganfredo, discendente di Pellegrino di Giuseppe. In futuro, magari, si potrebbero raggiungere a questo racconto anche altre storie interessanti.

1.2. Nostri antenati emigranti

1.2.1. Pellegrino, il patriarca dei Seganfredo del Brasile e dei discendenti di Luigi rimasti in Italia

Possiamo considerare Pellegrino Seganfreddo il patriarca, dal momento che da lui discendono tutti i Seganfredo del Brasile e i discendenti di Luigi rimasto in Italia.

Nato nel 1816 in Italia, figlio di Antonio Seganfreddo e di Lucia Carli si sposò con Maria Volpato il primo marzo 1848, in Italia, dove sono vissuti fino al 1897. Poiché Pellegrino è vissuto soltanto tre anni in Brasile, in un primo tempo si pensava che fosse morto in Italia, tuttavia si sono trovati alcuni documenti che confermano che lui si è recato in Brasile insieme a suo figlio Carlo nel 1897. E' stato trovato anche il documento di morte,

avvenuta a Nova Prata il 28 ottobre 1899, a quel tempo chiamata São João Batista do Herval o Capoeiras.

Fu sepolto nel cimitero di São João Batista do Herval o Capoeiras (Nova Prata) come riportato nell'atto di morte. Capoeiras apparteneva all'epoca all'amministrazione di Alfredo Chaves, oggi città di Veranópolis.

La moglie Maria Volpato era figlia di Giuseppe Volpato e Elisabetta Franco (però nell'atto di morte di Maria si legge Elisabetta Canton), nata nel 1828, in Italia. Maria Volpato morì il 7 giugno 1916 nella Linha 37, a Nova Bassano dove fu anche sepolta.

Ha vissuto 17 anni da vedova, insieme a suo figlio Giuseppe. Chi conosce i racconti di Leonilde (Nilde) figlia di Catterina di Carlo, ricorda che lei aveva detto: "Ho conosciuto da piccola la nonna (Giovanna) e la bisnonna (Maria)".

Ancora, dai racconti di Leonilde (Seganfredo Dalla Costa), si sa che dopo poco tempo, si crede a Nova Bassano, in un luogo chiamato Caravaggio, vicino al Monte Pareo, Carlo creò un piccolo commercio di tutte le cose necessarie ai coloni: un po' di tutto, zucchero, sale, pentolame ed altre cose che i coloni compravano. Si era sistemato vicino alla chiesa, in un luogo adatto per organizzare feste di nozze e altre feste, come è costume ancora oggi in Brasile. Un certo giorno, nel corso di una di queste feste dove i coloni usavano sparare dei mortaretti - fuochi d'artificio - che contenevano polvere da sparo successe un incidente; un po' di polvere incendiaria cadde sul tetto della casa di legno di Carlo. La casa si incendiò e bruciò interamente tutto il piccolo mercato. Questo fu un fatto realmente accaduto ma di cui non se ne parla tanto: forse la volontà ed il dispiacere recati da certi fatti fa cancellare li eventi tristi dalla memoria.

Sebbene incontrassero parecchie difficoltà, Pellegrino e Maria erano contenti di aver lasciato il paese natale, poiché pensavano che nonostante le fatiche iniziali il futuro della loro famiglia sarebbe stato migliore che in Italia. Questo lo possiamo dedurre

anche dai racconti di Catterina, la figlia maggiore di Carlo, che amava ricordare il tempo in cui erano rimasti in mezzo alla foresta, incominciando il popolamento di Capoeiras (Nova Prata). Pellegrino, il patriarca, amava andare a caccia. In quei tempi i coloni mangiavano molta carne di cacciagione: uccelli e anche una specie di maiale selvatico che assomigliava ai maiali allevati. Mangiavano inoltre i pinoli, il frutto della araucária, e altri frutti della foresta.



Pinoli (pinhões) frutto di una conifera del sud del Brasile chiamata araucária.

Li indiani Guarani chiamavano questo álbero o frutto di “curi” e da questo deriva il nome della capitale del Paraná, Curitiba. (curi= álbero o frutto) e tiba= terra di= terra de molti pini, di molti pinoli- Kur Yt Iba) Ha sfamato tutti quelli che arrivavano per insediarsi nei luoghi selvatici.



Araucária: questo bosco si trova nelle terre di Cornélio (di Pellegrino di Giuseppe) a Ciriaco (RS). Con questo legno si costruivano le case in tutta la Serra Gaucha. Le prime case sono state fatte col legno tagliato con strumenti rudimentali, solo successivamente sono state costruite le segherie.



Fiume “DAS ANTAS” ai nostri giorni. Fiume “Das Antas” ai nostri giorni (foto di Ana Maria Seganfredo). Con questi paesaggi gli immigrati convivevano tutti i giorni. Questo fiume è stato uno dei più importanti nella colonizzazione perché, non essendoci strade, per raggiungere i paesi più interni si dovevano navigare questo ed altri fiumi.



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS

CERTIDÃO DE ÓBITO

Pellegrino Seganfredo

Matrícula

099960 01 55 1899 4 00001 014 000023 20

CERTIFICO, a pedido da parte interessada, com fundamento no artigo 82-A, da CNNR, revendo a folha 14v, sob nº 23, no Livro C-I, consta o assento do seguinte teor: “Nº 23. Aos trinta dias do mez de Outubro de mil oitocentos noventa e nove, n’esta séde de São João Baptista do Herval, segundo districto do municipio de Alfredo Chaves, em meu cartorio compareceu José Seganfredo, casado, agricultor, natural de Italia residente neste districto e perante as testemunhas abaixo nomeadas e assignadas declarou, que no dia vinte e oito do corrente, as as seis horas da manhã, falleceu n’esta séde em sua casa, sem assistencia medica e sem deixar testamento, seu pae Pellegrino Seganfredo, casado, agricultor, natural de Italia, com oitenta e trez anno de idade, filho ... de Antonio Seganfredo e de Lucia Carli, ambos fallecidos na Italia, deixando sobreviventes a mulher Maria Volpato e os cinco seguintes filhos; Antonio com quarenta e oito annos, José com quarenta e seis annos, Lucia com quarenta e quatro annos, Carlos com quarenta e um annos e Luiz com trinta e sete annos de idade. Foi sepultado no cemeterio d’esta séde. Do que para constar lavrei este termo que commigo assignam o declarante com as testemunhas Francisco Chiomento e Pedro Ferretto, ambos residentes n’esta séde. Eu Francisco Dall’Igna official do Registro civil o escrevi e assigno. (as) Francisco Dall’Igna Giosé Seganfredo Francesco Chiomento Pedro Ferretto”.-

Registro Civil das Pessoas Naturais
Titular do Ofício: Neusa Maria Cassol
Nova Prata - RS
Av. Luiz Marafon, 228 - Bairro Centro
Fone: (54) 3242-1009

O conteúdo da certidão é verdadeiro. Dou fé.
Nova Prata, 14 de agosto de 2017.

Neusa Maria Cassol
Neusa Maria Cassol
Registradora

Selo Digital de Fiscalização Notarial e Registral (Lei Estadual nº 12.492/2006)	0387 00.1400002.13318
Cidade: 72.25.10 - Processamento eletrônico: RE 4.50 - Selos: RE 4.10 - Nota nº 7084	
A validade dos selos digitais poderá ser consultada no site do Tribunal de Justiça: www.tju.rs.br	

Certificato di morte di Pellegrino Seganfredo. Si legge che Luigi, il figlio rimasto in Itàlia è menzionato come “Luis”.

1.2.2. Padre Antonio Seganfredo



Padre Antonio Seganfredo

Antonio Seganfredo nacque il 12 giugno 1851 a Mason Vicentino, Vicenza, Italia. Si trasferì in Brasile nei primi anni dopo il 1880; qui lavorò come aiuto cuoco nei cantieri della strada Buarque de Macedo. Fu in questo periodo che scoprì la vocazione al sacerdozio e per questo tornò in Italia nel 1892 per procedere con i suoi studi. Fu ordinato sacerdote il 31 marzo 1895 a Piacenza dal Vescovo Mons. Giovanni Battista Scalabrini e tornò in Brasile nel 1896. Padre Antonio morì il 23 Dicembre 1912 a Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasile.

Questo carismatico prete, lasciò Mason Vicentino intorno al 1880 per fare il manovale ed il cuoco in una ditta che costruiva strade nel Monte do Rio das Antas nel Rio Grande Do Sul. Pare che proprio in questo periodo abbia scoperto la vocazione sacerdotale: vista la mancanza di preti aveva l'incarico di seguire i compagni di lavoro nelle preghiere del giorno e nella lettura della Bibbia. Con i soldi guadagnati tornò in Italia per studiare prima all'Istituto Mander di Fonte Alto (Tv) e poi all'Istituto per Emigranti fondato da Don Giovanni Battista Scalabrini a Piacenza.

Diventato sacerdote e sentendo forte la vocazione missionaria, ritornò quindi in Brasile nel 1896 partendo da Piacenza il 20 luglio 1896 e imbarcandosi a Genova sul vapore "Edilio Re", insieme a 2.218 emigranti. Egli lavorò fino alla sua morte per il benessere dei suoi compatrioti. Semplice e povero, questo era Padre Antonio e per questo e per essere tornato in Brasile prete a 44 anni era conosciuto con il soprannome di "Barba Toni".

Riguardo al suo viaggio di ritorno in Brasile nel 1896 scrisse:

“Ho celebrato venti messe. Durante il viaggio morirono sei bambini con meno di un anno e una moglie di trent’anni. Nati due bambini”.

Il capitano della nave, Emanuele Pezzolo, scrisse al vescovo Scalabrini per ringraziarlo. Egli scrisse il 17 agosto 1896:

“E’ stato un onore avere a bordo Padre Antonio Seganfredo che appartiene alla vostra Congregazione. Ho osservato quanto questo sacerdote ha fatto per i 2100 migranti, in una situazione difficile come la nostra, avendo a bordo tante persone di diversi luoghi e in tanto piccolo spazio, perché lui ha confortato i timidi e i depressi ed ha contribuito a mantenere la pace sulla nave. Sarebbe una buona cosa che tutte le navi che portano un grande numero de migranti potessero sempre contare su un missionario dell’istituto fondato dalla Vs. Ecc. Rev.ma”.

La sua nave era partita dal porto di Napoli, facendo scalo nei porti di Genova, Santos, São Paulo e Rio de Janeiro, dove il viaggio ebbe termine.

São João do Herval o “Capoeiras ” fu il luogo che Padre Antonio Seganfredo scelse per svolgere il suo ministero dopo essere stato ordinato missionario scalabriniano. Si dice che questa località fosse chiamata così (Capoeiras) perché, nel passato, la foresta era stata distrutta non si sa se da un grande ciclone o da un incendio provocato dagli indiani della tribù Kaingangs (che significa “uomini della foresta”), che vi abitarono fino al 1850. Dopo l’incendio la foresta non si rinnovò più crescendo in quel luogo solo “capoeiras” cioè arbusti di piccole dimensioni; così si formò una radura dove poi sorse il villaggio.

Nel 1888, con la strada Buarque de Macedo completata da Capoeiras alla città di Montenegro, cominciarono a trasferirsi gli emigranti italiani e due anni dopo i polacchi. Nel 1889 un certo Silvério Antonio Araújo donò alla comunità, in onore del patrono San Giovanni Battista, un lotto di terra (242.000 mq.) per formare un piccolo villaggio ed incominciare la colonizzazione come usava fare il governo brasiliano per popolare le terre incolte. In seguito fu costruita una chiesa di legno, che si vede nel archivio del Museo Domingos Battistel a Nova Prata.

La costruzione del villaggio iniziò a cura del sacerdote Don Matteo Pasquali, della Parrocchia di Alfredo Chaves (Veranópolis) e successivamente, nel 1891, fu continuata da Don Giosué Bardin. In data 25 giugno 1893 fu elevata a parrocchia e il primo cappellano fu lo stesso Padre Don Bardin.

Quest'ultimo dopo tre anni trascorsi a Capoeiras (ora Nova Prata) si trasferì a Castro Alves (ora Nova Roma) e chi lo sostituì nella cura della parrocchia di Nova Prata o Capoeiras fu Padre Don Antonio Seganfredo che arrivò nello stato di Rio Grande do Sul nel settembre del 1896.

Nel 1898 Padre Antonio incominciò, insieme ai contadini e agli abitanti del borgo, ad attrezzarsi per fare una nuova chiesa di muratura e nel 1907 ricevette l'aiuto di Padre Don Giorgio Cavigliolo che lo sostituì il 10 ottobre 1908. Trasferito Don Giorgio a Monte Belo, rimase Don Carlo Porrini, che concluse la costruzione della chiesa e della casa parrocchiale.

Si deduce quindi che quando il vescovo Don Giovanni Battista Scalabrini venne dall'Italia nel 1904 per fare le visite pastorali alle colonie italiane e anche a Nova Prata (Capoeiras) per inaugurare la nuova chiesa, questa non era ancora completamente costruita.

Nel 1910 quando il vescovo brasiliano Don Antonio Pimenta andò in visita pastorale a Capoeiras scrisse: "A lui (Don Antonio Seganfredo) si deve la gloria di aver fatto dal nulla questo sviluppato villaggio di Capoeiras, ed é stato lui uno dei primi che

ha avuto il coraggio di andare a vivere in questo villaggio che prima del suo arrivo era ancora un luogo deserto e incolto”.

Il 5 agosto 1912 Padre Antonio fu nominato vicario di Nova Vicenza (vicino a Farroupilha). Nello stesso anno, mentre si trovava a Porto Alegre si sentì molto male e in poche ore morì il 23 dicembre 1912.

Il 29 ottobre 1915 la sua salma fu portata a Capoeiras; il popolo commosso andò incontro al feretro quando questo era ancora distante 10 km e rese grandi omaggi a questo grande benefattore.

Fu sepolto al centro della cappella maggiore nella chiesa di São João Battista, dove in una lapide di marmo è stato scritto:

“Ao Rvdo. Pe. Antonio Seganfredo, missionário Carlista, fundador desta Igreja e por 14 anos pastor muito amado, Capoeiras reconhecida, 1850-1912”.

“Al Reverendo Padre Don Antonio Seganfredo, missionario di San Carlo, fondatore di questa chiesa e per 14 anni pastore molto amato, Capoeiras riconoscente, 1850-1912”.



Una processione a Capoeiras (Nova Prata). Nella didascalia si ricorda che la Chiesa di San Giovanni Battista venne retta da Padre Antonio.



La prima Chiesa costruita in muratura a Capoeiras (Nova Prata,) iniziata nel 1898 dal Padre Antonio Seganfredo e inaugurata - anche se non era ancora terminata - alla presenza del vescovo Mons. Giovanni Battista Scalabrini.



Monsignor Scalabrini a Nova Prata nel settembre del 1904.

Fatti accaduti negli anni successivi alla morte di Padre Antonio Seganfredo

Riguardo il soprannome “Barba Toni”, i suoi compagni di studio lo chiamavano così perché aveva deciso di farsi prete già adulto, passati i trent’anni. Era considerato un missionario semplice e zelante.

Riguardo la sua salma, si racconta che, quando un parroco di Nova Prata volle ristrutturare la chiesa dove era stato sepolto Padre Antonio Seganfredo, raccolse le ossa di Padre Antonio Seganfredo da dove erano state sepolte e le inviò a Nova Bassano dove la parrocchia era gestita dai Carlisti, come lo è ancora ad oggi. Le ossa furono spedite in autobus dentro una scatola di scarpe. Fu scelto questo espediente perché alcuni preti secolari non avevano un buon rapporto con i preti carlisti. A quel tempo la Parrocchia di Nova Prata apparteneva alla Diocesi di Caxias do Sul. L’attuale vescovo di Caxias do Sul, Don Alessandro Ruffinoni, è un carlista-scalabriniano.

Anche se negli scritti sulla città di Nova Prata non si fa alcun riferimento a Padre Antonio, le foto della costruzione della prima Chiesa in muratura parlano di lui così come anche altri scritti. Le foto della prima chiesa in muratura si trovano nel Museo Domingos Battistel di Nova Prata dove abbiamo trovato questa documentazione negli archivi.

Dalle informazione in nostro possesso è possibile supporre che la salma del nostro antenato riposi a Nova Bassano. Tuttavia, poiché il prete di Nova Bassano che aveva ricevuto le reliquie non era stato troppo zelante, per questo motivo non si sa esattamente dove essi siano.

Nei registri di morte e nei registri di localizzazione di sepoltura non si trova nulla circa la sepoltura di Padre Antonio Seganfredo; il suo nome non è stato rintracciato e niente è stato scritto al riguardo.

Scriva Ana Maria: “Suor Mafalda Seganfredo ricorda che la

salma di Padre Antonio Seganfredo può essere stata sepolta in luogo di sepoltura privata di proprietà dei sacerdoti carlisti a Guaporé, però non è certo e anche che può essere che sia stato sepolto a Nova Bassano, però nessuno sa al certo!”

Nel libro *História de Nova Prata* il ricercatore Geraldo Farina scrive:

“Con la costruzione della nuova chiesa, la precedente chiesa di muratura fu utilizzata in primo tempo come salone parrocchiale e successivamente come il primo cinema di Nova Prata. Non vengono citate date, ma è notorio che già dal 1918 i Cappuccini amministravano la Parrocchia di San Giovanni Battista”

Continua Geraldo Farina: “La casa canonica fu demolita nell’anno 1930”

Si sa che nel 1918 gli scalabriniani lasciarono la Parrocchia di San Giovanni Battista; a questi seguirono fino all’anno 1924 i frati cappuccini. Dal 1924 in poi i responsabili della Parrocchia sono stati i preti secolari.

In internet si legge nel sito del Municipio di Nova Prata che la nuova chiesa incominciò ad essere costruita nell’anno 1939 e che fu inaugurata nel 1943. Pertanto, si può dedurre che l’antica chiesa fu usata per il culto fino a questa data, per cui l’esumazione dei resti mortali di Padre Antonio Seganfredo ed il loro trasferimento si può far risalire a quegli anni.

Inoltre, nel libro *História de Nova Prata* sono riferite notizie contenute anche negli archivi dei Padri Carlisti di Roma (Itália), che riportano:

“Chiesa di San Giovanni Battista di Capoeiras: La parrocchia venne fondata nel 1893 e fu retta per qualche tempo da Padre Giosué Bardin, sacerdote italiano della Diocesi di Porto Alegre. Trasferitosi altrove Padre Bardin, la parrocchia rimase per qualche anno senza un sacerdote fisso. I coloni si rivolsero allora a Monsignor

Scalabrini, il quale aveva scelto per loro Padre Vicentini, il quale invece venne inviato dal Vescovo di Porto Alegre ad Encantado. Tuttavia nello stesso anno i coloni di Nova Prata furono accontentati con l'invio di Padre Antonio Seganfredo colà, alunno del nostro Istituto. In loco, esisteva già una discreta cappella in legno, ma troppo piccola per le necessità locali. Con l'aiuto del proprietario di quelle colonie, non senza molte difficoltà, Padre Antonio Seganfredo riuscì a costruire una bella chiesa a tre navate, dedicata a San Giovanni Battista di Herval Grande. Qualche mese più tardi, arrivato a Nova Prata Padre Colbacchini, la parrocchia fu smembrata rimanendo però nella sua giurisdizione anche il territorio del Turvo, zona montagnosa e di difficile accesso.”

Per chiarire: Turvo è il nome di un fiume e in quella regione adesso c'è la città di Protásio Alves. Encantado è il nome di una città, a quel tempo un villaggio. Si sa però che Padre Colbacchini si recò a Nova Bassano mentre Padre Antonio Seganfredo rimase sempre a Capoeiras (Nova Prata)

Tuttavia, anche se non è possibile localizzare la sua tomba, fanno fede le testimonianze scritte su di lui: “il nostro missionario si può dire che fosse, già a quel tempo, un prete come Papa Francesco insegna: zelante, semplice e umile.”

Domandiamo a Lui, in cielo, che ci aiuti ad essere anche noi buoni cristiani. E non manca una piccola profezia riguardo a Padre Antonio. Pare che disse, in prossimità della morte, che in futuro ci sarebbe stato qualche altro Antonio Seganfredo scalabriniano. La “profezia” si realizzò il 16 dicembre del 2006 quando Padre Antonio Cesar Seganfredo (discendente di Carlo) diventò sacerdote scalabriniano nella chiesa di David Canabarro (RS).



Confrontando i registri si deduce che la nuova chiesa, in primo piano, fu costruita dal 1939-1943. Nel fondo si vede la prima chiesa di alvenaria costruita dal Padre Antonio Seganfredo.

Questo é un piccolo ricordo sopra la vita di questo nostro antenato molto speciale, un vero apostolo di Gesù.

1.2.3. Giuseppe Seganfredo

Nacque il 13 novembre 1853, figlio di Pellegrino Seganfredo e Maria Volpato si sposò con Margherita Marcon il 25 novembre 1875 a Mason Vicentino, Vicenza, Italia.

Morì il 10 Giugno 1919, a Nova Bassano, RS, Brasile, dove fu sepolto.

Figli di Giuseppe Seganfredo e Margherita Marcon e loro famiglie:

1. Pellegrino Seganfredo - nato in Italia anno 1880 - si sposò con Catterina Seganfredo, sua cugina, figlia di Carlo Seganfredo
2. Maria Seganfredo - nata in Italia anno 1884- si sposò con Francesco Balzan
3. Antonio Seganfredo - nato in Italia anno 1885- si sposò con Giovanna Caldieraro
4. Caterina Seganfredo - nata in Italia anno 1891- si sposò con João Caron
5. Lino Seganfredo - nato in Italia anno 1887- si sposò con Virginia Barbisan
6. Riccardo Seganfredo - nato in Brasile anno 1896- si sposò con Francesca Anzolin

Partito da Mason Vicentino per emigrare il 15 dicembre 1891 arrivò in Brasile, nel Porto di Rio de Janeiro, il 26 gennaio 1892 a bordo della nave “Solferino”.

I racconti del suo figlio maggiore , Pellegrino Seganfredo, sull’anno di partenza, hanno permesso di pensare che questa famiglia fosse arrivata in Brasile prima della famiglia di Carlo. Infatti, Pellegrino diceva che quando era partito dall’Italia aveva undici anni. Questo è stato confermato dal foglio di famiglia trovato da Elena Zanettin a Mason Vicentino.

Nel certificato di morte di Giuseppe Seganfredo si legge: “E’ morto a casa nel lotto numero 37, della linea Senador Ramiro, anche chiamata linea IX”. Si legge ancora: “morto per causa sconosciuta”.

Queste parole provocano dolore, facendo pensare che a quel tempo, in Brasile i nostri antenati morivano a casa, senza un dottore che potesse dire cosa avesse causato la loro morte, per quale malattia.....

La moglie Margherita Marcon morì prima di lui, il 5 agosto 1916, ed fu sepolta a Nova Bassano.

Sono sempre stati contadini e hanno vissuto a questo indirizzo: lotto 37, Linea Senador Ramiro (Barcellos), Nova Bassano.

Giuseppe visse 27 anni in Brasile e si potrebbe pensare che lui e la moglie siano morti in età più giovane di Carlo e Giovanna a causa delle grandi difficoltà dei primi tempi.

Lasciarono una numerosa discendenza. Alcuni parenti vivono ancora a Nova Bassano e dintorni ma la maggioranza, dall'anno 1940 emigrarono in altri Stati (Provincias) del Brasile cercando nuove terre. Tanti vivono oggi negli stati di Santa Catarina, Paraná e anche al Nord e Centro-ovest del Brasile, come tanti gauchi, partiti alla ricerca di nuove terre. Hanno fatto come i loro antenati, non trovando sufficienti risorse nel loro luogo di nascita sono andati a popolare altri luoghi, deserti e incolti.

Documenti trovati nel libro di bordo della nave Solferino:

FRONTEIRAS - DFNIAF	
RELAÇÕES DE PASSAGEIROS EM VAPORES	
PORTO DO RIO DE JANEIRO	
NOTAÇÃO: BR. AN. RIO. OL. O. RPV. PRJ.	4664
VAPOR:	SOLFERINO
DATA:	26.01.1892
PROCEDENCIA:	GENOVA
NÚMERO DE FOLHAS:	16

Qui si vede il nome della nave Solferino e la data di arrivo a Rio de Janeiro.

Seganfredo	35
Margherita	36
o. Pellegrino	4
u. Maria	7
u. Antonio	6
u. Lino	4
u. Caterina	5

Arrivo di Giuseppe Seganfredo con la famiglia imbarcato nel vapore Solferino. Si possono leggere i nomi di Giuseppe e Margherita con i figli nella lista di bordo manoscritta. Archivio Stórico di Rio de Janeiro.

Desembarcaram para a Capital, espontaneos				
idem	idem	idem	por conta de contractos	1189
idem	idem	idem	a ilha das Flores, espontaneos	
idem	idem	idem	por conta de contractos	1189

PASSAGEIROS EM TRANSITO

Venuti insieme a 1189 emigranti.

Della vita sociale di Giuseppe Seganfredo

Nel libro “Nova Bassano, das origens ao raiar do século XX” di Don Laurindo Guizzardi, bassanense, e anche negli scritti che si trovano in internet “Pioneiros Scalabrinianos no Rio Grande do Sul” si legge che Giuseppe Seganfredo fu uno dei contadini che aveva manifestato l’esigenza che a Nova Bassano

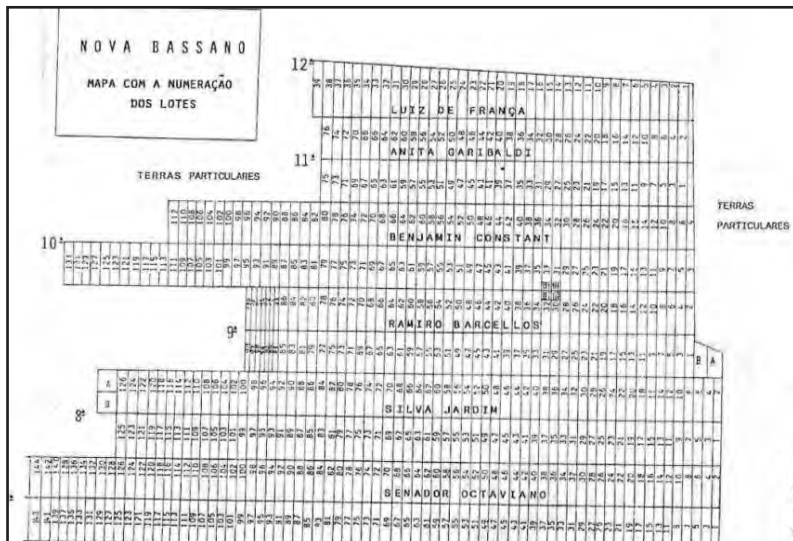
fosse necessaria la presenza di un prete. Questo fatto pare sia stato suggerito da suo fratello Pe. Antonio, che era in Italia a completare gli studi per diventare sacerdote e che voleva ritornare in Brasile e recarsi a Nova Bassano per svolgere il suo ministero.

Ricordiamo che mentre Antonio era ritornato in Italia, Giuseppe era arrivato in Brasile nel 1892 e a Nova Bassano non aveva ancora chiese e nemmeno il villaggio. Si racconta in questi studi che quando Giuseppe Seganfredo arrivò a Nova Bassano si mise subito a parlare con i coloni vicini e dei dintorni, che già erano molti, dicendo loro che era necessario avere un prete. Di questo avevano parlato Giuseppe e Antonio. Antonio aveva raccomandato al fratello che mentre lui studiava in Italia per diventare missionario, Giuseppe avrebbe dovuto preparare il posto per quando lui fosse tornato come missionario nel luogo dove voleva radunare tutti i suoi parenti. Così fece Giuseppe che insieme ad un comitato di contadini si era rivolto al vescovo del Rio Grande do Sul Don José Gonçalves Ponce de Leão, che in principio aveva detto di no, ma i coloni non si erano rassegnati e si erano rivolti a Don Giovanni Battista Scalabrini. Infine tutto si mise a posto affinché un sacerdote rimanesse insieme a loro e fondasse una chiesa. Però questo desiderio di Padre Don Antonio Seganfredo non fu esaudito perché poco prima del suo arrivo fu preceduto da Padre Pietro Colbacchini che si recò lui a Nova Bassano, cominciò i lavori per la fondazione del paese e la costruzione della prima chiesa di legno e per questo è considerato il fondatore di Nova Bassano. Nova Bassano dista da Nova Prata (Capoeiras) pochi km e se anche in quei tempi c'erano solamente cavalli e muli per muoversi, si può dire che Giuseppe e Padre Antonio non furono mai troppo distanti. Negli anni successivi arrivarono Carlo ed i suoi genitori e così la famiglia (senza Luigi però) fu nuovamente riunita.

Concessionari	Lotti	Area	Prezzo	Conc.	Pag.
Brenna Luigi	28	302.500	0,62	1891	—
Prado Felice	29	138.600	0,62	1891	1899
Da Re Lorenzo	29 A	138.600	0,62	1891	1897
San Pietro Carlo	30	302.500	0,62	1891	1897
Lovison Girolamo ♂	31	278.710	0,62	1891	1898
Zorzo Matteo	32	302.500	0,62	1891	1897
Balzan Nicola	33	280.225	0,62	1892	1898
Dalla Costa Valentino	34	302.500	0,62	1891	1897
Rigo Pietro	35	139.700	0,62	1891	1898
Lovison Girolamo ♂	35	139.700	0,62	1891	1898
Azzolin Giovanni Battista	36	302.500	0,62	1891	1891
Vedana Seganfredo Giuseppe	37	75.625	0,62	1891	1897
	37	226.875	0,62	—	1897

In questa pagina si trovano i nomi di Giuseppe Seganfredo e anche di Girolamo Lovison tra i primi colonizzatori di Nova Bassano.

I lotti potrebbero essere pagati in 5 o 10 anni. A linea Senador Octaviano era popolata dai polacchi, ma la maggior parte nel insediamento erano immigrati italiani.



Mappa della colonia di insediamento con il progetto dei lotti a Nova Bassano. Si vede che le linee vanno dalla sette(7) alla dodici(12) e ognuna ha un nome di brasilini conosciuti: La 11 aveva il nome "ANITA GARIBALDI"! Quella di Giuseppe (La IX) si chiamava RAMIRO BARCELLOS.

A ciascuno dei coloni veniva assegnato un lotto di terreno di forma rettangolare da coltivare dopo averlo deforestato. Nello stesso lotto essi costruivano anche la propria abitazione. La serie di lotti, posti l'uno accanto all'altro, formava una "linha" (linea).

1.2.4. Lucia Seganfredo Lovison



Foto di Lucia Seganfredo Lovison

Nacque il 12 giugno 1856 a Mason Vicentino Si sposò il 24 gennaio 1877 con Girolamo Lovison.

Morì il 28 dicembre 1941 e fu sepolta a Nova Bassano.

Girolamo Lovison, nato in Italia nel 1851, figlio di Andrea Lovison e di Caterina di Mason Vicentino.

Morì nel 1922 e fu sepolto a Nova Bassano.

Figli di Lucia e Girolamo e loro famiglie:

1. Luigi Lovison, nato in Italia nel 1886, si sposò con Angela Carollo;
2. Caterina Lovison, nata in Italia nel 1887, si sposò con Camillo Sasso;

3. Andrea Lovison, nato in Italia nel 1879, si sposò con Fortunata Anzolin;
4. João Lovison, nato in Brasile, si sposò con Emilia Dalla Costa;
5. Antonio Lovison, nato in Brasile nel 1900, si sposò con Aurelia Lazzarotto.

Su Lucia Seganfredo e Girolamo Lovison non sappiamo tanto, tuttavia nel foglio di famiglia a Mason, viene confermato che loro sono partiti dal comune il 15 dicembre 1891, insieme a Giuseppe Seganfredo. Nel libro di bordo del vapore “Solferino”, arrivato a Rio de Janeiro il 26 gennaio 1892, non si rilevano i loro nomi e quindi, probabilmente, si imbarcarono su un altro bastimento. Nel libro “Nova Bassano das origens ao limiar do século XX” di Don Laurindo Guizzardi si legge che questa famiglia abitava nel 1891 nel lotto 35 e che avevano anche un altro lotto numero 31, dove si pensa abbiano costruito la loro casa, poiché nel libro di genealogia di Rovilio Costa, dove viene menzionata la morte di lui si legge “...di morte naturale nel lotto 31 della Linha Ramiro Barcellos”, e quindi vicino all’abitazione di Giuseppe Seganfredo. Pertanto, si arriva alla conclusione che le due famiglie abbiano fatto parte dei primi abitanti di Nova Bassano, prima che arrivasse Padre Don Pietro Colbacchini per sistemare il paese e la chiesa.

Sulla data 1891 quale riferimento per l’arrivo a Nova Bassano delle famiglie di Lucia e di Giuseppe si può pensare che si riferisce a data del’anno di partenza dall’Itália, veramente al fine del 1891.

Hanno originato anche loro una numerosa discendenza. Molti abitano ancora a Nova Bassano e dintorni. Come spesso accade i discendenti dei nostri emigranti, dopo tanti anni molti si sono trasferiti nelle città, hanno studiato, e quasi nessuno è più un contadino, e se è ancora un contadino ora lavora con le nuove tecniche moderne.

Tra i discendenti di Lucia e Girolamo Lovison c'è Luis Molossi, nato a Nova Bassano e che oggi abita a Curitiba. Lui è coordinatore dal 2010 del MAIE: Movimento Associativo Italiani all'Estero. Viaggia per tutta l'America in visita alle comunità italiane sparse nel mondo per poi riferire al governo italiano riguardo le varie difficoltà e problematiche emerse.

Luis Molossi discende di Girolamo e Lucia Seganfredo(bisnonni); Antonio Lovison e Aurélia Lazzarotto (nonni) e Hermelinda Lovison e Angelo Francesco Molossi (genitori).

1.2.5. Carlo Seganfredo



Foto di Carlo e Giovanna Maria

Carlo nacque l'8 ottobre 1858 a Mason Vicentino si sposò con Maria Giovanna Nicoli il 28 gennaio 1885, figlia di Domenico Nicoli e Caterina Fiorentin, di Mason Vicentino.

Morì il 17 maggio 1945 a Nova Bassano, Rio Grande do Sul, Brasile dove fu sepolto. Maria Giovanna Nicoli morì l'11 gennaio 1933, a Nova Bassano, Rio Grande do Sul, Brasile dove fu sepolta

Figli di Carlo e Giovanna Maria e loro famiglie:

1. Catterina Seganfredo, nata nel 1882 in Italia, si sposò con Pellegrino Seganfredo, suo cugino figlio di Giuseppe;
2. Amalia Seganfredo, nata nel 1885 in Italia, si sposò con Augusto Segalin;
3. Maria Seganfredo, nata nel 1886 in Italia, si sposò con Natale Luigi Signori;
4. Cirillo Seganfredo, nato nel 1888 in Italia, si sposò con Maria Thereza Soccol;
5. Assunta Seganfredo, nata nel 1890 in Italia, si sposò con Angelo Zandoná;
6. Lino Seganfredo, nato nel 1893 in Italia, si sposò con Thereza Parisotto;
7. Livia Seganfredo, nata nel 1896 in Italia, si sposò con Francisco Tecchio;
8. Gilberto Seganfredo nato in Brasile (anche conosciuto come Alberto o Berto) si sposò con Maria Tecchio;
9. Florinda Seganfredo, nata in Brasile, si sposò con Francisco Tonini;
10. Silvio Seganfredo, nato in Brasile, si sposò con Palmira Vanzin;
11. Luigi Seganfredo, nato in Brasile, si sposò con Elisa Tedesco;
12. Augusto Seganfredo, nato in Brasile, si sposò con Maria Segalin.

Non sono state ancora trovate le date di nascita dei figli nati in Brasile: si sa però che avevano poca differenza di età tra di loro.

Su Carlo Seganfredo si sa che è partito da Mason Vicentino il 30 marzo 1897 con i figli e i genitori già anziani, e si imbarcò nel porto di Genova il 4 aprile 1897. Arrivati al porto di Rio de Janeiro dopo 40 giorni di viaggio, a bordo del vapore

“RIO” come si rileva in alcuni documenti trovati nell’Archivio di Stato di Minas Gerais, furono poi trasferiti all’Hospedaria Horta Barbosa della città di Juiz de Fora, non essendo riusciti a mettersi in contatto con Padre Don Antonio Seganfredo, già in Brasile dal 1896. Queste notizie sono state raccolte dai racconti di Catterina, la figlia maggiore di Carlo e forse anche di altri della famiglia. Alcuni studi compiuti dei missionari scalabriniani in Brasile riportano una lettera che Padre Antonio Seganfredo scrisse al Vescovo Don Giovanni Battista Scalabrini e che risulta molto interessante.

La lettera

“Vostra Eccellenza, una disavventura infelice portò nella miseria la mia povera famiglia. Il 4 aprile 1897 i miei genitori già anziani sono partiti dal Porto di Genova insieme a uno dei miei fratelli con la moglie e sette figli. Arrivati a Rio de Janeiro invece di imbarcarli per il Rio Grande do Sul sono stati trasferiti a Minas Gerais e sono rimasti sotto il comando di un “fazendeiro” che li faceva lavorare come schiavi pagandoli soltanto con poco da mangiare. Quando ho saputo, sono partito il 2 luglio da Capoeiras per portarli insieme a me e sono tornato l’8 settembre. Nel ritorno, ho lasciato i miei vecchi genitori, mio padre di anni 81 e mia madre di anni 78 a São João do Montenegro. Non ho potuto portarli con me per via del maltempo e per le strade totalmente impraticabili. Sono tornato con mio fratello e cinque dei suoi figli. Camminiamo per tre giorni sotto la pioggia. Vi dico, ho sentito i dolori del purgatorio o anche dell’inferno! Sono arrivato vivo, però non in buona salute.”

Si può pensare che Padre Antonio avesse lasciato a São João do Montenegro i suoi genitori e la moglie di Carlo con i due figli più piccoli.

In un altro rapporto a Scalabrini scrisse di quello che è accaduto:

“La maggiore dei figli di Carlo ha appena 14 anni (come si vede nel documento dell’arrivo)” e anche : “..sono stati imbarcati con il viaggio gratis e con 200 lire donate dall’Arciprete di Mason Padre Antonio Cogo” e ancora: “A Minas Gerais sono stati trattati come schiavi e in questa miseria mi hanno scritto chiedendomi aiuto. Dove erano, avevano la “febre amarela” (febbre gialla) e tante zanzare che non li lasciavano in pace né durante il giorno e nemmeno di notte, e per questo i loro corpi erano pieni di piaghe!”

La figlia Catterina ricorda ancora che a Minas Gerais dormivano tutti insieme in un capannone. Si arriva alla conclusione che questo capannone era quello che in portoghese si chiama “senzala!” che era il luogo dove dormivano gli schiavi neri, appena liberati della loro schiavitù.

Quello che non sappiamo è come padre Antonio Seganfredo abbia saputo dove si trovavano i suoi famigliari e come fossero arrivati in Minas Gerais. Probabilmente vi arrivarono con un treno da São Paulo. Non si sa nemmeno con quali mezzi arrivarono poi definitivamente fino al Rio Grande do Sul.

A causa del suo comportamento che aveva privilegiato la ricerca dei suoi famigliari rispetto al ministero sacerdotale, Padre Antonio non era visto di buon occhio da Padre Pietro Colbacchini. Quest’ultimo chiese a Mons. Scalabrini che Padre Antonio fosse sollevato dal suo incarico.

Padre Antonio scrisse riguardo a questi fatti a Don Scalabrini: “Mi inginocchio ai vostri piedi, mi sento depresso perché Padre Pietro Colbacchini mi accusa di cose che non ho fatto!”

E racconta a Don Scalabrini cosa era successo alla sua famiglia portando anche la testimonianza del confratello Don Marcos Simoni.

Ed anche:

“Sono due anni che mi trovo in Brasile e sempre sono stato diffamato da Padre Colbacchini. Io sopporto e non dico niente. Adesso lui mi chiama “il furbo cimbro” perché lui sa che io sono discendente dai cimbri.”

E poco tempo dopo:

“Fortunatamente adesso le cose vanno bene! Nel 1898 mio fratello Carlo ha trovato un lotto di terra nella LINDHA IX dove abita un altro mio fratello (Giuseppe). Mio padre è morto il 28 ottobre 1899 e mia mamma è andata ad abitare con mio fratello in colonia, verso la metà del 1900. Adesso i problemi familiari sono finiti.”

Con questo rapporto non vogliamo sottovalutare il Padre Pietro Colbacchini. I sacerdoti di quel tempo avevano una condotta rigida e il nostro missionario Padre Antonio Seganfredo si mescolava più facilmente con il popolo, senza togliere il Sacramento dell'ordine che aveva ricevuto.

Padre Pietro Colbacchini ha sofferto molto in Rio Grande do Sul per aver questa caratteristica dura. Morì a Nova Bassano il trenta di gennaio all'età di 55 anni.

In base a queste testimonianze possiamo pensare che Carlo con la famiglia ed i genitori, dal loro arrivo in Brasile nel 1897, sia rimasto insieme a Padre Don Antonio Seganfredo fino alla definitiva sistemazione in colonia. In questo lasso di tempo si può pensare che lavorassero insieme ai preti e a Padre Antonio. Si deduce questo perché Carlo fu sagrestano e lo fu anche dopo il suo trasferimento da Capoeiras. Secondo i racconti di Leonilde Seganfredo, sposata con Cirilo Dalla Costa, figlia di Pellegrino e Catterina, nipote di nonno Carlo, “Carlo era quello che lavorava con i preti”.

Carlo Seganfredo ebbe numerosi discendenti. Molti di essi emigrarono in altre zone del Brasile alla ricerca di nuove terre.

Con il passare delle generazioni la maggior parte ha potuto compiere degli studi e laurearsi in diversi settori. Ormai sono dislocati in tutto il Brasile.

Documenti

Di seguito sono riportati alcuni documenti che testimoniano l'arrivo in Brasile della famiglia. Sono alcune tracce che confermano le date riportate in varie testimonianze orali o nelle varie lettere scritte da Padre Antonio Seganfredo.

3	Seganfredo Pellegrino	20 m c		
4	Maniel	69 f		
5	Carlo	38 m c		
6	Giovanne	31 f		
7	Estevão	14		
8	Alcântara	11		
9	Maria	12		
10	Cirillo	2 m 4		
11	Alcântara	6 f		
12	Licco	4 m		
13	Lisia	4 f		

Documento trovato nell'archivio storico di Minas Gerais - Hospedaria Horta Barbosa - Città di Juiz de Fora. La famiglia di Carlo, con i genitori vennero portati in questo luogo appena arrivati in Brasile. (estratto del libro manoscritto)

Come il documento precedente trascritto digitalmente

APM - Arquivo Público Mineiro

SA-920 - SEGANFREDO

Chefe da família: SEGANFREDO Pellegrino - 80 anos

Livro: SA-920 pag.: 93

Data: 02/05/1897 (Data de entrada na Hospedaria)

Nacionalidade: Italiana

Dependentes: SEGANFREDO Maria - 69 anos - mulher

SEGANFREDO Carlo - 38 anos - filho

SEGANFREDO Giovanna - 35 anos - mulher

SEGANFREDO Caterina - 14 anos - filha

SEGANFREDO Amalia - 11 anos - filha

SEGANFREDO Maria - 10 anos - filha

SEGANFREDO Cirillo - 8 anos - filho

SEGANFREDO Assunta - 6 anos - filha

SEGANFREDO Lino - 4 anos - filho

SEGANFREDO Livia - 6/12 meses - filha

Embarcação: Rio

Microfilme: Rolo 04

Fonte: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br>. Acesso em: 27/01/2009
19:00:36 - 1

Estação Terrea	Natureza da lavoura	Data da saída
	Café	12-5-97

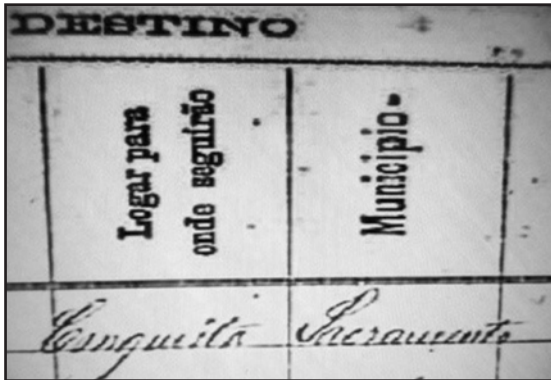
Qui si legge
la famiglia
viene
mandata
in una
fattoria di
caffè.

Qui si legge
che la persona
che ha fatto
"il contratto"
tra Carlo e
la fazenda di
Café fu un
certo Agostino
Zago.

Nome do contractante
Agostino Zago



In questo documento si legge che il viaggio fu pagato dal Governo brasiliano.



In questo documento si legge il luogo del posto dove sono inviati



CONQUISTA che in quel tempo apparteneva a SACRAMENTO (Minas Gerais).

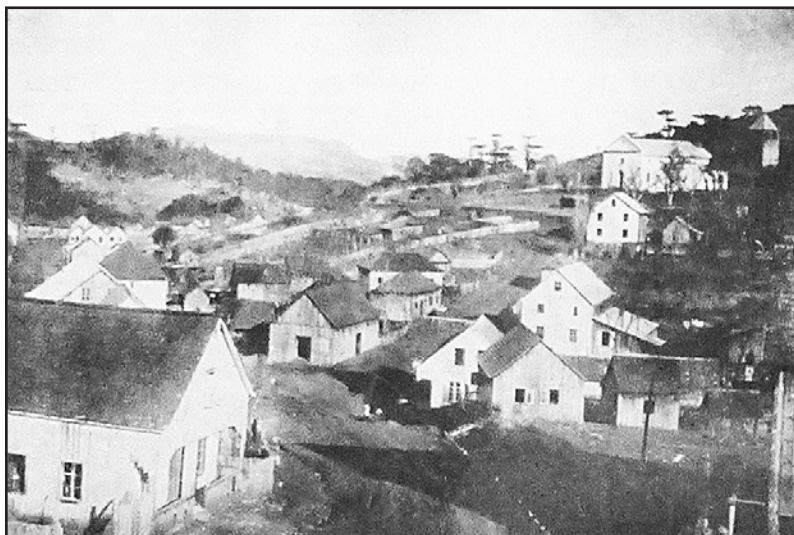
Le regioni descritte, adesso, hanno altre divisioni amministrative rispetto all'epoca. La famiglia di Carlo con il papà Pellegrino e la mamma Maria Volpato, insieme con Padre Antonio,

furono costretti a fare circa 1600 Km (come?) per ritornare a Porto Alegre e poi, altri 180 Km fino a Capoeiras. Non si sa come Padre Antonio abbia fatto a convincere il fazendeiro a liberare la sua famiglia: probabilmente il fatto che fosse un sacerdote potrebbe avergli agevolato l'impresa.

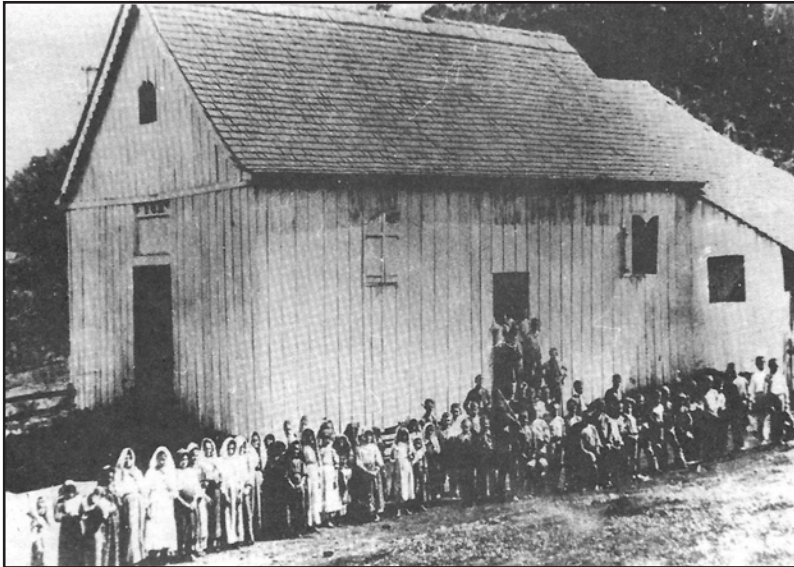


Il tragitto(180km) da Porto Alegre a Capoeiras (ora Nova Prata).

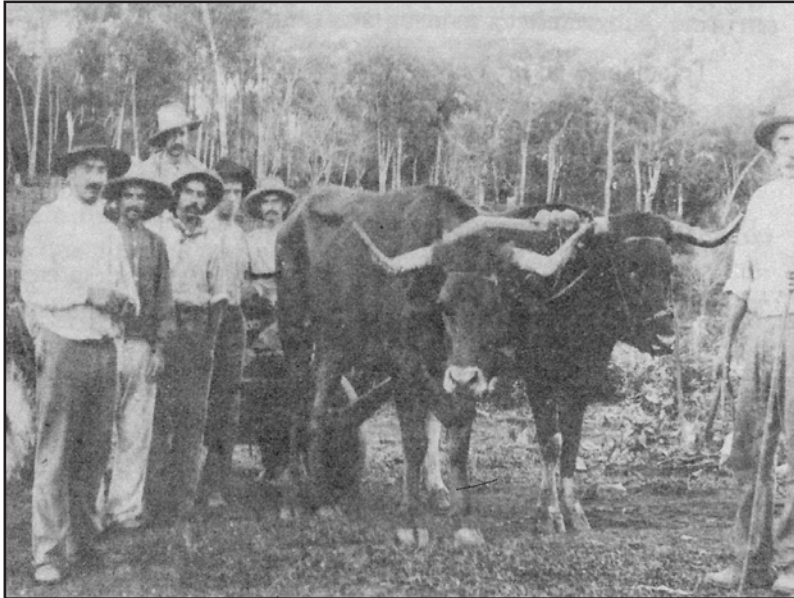
Dal registro dello sbarco si potrebbe dedurre che Carlo e Pellegrino, quando si recarono in Brasile, non fossero a conoscenza che sarebbero stati inviati a lavorare in una fazenda di caffè!



Nova Bassano nell'inizio del XX secolo.



Chiesa costruita in legno a Nova Bassano, nell'ano 1897.



In America, gli imigranti italiani, sopravivevano dell'agricoltura.



Percorso degli emigranti dopo il loro arrivo in Brasile

Quando partivano dall'Italia gli emigranti sapevano solamente che andavano in America, in Brasile. Il viaggio sui bastimenti durava circa quaranta giorni. Facevano scalo a Rio de Janeiro o a São Paulo. Una volta arrivati, si presentavano alla “Inspetoria Geral de Terras e Colonização, Agência Oficial de Colonização ” dove venivano raccolti i loro dati, famiglia per famiglia, e lì veniva comunicata la loro destinazione; anche se i contratti erano firmati in Italia soltanto allora sapevano in quale regione del Brasile sarebbero stati inviati.

Se si era verificata qualche epidemia sulla nave, gli emigranti erano costretti a rimanere in quarantena ed erano inviati a Ilha das Flores, Rio de Janeiro. Trascorso il periodo di quarantena, erano liberi di imbarcarsi per la destinazione finale.

Se venivano inviati nel Brasile del sud avevano due alternative di percorso:

1. Imbarcati insieme coloro la cui destinazione finale era Buenos Ayres (Argentina) o Montevideo (Uruguay), venivano sbarcati nel Porto de Rio Grande e da lì avrebbero dovuto andare fino a Porto Alegre via terra o imbarcandosi su altra nave locale della “Companhia Nacional de Navegação Costeira”, società di navigazione brasiliana. Da Porto Alegre avrebbero raggiunto poi le destinazioni finali.
2. Gli altri, invece, rimanevano a Rio de Janeiro o a San Paolo, ed erano successivamente imbarcati su navi locali, sempre di appartenenza della “Companhia Nacional de Navegação Costeira”, che li portavano fino a Porto Alegre, nelle vicinanze del Lago Guaíba. Da Porto Alegre, gli emigranti continuavano il loro percorso in chiatte lungo il fiume Caí. Coloro che andavano a Bento Gonçalves venivano sbarcati a São João do Montenegro. Coloro che andavano a Caxias do Sul si fermavano a São Sebastião do Caí. Dopodiché, tutti continuavano a piedi, in carrozze o con muli fino alla destinazione finale, dove quasi sempre veniva messo a loro disposizione un capannone in cui alloggiare per il tempo sufficiente a stabilirsi nelle terre acquistate.

Sul ritorno di Padre Antonio Segnfredo da Conquista (Minas Gerais), dove era andato a salvare suo fratello Carlo con la famiglia ed i genitori, si può pensare che abbia fatto il viaggio in treno fino a São Paulo e successivamente abbiano fatto uno dei percorsi sopra descritti. Questo si può dedurre perché scrisse che si erano fermati nel ritorno a São João de Montenegro.

3.1. Etnie e il popolamento di Nova Bassano e Nova Prata

Secondo il ricercatore Geraldo Farina, pratense, il popolamento di Capoeiras (Nova Prata) cominciò ufficialmente nell'anno 1884, tuttavia non esistendo documenti probatori, è probabile che sia incominciato poco più tardi.

A Nova Bassano il popolamento incominciò negli anni di 1891-92. Nel processo di formazione storico-culturale di questo popolamento varie etnie vi si radicarono: italiani, polacchi, tedeschi e una delle molte etnie brasiliane discendenti di portoghesi con africani. Gli italiani venivano dalle regioni del Veneto, Lombardia, Trentino e Toscana. Ognuno parlava un dialetto differente. Con l'andare del tempo per comunicare tra di loro i coloni incominciarono a mescolare i dialetti ed anche ad inserire nel linguaggio parole della lingua portoghese; così si formò questa "koinè", un'altra lingua chiamata Talian riconosciuta in Brasile come patrimonio culturale ed anche come lingua latina.

I polacchi che contavano circa di 2.100 individui arrivarono nell'anno 1891, popolando Vista Alegre, la linea General Osório, chiamata "la sesta dei polacchi" (mappa di Nova Prata), la settima, linea Senador Octaviano (mappa di Nova Bassano) e la ottava, linea Silva jardim (mappa di Nova Bassano).

Costoro parlavano solamente il polacco, avevano difficoltà di comunicazione con gli italiani che li chiamavano "polacchi senza bandiera" perchè la Polonia, dal 1795, era stata smembrata tra Russia, Prussia e Austria. I polacchi erano cattolici, sani di salute, fisica e morale.

C'erano anche tedeschi, ma in numero inferiore, tra i quali Guilherme Licks che possedeva immense foreste. Per questo proprietario Cornélio Segnanfredo e i suoi fratelli (figli di Pellegrino e Catterina) tagliavano alberi di pino per guadagnare denaro e comprare terre in altri luoghi.

Due fratelli tedeschi, Jacob e José Carlos Ely comprarono

200 appezzamenti di terreno e di questi fecero una lottizzazione vendendo poi ai vari contadini.

Quanto ai brasiliani di origine afro-portoghese, costoro lavoravano nelle segherie, nel trasporto del legname, nelle raffinerie (piccole fabbriche che producevano farine) ed in altri servizi pesanti.

Tra gli emigranti provenienti dal Veneto, molti erano originari dell'Altopiano di Asiago e quindi di origine cimbra. Anche Padre Antonio, in una delle sue lettere, scrisse che Padre Colbacchini lo chiamava "astuto cimbro" o "furbo cimbro". Quindi anche lui pare confermare che il cognome Seganfredo abbia origine Cimbra (SIEGFRIED= colui che vince pacificamente). Per capire un po' meglio chi fossero i Cimbri Alessandro Seganfredo ha scritto qualche notizia per approfondire la conoscenza di questo popolo proveniente dall'attuale Baviera in Germania.

3.2. Breve storia del popolo cimbro

Tra il X ed il XII secolo i monti che stanno sopra le pianure vicentina e veronese furono occupati da popolazioni che provenivano prevalentemente dalla vicina Baviera (Germania del Sud). Gli altipiani dei Sette Comuni o di Asiago (1), di Folgaria (2) e della Lessinia (3) erano praticamente disabitati e queste popolazioni trovarono, in quei luoghi, nuove terre da coltivare e boschi da cui ricavare legname per le loro case e per lo scambio con i territori vicini. La lingua parlata era un dialetto bavarese, quindi simile al tedesco, che è stato usato per secoli dagli abitanti che, nel tempo, aumentarono di numero e che estesero l'uso del loro idioma e delle loro tradizioni anche ai territori di pianura. Nei secoli, queste comunità diventarono talmente forti da poter avere una forte autonomia dalla Repubblica di Venezia, dai dominatori francesi e dall'imperatore d'Austria. Negli altipiani si vennero a creare delle forme di governo che erano paragonabili



Da sinistra suor Rosetta Seganfredo, Lucrezia De Antoni Seganfredo, Don Fernando Seganfredo e Antonio Seganfredo (parenti di Alessandro), in visita a Luserna, in provincia di Trento, al museo dei Cimbri.

a delle piccole confederazioni dove i singoli paesi si mettevano insieme per regolare l'uso dei boschi, dei campi ed in generale di tutte le proprietà pubbliche. In questo contesto la cosa più interessante è che la lingua cimbra e le tradizioni si mantennero per secoli pur essendo in contatto con territori dove la lingua parlata era il dialetto veneto o trentino. La decadenza della cultura cimbra avvenne in

più riprese: una delle cause principali fu lo scoppio della prima guerra mondiale che impose a quasi tutti gli abitanti degli altipiani di trasferirsi in più parti. I Cimbri che abitavano in provincia di Trento si trasferirono in località tedescofone (Austria e Germania); gli abitanti della provincia di Vicenza, soprattutto dal 1916, furono costretti ad emigrare nelle pianure venete ma anche in altre province italiane. Alcuni addirittura finirono vicino a Roma o in Sicilia; altri ancora negli Stati Uniti o in America del Sud (Brasile e Argentina). Questo fenomeno è noto con il nome di "profugato" e ancora oggi è ricordato come fonte di grandi dolori e di divisioni familiari. Dopo la prima guerra mondiale nulla fu come prima: molti profughi non tornarono più e la lingua cimbra divenne sempre più minoritaria. Il fascismo poi impose l'uso dell'italiano a scuola e negli uffici pubblici. A poco a poco, solo gli anziani parlavano l'antico idioma; le nuove generazioni abbandonarono molti degli usi e

delle tradizioni che erano stati praticati per secoli. Oramai la lingua cimbra si è ritirata in alcune piccole località poco abitate: nel paese di Luserna in provincia di Trento, a Roana in provincia di Vicenza ed in alcune piccole località della provincia di Verona.

Le popolazioni che abitano oggi gli Altipiani sono comunque i discendenti degli antichi Cimbri: in questi ultimi anni sono nate molte iniziative con lo scopo di far rivivere e far conoscere quelle che erano le tradizioni in uso in queste splendide località. Il cantore degli Altipiani può essere considerato il grande scrittore Mario Rigoni Stern che nei suoi libri ha narrato le vicende e le storie dei luoghi e dei popoli di origine cimbra.

Questi i comuni compresi negli Altipiani sopracitati (il nome tra parentesi è il nome originario in lingua cimbra):

(1) Asiago (Slege), Roana (Robaan), Rotzo (Rotz), Gallio (Ghèl), Enego (Ghenebe), Foza (Vüsche), Lusiana (Lusaan), Conco (Kunken).

(2) Folgaria (Folgrait), Lavarone (Lavròu), Luserna (Lusern), Vallarsa (Brandtal).

(3) Selva di Progno (Brunghe), Badia Calavena (Kam' Abato), Velo Veronese (Velije), Roverè Veronese (Roverait), Bosco Chiesanuova (Nauge Kirche), Erbezzo (Bisan), San Mauro di Saline (San Moritz, Salain), Cerro Veronese (Kame Cire).



Piccole biografie di quattro famiglie

I fratelli Seganfredo ebbero molti figli: alcuni nati in Italia altri in Brasile. Descrivere le storie di tutti i discendenti è sicuramente impossibile ma di alcuni si possono descrivere le vicende. Seguono quindi alcuni racconti di altri componenti la famiglia dei Seganfredo ormai stabiliti in Rio Grande Do Sul.

La storia che segue è quella dei due cugini che si incontrarono in Brasile Pellegrino Seganfredo (di Giuseppe) e di Catterina (di Carlo) che si incontrarono e che diedero luogo al primo matrimonio dei Seganfredo in Brasile. La loro storia è significativa del lavoro, delle fatiche e delle difficoltà che soprattutto i primi coloni dovettero affrontare.

4.1. La storia di Catterina, figlia di Carlo e di Maria Giovanna

Si dice che i dolori e le cose spiacevoli non si dovrebbero

raccontare, però questa storia la dobbiamo raccontare perché fa parte della storia degli emigranti Seganfredo.

Dopo essere diventata vedova, Catterina Seganfredo, figlia di Carlo, andò ad abitare insieme alla famiglia di suo figlio Cornelio Seganfredo, a Ciriaco, dove abitavano anche José e Achilles, due altri figli di Catterina, emigrati da Nova Bassano. Per questa coabitazione, dai racconti di Catterina si seppe che cosa era successo a lei, quando era nata.

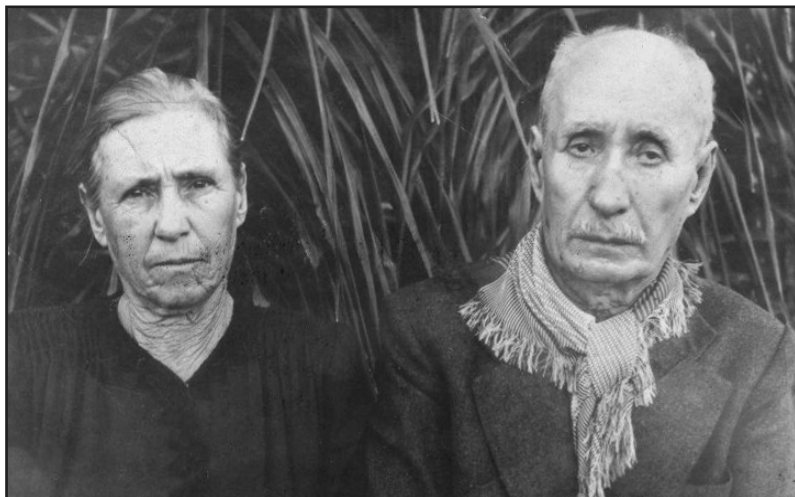
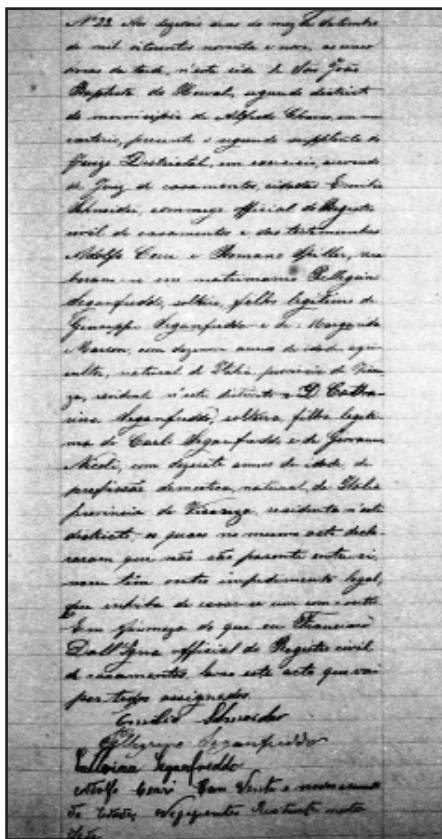


Foto di Pellegrino Seganfredo e Catterina ormai anziani.

Scrive Ana Maria: (nipote di Catterina): “Catterina raccontava che quando lei era nata, la mamma Maria Giovanna, e crediamo, la sua famiglia, l’avevano messa dentro un piccolo cesto di paglia e l’avevano lasciata nella ruota degli esposti, ossia in un orfanotrofio gestito dalle suore, dove lasciavano i neonati abbandonati. I discendenti di Catterina non vogliono con questo incolpare la loro nonna Giovanna perché non era ancora sposata con Carlo, anche se Carlo era il papà di Catterina. Catterina è rimasta nell’orfanotrofio per dieci anni e dopo che le suore l’avevano dichiarata adottabile, aveva vissuto per quattro anni passando da una famiglia all’altra, perché la povertà di quei tempi non per-

metteva ad una famiglia di avere una bocca in più da sfamare. E così é rimasta fino a poco prima che la famiglia di Carlo partisse per il Brasile. Si racconta che Padre Antonio Seganfredo, a conoscenza di questi fatti, quando avevano completato i preparativi per emigrare, avesse detto a suo fratello e a sua cognata che non avrebbe permesso che loro partissero in Brasile se non avessero portato con loro anche Catterina. Allora i genitori di Catterina la portarono insieme agli altri fratelli, ma si dice che la madre Maria Giovanna non abbia mai accettato la figlia, anche se Catterina l'ha curata a casa di suo fratello Silvio Seganfredo, a Nova Bassano, per diversi mesi, quando Maria Giovanna si é ammalata di cancro e ciò fino alla sua morte. Per i discendenti di Catterina questi sono tristi ricordi, non ne parlavano volentieri della “storia della nonna”. Tuttavia i suoi fratelli e i suoi nipoti le volevano bene e la chiamavano Zia Catina.”



Si hanno sposato al 16 settembre 1899. Certificato di Matrimonio tra Pellegrino, figlio di Giuseppe, e Catterina, figlia di Carlo. E' interessante notare che entrambi firmano con due "d".

Dopo tre anni dall'arrivo in Brasile, Catterina si sposò con suo cugino Pellegrino Seganfredo, figlio di Giuseppe: ebbero 11 figli. Per sopravvivere in colonia a Nova Bassano, Catterina era

diventata ostetrica e molti bambini bassanensi sono nati con il suo aiuto. Quanto a Pellegrino, suo marito, per alcuni anni fece l'insegnante di portoghese ai figli degli emigranti, conoscendo la lingua portoghese in quanto era arrivato in Brasile quando aveva 11 anni ed aveva per molto tempo accompagnato suo zio Padre Antonio Seganfredo per le colonie dove abitavano tanti emigranti. Anni dopo, il governo brasiliano inviò per l'insegnamento professoresse con un grado più elevato di studio e chi lo ha sostituito in questo lavoro fu la professoressa Ana Sasso, anche lei discendente dei primi emigranti di Nova Bassano.

Padre Antonio Cesar Seganfredo, discendente di Lino Seganfredo, figlio di Carlo, studiò a Roma e fu ordinato sacerdote scalabriniano nel 2006. Egli andò alla ricerca dei possibili discendenti di Luigi, il fratello degli emigranti rimasto in Italia. Fortunatamente li trovò, e allora tra di loro incominciò uno scambio di informazioni. Raccontando la storia di Catterina, Antonio Cesar incuriosì Alessandro che, fortunatamente con l'aiuto della Sig.ra Elena Zanettin di Mason Vicentino, trovò delle informazioni riguardanti Catterina nel foglio di famiglia. Se anche non si sa esattamente dove sia nata, si pensa questo sia stato nei dintorni di Mason Vicentino.

Alessandro scrisse proprio il 6 febbraio 2009, il giorno dopo il compleanno della nipote di Caterina Ana Maria Seganfredo questa email che fu proprio un bel regalo.

“ Regalo di compleanno....un giorno dopo!

Cara Ana Maria,
prima di leggere questa e-mail siediti e mantieniti calma...

La signora Elena Zanettin, che abita a Mason ed è l'autrice del sito dei Seganfredo e del relativo libro, ha fatto delle scoperte eccezionali.

Ha trovato il foglio di famiglia di Pellegrino Seganfredo dove risulta la composizione di tutta la sua famiglia..... Abitavano in contrada Castello nella casa n. 289..... Nel foglio compaiono i nomi di tutti i figli (Padre Antonio, Luigi, Giuseppe.....) e anche dei nipoti allora nati; Risulta che Giuseppe e Margherita con i figli emigrarono in Brasile il 15 dicembre 1891; La famiglia di Carlo emigrò da Mason il 30 marzo 1897 con tutta la famiglia ed i genitori;

ed infine..... ecco il regalo.....

5) Nella famiglia di Carlo risulta presente anche Caterina, nata il 16 settembre 1882, in luogo non noto e legittimata (è scritto proprio così) prima della partenza per il Brasile.

Ti scrivo infine il commento della signora Zanettin:

“Può essere successo che la mamma, al momento della nascita, si sia trasferita in altro comune e che poi la bambina sia stata legittimata al momento della partenza per il Brasile, per cui si sono limitati a scriverlo sul Foglio di Famiglia, senza la trascrizione sui Registri, nei quali di solito in questi casi, secondo quanto dice l'impiegata dell'anagrafe, riportano anche i dati di nascita all'origine: cioè oltre alla data di nascita anche il nome dato ed il luogo di nascita. La cosa certa sembra essere che non è nata a Mason Vic.no.

Comunque ora si sa almeno la data di nascita. Siamo convinte, le impiegate ed io, che si tratti di settembre come mese, perché scrivevano il mese, spesso, mettendo il numero davanti: 7 poi assomiglia e F di febbraio, ma la brevità della parola ci fa pensare che si tratti di settembre.

Spero tu sia contenta di queste conclusioni.... speravo di averle per ieri, ma ci sono riuscito solo oggi.

Un abbraccio
Alessandro Seganfredo

Marostica-Italia (Caterina morì il 29 luglio 1965 e fu sepolta a Ciriaco).

Tra le cose buone che Catterina ha trasmesso ai suoi c'è il gusto per la lettura, il piacere di raccontare storie, la voglia di amare la terra. Lei amava la terra: fino a sei mesi prima della sua morte andava in "colonia=campagna" insieme a suo figlio Cornelio e ai suoi nipoti. A casa le piaceva far "dressa", un tipo di treccia di paglia di grano con la quale si fanno cappelli e anche borse. Oggi nella Serra Gaucha i discendenti degli emigranti italiani continuano a mantenere vivo questo artigianato per ricordare i loro antenati, e per mantenere alcuni costumi che oggi sono valorizzati dal turismo.

Questo è il documento trovato a Mason Vicentino, da Elena Zanettin, nel foglio di famiglia dei Seganfredo ed inviato da Alessandro ad Ana Maria tramite email. Si riporta la trascrizione originale della sig. Zanettin:

**Dal FOGLIO DI FAMIGLIA di Seganfredo
Pellegrino**

FOGLIO DI FAMIGLIA n.° 321

Mason V.°

Contrada Castello

Casa n.° 289

1. SEGANFREDDO PELLEGRINO fu Antonio e fu
Anna Carli ... *capofamiglia*

OSSERVAZIONI

Addi 30 marzo 1897 i n.i 1. 2. 6 -17.18. 19.

20- 21- 22- 23- 24 e 3.

emigrano pel Brasile

2. VOLPATO MARIA

3. S. ANTONIO - 1851

4. S. GIUSEPPE - 1853

.....

6. S. CARLO ...

.....

12. MARCON MARGHERITA ...

.....

17. NICOLI GIOVANNA MARIA di Domenico e di Fiorentin Catterina - Nuora - n. 14 agosto 1861- matr. 16. 3. 1885 col n.° 6

18. S. AMALIA di Carlo e di Nicoli Giovanna Maria 30 maggio 1885 nipote

19. S. MARIA CATTERINA idem idem 10 luglio 1886

20. S. CIRINO idem idem 19 ottobre 1887 m. 24 ottobre 1887

20 22. S. CIRILLO idem idem 26 9mbre

21 23. S. ASSUNTA idem idem 15 agosto 1890

22 24. S. LINO idem idem 12 febbraio 1893

23 SEGANFREDDO CATTERINA idem idem 16 Febbraio / **7mbre [è scarabocchiato] 1882 legittimata**

23. S. ANTONIO di Giuseppe e di Marcon Margherita **Brasile 15 dicembre 1891**

NB : i numeri d'ordine in neretto sono i primi scritti, in altro tempo il 20 viene cancellato; dei seguenti, alcuni sono scarabocchiati e davanti vengono messi in nuovo ordine senza il defunto Cirino, con l'aggiunta finale di Catterina nello spazio tra LINO e ANTONIO.

Come si vede non c'è luogo di nascita. Ricercato questo nei **registri** del Comune, non si trova, ma non si trova neppure il suo nome, consultando le annate successive fino al 1901.

Può essere successo che la mamma, al momento della nascita, si sia trasferita in altro Comune e che poi la bambina sia stata legittimata al momento della partenza per il Brasile, per cui si sono limitati a scriverlo sul Foglio di Famiglia, senza la tras-

crizione sui Registri, nei quali di solito in questi casi, secondo quanto dice l'impiegata dell'anagrafe, riportano anche i dati di nascita all'origine: cioè oltre alla data di nascita anche il nome dato ed il luogo di nascita.

La cosa certa sembra essere che non è nata a Mason Vic.no. Comunque ora si sa almeno la data di nascita. Siamo convinte, le impiegate ed io, che si tratti di settembre come mese, perché scrivevano il mese, spesso, mettendo il numero davanti: 7 poi assomiglia e F di febbraio, ma la brevità della parola ci fa pensare che si tratti di settembre.

La ricerca e il documento inviato da Mason Vicentino è stato molto importante per i discendenti di Catterina Seganfredo. Non è mai tardi per riparare gli errori.



Nozze d'oro CATTERINA E PELLEGRINO con i figli, nipoti, parenti e vicini di casa - anno 1949 a Nova Bassano nella loro casa. Si pensa sia stata la prima festa dei Seganfredo riuniti tra di loro.

4.2. Cirillo Seganfredo



Foto di Cirillo Seganfredo.

Un'altra persona della famiglia brasiliana dei Seganfredo che merita una menzione particolare è Cirillo Seganfredo, fratello di Catterina, figlio di Carlo e di Giovanna Maria Nicolli.

Arrivò in Brasile, insieme alla famiglia, nell'anno 1897, quando aveva 9 anni.

La relazione che segue è della decima figlia di Cirillo: Eda Seganfredo Pa-dão.

“Figlio di Carlo Seganfredo e di Giovanna Maria Nicoli, nacque in Italia, nel comune di Mason Vicentino (provincia di Vicenza) il 26 novembre 1888.

Arrivò ancora fanciullo in Brasile, unitamente alla famiglia, la quale dopo varie peripezie si insediò a Nova Bassano, Rio Grande do Sul.

Cirillo ritornò in Italia nel 1909 dove prestò il servizio militare a Marostica.

All'inaugurazione della linea ferroviaria Vicenza – Marostica – Bassano fu indetta una gara podistica alla quale Cirillo partecipò arrivando primo. Il treno che percorreva quella linea ferroviaria era chiamato dagli abitanti locali la “vacca mora” (mucca nera) alludendo al colore nero della locomotiva.

Si presume che in quel periodo Cirillo si sia mantenuto in contatto con i parenti che erano rimasti in Italia, poiché, concluso il servizio militare nel 1910 e ritrasferitosi definitivamente in Brasile, mantenne per molti anni una corrispondenza epistolare



La vacca mora (Museo di Canove di Roana, Vicenza, Italia).

con Brigida e Isetta, figlie di Luigi.

Su suggerimento di Padre Antonio Seganfredo, col quale era in stretti rapporti, studiò vari anni con l'intenzione di farsi prete, ma questa tuttavia non si rivelò la sua vocazione.

Conobbe Maria Soccol con la quale contrasse matrimonio nel municipio di Cotiporã (provincia di Veranópolis, ex Alfredo Chaves) in data 27 gennaio 1920.

Da questa unione nacquero 11 figli: Gino Carlos, Ivo Pedro, Aldo, Ebe Thereza, Zita, Maria (morta appena nata), Elio, Telmo, Carmen Teresinha, Clóvis e Eda.

Cirillo fu socio-amministratore del "Frigorifero Ideal" di Dois Lajeados, ma abitò per alcuni anni a San Paolo, motivo per il quale i primi due figli erano paulisti.

In San Paolo, egli curava la distribuzione dei prodotti della suddetta società.

Ritornò poi a Dois Lajeados, dove abitò per qualche tempo e si trasferì successivamente a Porto Alegre ove si stabilì definitivamente.

A Porto Alegre lavorò con il commercio di mulini importati dall'Italia che venivano poi venduti nelle località interne del Rio Grande do Sul.

Sul piano personale, egli apprezzava molto il canto. Fece parte del coro della Chiesa del Santissimo e di Santa Teresa.

E' stato anche componente dell'Orfeão Rio-Grandense, dove cantavano nel coro dell'opera nel teatro São Pedro durante le stagioni liriche a Porto Alegre .

Oltre ciò, aveva anche una vena poetica. Si sono conservate varie sue poesie riguardanti la famiglia.

Nella casa dove abitavamo c'era anche un grande vigneto. Mi viene sempre in mente la sua figura su una scala mentre raccoglieva i grappoli d'uva. I figli Élio e Telmo erano coloro che pigiavano l'uva nei tini seguendo il metodo artigianale di fare il vino.

Le feste in famiglia erano meravigliose. Cantavamo canzoni italiane che mio padre ci insegnava, quali ad esempio: *Quel mazzolin di fiori*, *La bella Violetta*, *Sotto il Ponte del Rialto* e anche opere improvvisavamo con la nostra gioia!

Egli ci raccontava anche tante storie dell'Italia, della sua terra natale e aveva sempre tanta nostalgia di Mason Vicentino.

Non potrei trascurare di raccontare un fatto che si è stampato per sempre nella mia memoria.

Quando mio padre si sentì male, io mi trovavo a casa sua a Porto Alegre, partita da Santa Rosa dove lavoravo, per aspettare la nascita del mio terzo figlio.

Chiamammo il medico ed il prete. Arrivarono insieme. Allora mio padre chiese che il prete gli si avvicinasse per primo per ricevere l'estrema unzione recitando insieme tutte le preghiere in latino. Solamente dopo accettò la visita del medico.

Morì il 14 giugno 1969, lasciando in eredità a noi figli un bene prezioso: l'onestà e la rettitudine di carattere, qualità tanto assenti al giorno d'oggi.

Padre mio, ti ringrazio. Anche se c'è stato un prete in meno in Brasile non importa, poiché se non fosse stato così, io non sarei qui a renderti omaggio.”

Qui termina la relazione della figlia di Cirillo, Eda la sua figlia minore.

Il ricordo di Cirillo è stato trasmesso, in Italia, in particolare dalle sorelle Brigida ed Isetta. Sono frequenti i contatti che loro hanno avuto soprattutto in età giovanile col cugino brasiliano.

Fino agli anni '50 si conservano anche delle foto che Cirillo inviava alle cugine e che testimoniano i progressi da lui fatti in Brasile e lo sviluppo della sua numerosa famiglia.

4.3. Storia di un emigrante

Non potremmo tralasciare di includere in questo primo libro di memorie della Famiglia brasiliana dei Seganfredo, il percorso di un emigrante che fu un vincitore nella sua stagione di vita.

Come molti discendenti del primo nucleo familiare che si era radicato in Nova Bassano, costui fu alla ricerca di nuove opportunità e si stabilì nello stato di Santa Caterina, contribuendo come costruttore della ancora non sviluppata e bella città di Concordia.

Il nome: Carlos Antonio Seganfredo, figlio di Lino Seganfredo e Teresa Parisotto, chiamato affettuosamente “Carleto”.

Tra i molti emigranti italiani che arrivarono in Brasile, alla fine del secolo diciannovesimo, si trovava il piccolo Lino con circa sette anni di età.

In Nova Bassano (Rio Grande do Sul) crebbe e formò la sua famiglia con la sposa Teresa Parisotto, anch'essa figlia di emigranti. Ebbero 11 figli, tra i quali Carlos Antonio Seganfredo, conosciuto come “Carleto”.

Nato il 7 novembre 1917 a Nova Bassano, distretto di Alfredo Chaves (Veranópolis) nell'interno dello stato di Rio Grande do Sul, crebbe con i genitori lavorando molto per la costruzione dell'America. “Per far la Merica” dicevano.

E fu questo il sogno del piccolo “Carleto”: costruire un nuovo mondo per sviluppare la sua carriera professionale.

Ancora giovane, scoprì la sua vocazione per le costruzioni civili, professione che esercitò con dignità e molta maestria per molti anni della sua vita.

Nel 1942 arrivò a Concordia, piccolo municipio della regione dell'Alto Uruguay caterinense, una prospera località che incominciava ad accogliere i primi abitanti, nella maggioranza discendenti di italiani provenienti dal Rio Grande do Sul

E fu in questo ambiente naturale, ma ben gestito e disciplinato, che Carlos contribuì a costruire gran parte del patrimonio pubblico nell'area urbana di Concordia.

Già ben inserito nel luogo che lo aveva accolto, conobbe Odylla Anna Pozza, una giovane sartina dai belli occhi azzurri, che era la prima figlia di una famiglia che produceva vino e tabacco ed era ben inserita nelle attività commerciali della città.

Si racconta nei ricordi di famiglia che si conobbero ad un ballo. Nell'occasione Odylla trascurò un suo pretendente che l'aveva accompagnata per stare con Carlos.

Nell'agosto del 1944 si sposarono nella chiesa cattolica di Nostra Signora del Rosario e insieme costruirono una famiglia amorosa e molto intraprendente.



Odylla e Carlos

Il frutto di questo amore furono tre figli maschi: Lauri, Rui e Ladi. La famiglia abitava nella antica via Pinheiro Machado, l'attuale Domingos Machado Lima al n. 293.

E fu in questo piccolo luogo che, con molti sacrifici, la famiglia costruì la sua storia.

Oggi, lontano da Santa Caterina, i suoi discendenti risiedono in diverse città, negli stati del Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Bahia e Rio de Janeiro.

Come grande costruttore e direttore dei lavori di molteplici iniziative importanti dell'epoca, Carlos lavorò con tutto il suo impegno, giorno dopo giorno, per sostenere la famiglia e per lo sviluppo di Concordia, che Carlos scelse come sua nuova patria.

Per molti anni lavorò con un grande amico, Leonidas Favero.

Di queste costruzioni, segnaliamo alcune importanti opere in Concordia e cittadine circostanti:

1. L'Ospedale San Francesco
2. La Scuola primaria Deodoro
3. Il Collegio San José, oggi chiamato Olavo Rigon
4. La seconda sede della Chiesa madre Nostra Signora del Rosario
5. Il Club "29 di Luglio"
6. Il primo impianto frigorifero di Sadia

Nelle cittadine circostanti:

7. Il Collegio municipale di Ipumirim
8. L'Ospedale di Arabutã
9. Il primo albergo di Piratuba

Carlos vide i suoi figli crescere e le sue iniziative imprenditoriali procurarono progresso a Concordia.

Verso gli anni '60, Carlos cercò di comprare due appezza-

menti di terreno in Planaltina, nel Distretto Federale, all'epoca della costruzione di Brasilia. Tuttavia, anni più tardi, dopo la creazione della Capitale Federale, la famiglia fu espropriata con indennizzo dal Governo per la costruzione di una riserva naturale, che sarebbe stata quella del Lago di San Bartolomeo (progetto che non fu mai realizzato).

Nello stesso periodo, la famiglia di Carlo acquistò pure per investimento una residenza di campagna con terreno ove fu impiantata una piantagione di caffè nella località di Planaltina, nello stato del Paraná, proprietà che fu venduta successivamente per finanziare l'investimento nella "Orologeria Centrale", società amministrata dai suoi figli in Concordia.

Più tardi, già anziano, era chiamato "il nonno della pipa", poiché stava sempre con la sua inseparabile pipa davanti alla "Orologeria" conversando con le persone e ammirando il movimento commerciale. Una scena usuale che si vedeva negli anni '80 e '90.

Era un uomo gentile ed affettuoso. Raccontava molte storie ai nipoti.

Ricevette molto amore dai suoi figli, nipoti ed amici.

Alla fine della sua esistenza terrena, era molto debilitato per il diabete che lo aveva obbligato a farsi amputare una gamba per una complicazione della malattia e non poteva più camminare.

Morì nel maggio 2005, all'età di 87 anni.

Durante la sua vita, aveva accarezzato un sogno: vedere dall'alto la città di Concordia che aveva contribuito a costruire.

Suo figlio Ladi, il più giovane, lo imbarcò su un piccolo velivolo del locale Aereoclub che organizzava trasporti turistici e insieme sorvolarono la città. Fu come un addio che emozionò tutti i presenti vedendo questo atto di amore filiale. Davanti a tutti stava un uomo realizzato.

Dall'alto ammirò la città, orgoglioso di aver contribuito allo sviluppo del luogo che lo aveva accolto, avendo la certezza che la sua vita non era trascorsa invano.



FOTO: *La bella coppia Carlos e Odylla.*

Lasciava in quel luogo le tracce del suo passaggio sulla terra, la sua vera eredita!”

Lana Seganfredo

Qui termina il racconto di Lana Seganfredo sul suo nonno Carlos Antonio Seganfredo.

Come molti dei discendenti degli emigranti Seganfredo, egli affrontò la dura realtà dell’emigrazione.

Tuttavia, con la partecipazione di tanti italiani come lui, queste città sono oggi sviluppate, belle, ben guidate e continuano nel loro costante sviluppo.

Includiamo in questo libro di memorie una piccola biografia di Cornelio Seganfredo, “l’agricoltore”

4.4. Cornélio Seganfredo

- Figlio di Pellegrino e Catterina Seganfredo.
- Nacque il 13 settembre 1915 a Nova Bassano, nella “linea decima”, comunità chiamata “São Paulo”.
- Si sposò civilmente con Luiza Ferri l’11 luglio 1942 a Ciriaco (RS), ma il matrimonio religioso era stato ce-

lebrato prima, l'11 novembre 1941, nella Chiesa di São José a David Canabarro, in quell'epoca chiamato "Sede 35". Questo era successo perché l'Ufficio di Stato Civile era localizzato lontano dalla colonia, a Ametista, aggregato a Passo Fundo, come anche Ciriaco apparteneva alla circoscrizione di Passo Fundo fino al 1965 quando ottenne l'emancipazione.

- La sposa era figlia di Celeste Giovanni Ferri e Pierina Cecchin, emigranti italiani che arrivarono in Brasile dall'Italia con le loro famiglie quando avevano rispettivamente 12 e 9 anni di età.
- Cornelio morì il 3 aprile 2002 all'età di 86 anni.
- Luiza morì il 25 ottobre 1992 all'età di 73 anni.



Cornelio Seganfredo



Luiza Ferri col nipote Pedro.

Cornelio era il settimo figlio di Pellegrino e Caterina, una famiglia di 11 figli. Nacque a Nova Bassano dove visse fino a quando si trasferì a Ciriaco nel 1940 per preparare la casa ed il terreno dove aveva intenzione di vivere con Luiza Ferri. Quando si trasferì a Ciriaco aveva 25 anni di età.

Nato a Nova Bassano e facente parte di una famiglia numerosa, pensò subito di organizzare il proprio futuro dopo che erano trascorsi 48 anni dall'arrivo dei primi emigranti italiani, tra i quali Giuseppe (suo nonno) e Carlo Seganfredo, quando le terre a disposizione si stavano esaurendo e non bastavano più per le molte persone che erano arrivate.

Le città della “serra gaucha” si stavano sviluppando, le case erano costruite quasi esclusivamente in legno e le famiglie di Guilherme Licks e di Carlos e Jacob Ely che possedevano enormi estensioni di foreste assumevano lavoratori per abbattere alberi e preparare i tronchi per essere poi inviati alle segherie per la loro lavorazione.

Fu qui che Cornelio, a soli 16 anni di età, incominciò a lavorare insieme ai suoi fratelli per guadagnare denaro sufficiente per l'acquisto di terreni in altre località dove si stavano costituendo nuove aree di insediamento nel Rio Grande do Sul.

Nel 1938 acquistò un appezzamento di terreno agricolo a Ciriaco. Acquistarono terre anche i suoi fratelli José e Achilles. Terre elevate e pianeggianti, con buone sorgenti, senza colline pietrose come c'erano a Nova Bassano; tuttavia era foresta incolta, che necessitava di essere disboscata per essere poi coltivata.

Iniziava il ciclo: disboscare la foresta, preparare il terreno, seminare, raccogliere, tutto lavoro a mano. La localizzazione della proprietà è descritta nelle scrittura di acquisto come “la fattoria dei Ribeiros”, poiché questa famiglia di luso-brasiliani (brasiliani di origine portoghese), che erano allevatori di bestiame, aveva questo cognome e i Ribeiros avevano messo in vendita terreni forestali il cui titolo di possesso era stato ottenuto dal Governo repubblicano del Brasile nel 1906.

Sebbene la distanza di Ciriaco da Nova Bassano non fosse eccessiva, circa 85 km., le strade erano precarie e non esistevano trasporti per passeggeri con autobus, le persone si trasferivano a cavallo, con carri trainati da buoi o con carrozze.

La famiglia di Luiza Ferri era emigrata da Nova Bassano a Ciriaco all'inizio dell'insediamento. I suoi genitori, Celeste Ferri e Pierina Cecchin, erano emigranti italiani arrivati nel Rio Grande do Sul all'età di 12 e 9 anni rispettivamente. Inizialmente, abitavano a Veranópolis ove si conobbero e si sposarono. Abitarono lì per un certo tempo e poi si trasferirono a Nova Bassano da cui partirono con i loro 14 figli per stabilirsi nella colonia di Ciriaco, facendo parte dei primi abitanti di questo villaggio.

Quando emigrarono a Ciriaco lasciarono a Nova Bassano le figlie maggiori, le gemelle Cesira e Angela Maria, Angelina già sposate, ed anche Elvira sposata con il fratello maggiore di Cornelio, Giuseppe. Le famiglie rimasero senza vedersi per anni, fino a che nel 1934 Luiza compì 15 anni di età e uno dei fratelli, Antonio Ferri, decise di portare le due sorelle più giovani, Luiza e la minore Argene a visitare le sorelle. Arrivarono nella "linea decima" e vi rimasero per alcuni giorni, utilizzando dei cavalli per andare fino là. Fu in quel luogo che, passando a visitare i parenti, Luiza conobbe Cornelio, un giovane dell'età di 19 anni. Luiza vide il giovane e incominciò una timida conversazione. Ritornando a Ciriaco, Luiza rifiutò tutti i suoi pretendenti, dicendo: "Il mio sta là", riferendosi a Cornelio in Nova Bassano.

E così lei aspettò, sperando che Cornelio si organizzasse per il loro matrimonio.

4.4.1. Cornelio presta il servizio militare

Nel 1938 a 23 anni, Cornelio Seganfredo fu chiamato a prestare il servizio militare a São Gabriel, comune situato nella campagna del Rio Grande do Sul, località prossima al confine

con l'Uruguay, dove l'esercito brasiliano manteneva postazioni per difendere le frontiere. In quel tempo, il presidente del Brasile era Getulio Vargas, di origine gaucha, che governò per 15 anni ininterrottamente nel primo periodo ed ormai si stava avvicinando la seconda guerra mondiale e le forze armate brasiliane incominciarono a convocare i discendenti degli emigranti per incorporarli nella Patria brasiliana poiché i medesimi convivevano praticamente tra loro, mescolandosi solo in parte con altre etnie, quasi formando una comunità a parte.

Con Cornelio si trovavano anche molti connazionali che praticamente non parlavano portoghese ma parlavano il "talian", anche se allora era proibito parlare questo dialetto. Cornelio raccontava che i comandanti erano molto severi e loro, gli italo-brasiliani, che non erano mai usciti dalle colonie, erano intimiditi, tante che nelle riviste alle truppe fatte dai comandanti, la paura faceva scorrere lacrime dai loro occhi, ma erano obbligati a mantenersi fermi, ritti sugli attenti.

Intanto, con gli stati confinanti regnava un periodo di pace, sebbene si dovessero pattugliare le frontiere a cavallo.

Cornelio e i suoi connazionali in pochi giorni trovarono un modo di comunicare tra loro e si mantennero uniti, lontani dalla vista dei comandanti. Raccontava che di tempo in tempo andavano con la cavalleria e percorrevano lunghe distanze, pattugliando le frontiere, accampandosi nelle fattorie. Nelle notti fredde invernali decisero che uno di loro invece di riempire la borraccia d'acqua la riempiva di rum, così che durante le cavalcate che duravano giorni, nelle fredde notti della pampa "gaucha" la borraccia veniva passata di mano in mano e così si scaldavano. Il bello della storia è che non furono mai scoperti dai comandanti, poiché, se scoperti, potevano rischiare una buona giornata di prigione.

Cessato il servizio militare il 29 aprile 1939, Cornelio ritornò a Nova Bassano dove rimase fino al 1940 quando si trasferì a Ciriaco. Raccontava che al suo arrivo a Ciriaco, possedeva sol-

tanto il terreno che aveva comprato, vicino a quello di suo fratello Giuseppe (Bepi), e un cavallo. A Nova Bassano non aveva prospettive, per cui decise immediatamente la direzione di vita che doveva prendere: l'incontro con la sua amata Luiza.

Il denaro necessario per iniziare la sua nuova vita gli fu prestato dal nonno Carlo. Si diresse quindi a Ciriaco dove fu accolto dal fratello Giuseppe e dalla cognata Elvira Ferri che insieme ai figli più grandi lo aiutarono a disboscare una parte della foresta e ad effettuare la prima piantagione. Raccolse tanto granoturco che riuscì già con il primo raccolto a restituire al nonno Carlo il denaro che gli aveva prestato.

Nella terra che aveva comprato aveva già una casa in legno, non verniciata, coperta da tronchi, che i figli chiamavano "la vecchia casa". Tuttavia era abitabile e aveva una fonte vicina; l'acqua vicino alla casa era fondamentale. Dopo alcuni anni, costruì con legno di pino una nuova casa che è stata abitata fino ad oggi.

Dopo il loro matrimonio Cornelio e Luiza andarono a vivere nella "vecchia casa" dove nacquero tutti i loro sette figli: Aidir (Martin), Ely, Alvanir, Lorena, i gemelli Ana Maria e Ary José e il più piccolo Elbio. Hanno allevato anche una bambina luso-brasiliana che arrivò in famiglia all'età di 9 anni.

Tuttavia, con lo scoppio della seconda guerra mondiale tra i luso-brasiliani e i discendenti degli emigranti italiani si stabilì a Ciriaco un clima di sospetto e di sfiducia. I luso-brasiliani incominciarono a spiare di nascosto le case degli italiani per scoprire se il divieto di parlare "talian" veniva disatteso. Si rischiava la prigione e alcuni emigranti furono trasferiti a Passo Fundo per essere interrogati. Un altro episodio che turbò molto Luiza fu la convocazione di Cornelio Seganfredo a Passo Fundo avanti il rappresentante delle forze armate. Poteva accadere che egli venisse inviato a Rio de Janeiro per l'addestramento e per essere poi trasferito per combattere in Italia. Combattere contro coloro che considerava "la sua gente"! Fortunatamente ritornò a casa e dopo pochi mesi la guerra terminò. La vita continuava.

Gli piaceva cacciare e pescare nel fiume Carreiro a Nova Bassano. A Ciriaco non esistono grandi fiumi, ma il torrente São Domingos dava molto pesce e a noi piaceva mangiare pesce di fiume. Luiza aveva paura, poiché Cornelio andava spesso da solo, e lei spesso trovava rotte le canne da pesca. Si può considerare tragicomico questo atteggiamento, ma questo dimostrava l'affetto che lei riservava a Cornelio.

Giocava alla morra e a bocce e quando era appena sposato faceva parte della squadra di calcio del paese. Nelle feste religiose, prima che fosse costruita la sala parrocchiale aiutava nei tre giorni precedenti la festa della patrona Santa Teresa. Faceva tutti i lavori con strumenti rudimentali come avevano fatto tutti i primi abitanti di Nova Bassano: per riparare i fedeli nel giorno della festa patronale nelle calde giornate di ottobre costruiva una copertura di canne di bambu. Durante la giornata, dopo la messa, cantava, giocava alle bocce, alle carte, alla morra.....aiutava anche a cucinare il “churrasco” (spiedo di carne arrostita).

4.4.2. Svolgimento della vita familiare

La caratteristica principale era l'accoglienza e la solidarietà che si imparava a vivere nelle colonie dove c'era la solidarietà e l'aiuto reciproco. Era una necessità di sopravvivenza.

Cornelio accolse in famiglia i suoceri, già anziani, che rimasero con lui fino alla morte. Dopo accolse sua madre, Catterina. Catterina e Pellegrino e tutti i figli si erano trasferiti da Nova Bassano per altre regioni del Rio Grande do Sul, altri negli stati di Santa Catarina e del Paraná; nessuno rimase a Nova Bassano.

Quando rimase vedova, Catterina manifestò il desiderio di venir via dalla casa del figlio Hermenegildo che si stava trasferendo nella regione nord del Rio Grande do Sul, in una località chiamata San Joao da Urtiga, vicino a Sananduva, e fu accolta

dal figlio Cornelio e dalla sua famiglia fino alla morte avvenuta nel 1965.

Ricevevano visite dai nipoti e parenti che venivano dagli altri stati e città. Nei fine settimana la casa era sempre piena di parenti sia dalla parte dei Seganfredo che dei Ferri.

Ricordo la grande vigna che era stata piantata; quando l'uva maturava gli abitanti del villaggio, generalmente luso-brasiliani, che erano allevatori, arrivavano cavalcando cavalli bellissimi. Venivano a mangiare l'uva che era offerta a volontà e anche a bere vino e raccontavano le loro vicende quotidiane. Tra i visitatori, Cornelio riceveva gli uomini mentre Luiza riceveva le donne e così trascorrevano una serata in compagnia.

L'epoca della vendemmia era una festa. Si riunivano le famiglie dei parenti, quella di Giuseppe Seganfredo, di Ermelindo Alievi, sposato con Gema Seganfredo, figlia di Giuseppe, la famiglia di Achiles e cominciano a raccogliere l'uva, filare per filare, e producevano il vino con metodi artigianali che poi veniva conservato in tre grandi tini di legno di cedro. Durava più di un anno. Era un mese di feste e visite, si faceva "filò" e si beveva vino dolce. Siccome le case distavano tra loro circa un chilometro, nella notte si accendeva una torcia di fuoco che illuminava il cammino di andata e ritorno.

Per i bambini era un mese di avventure.

Cornelio e Luiza e il primo figlio Aidir, conosciuto con il soprannome Martin, parteciparono attivamente alla costruzione della chiesa e dell'Ospedale Santa Terezinha nella città di Ciriaco, unitamente ad altri abitanti. In quel tempo nessuno sperava che il governo prendesse l'iniziativa di fare delle costruzioni. Si nominava un comitato e sotto le direttive di qualche esperto si costituivano gruppi di lavoro volontario fino a che l'opera fosse pronta per soddisfare le necessità della comunità.

4.4.3. Destino dei figli di Cornelio e Luiza

La vita della colonia era dura e la coppia decise che i figli e le figlie potessero scegliere se rimanere nella colonia o andare in città a studiare o lavorare. Tutte le figlie andarono nelle città vicine dove congregazioni religiose gestivano ospedali e si impiegarono in esse. Nello stesso tempo che lavoravano, studiavano e così Ely e Alvanir divennero professoresse, e Lorena economista (Lorena é stata fino al compimento dei vent'anni con le Suore Paoline a Porto Alegre). Ary José studiò due anni nella Scuola Agraria di Erechim, a 18 anni prestò il servizio militare e decise di arruolarsi nelle forze armate, restò un anno e cinque mesi a Rio de Janeiro ottenendo il grado di sergente dell'esercito, poi ritornò nel Rio Grande do Sul e nel corso della sua carriera militare soggiornò in diverse regioni del Brasile, nello stato di Roraima e Manaus, nel nord, nello stato di Espírito Santo, nel sud est, e infine ritornò nel Rio Grande do Sul, ove concluse la sua carriera come ufficiale, essendo ora nella riserva.

Ana Maria andò a Passo Fundo, dove si laureò in scienze all'Università di Passo Fundo, per poi scegliere la carriera di commercialista.

Ivalda Teresinha lavora con alta moda.

Aidir e Elbio decisero di rimanere nella colonia. Alla fine, tutti noi fratelli ringraziamo nostro padre e nostra madre per essere stati molto democratici con noi, lasciando che ognuno scegliesse la propria strada nonostante che nella colonia ci fosse tanto lavoro da fare. A partire dal 1970 con la meccanizzazione del lavoro tutto diventò più facile.

I figli che abitavano nella colonia facevano tutti i lavori di routine: arare la terra, seminare, raccogliere i frutti, mungere le mucche, fare il formaggio, cuocere il pane nei forni di argilla, cucinare.

I figli che vivevano nelle città non hanno mai mancato di trascorrere le ferie con i genitori, compresa la figlia Ely Cericato

che si era trasferita a Matelândia nello stato del Paraná. Tutti gli anni veniva con il marito Arlindo ed i figli a trascorrere un periodo di tempo nella casa dei genitori.

Quando Luiza morì dieci anni prima del marito, Cornelio si sentiva triste soffrendo molto la mancanza della compagnia della moglie, nonostante che i figli lo circondassero con il loro affetto.

Il suo cuore si indebolì e nel 2002 arrivò la sua morte. Arresto respiratorio, attestò il medico. Finalmente poteva incontrarsi con Luiza nell'aldilà.

Molto tempo dopo la sua morte, e precisamente nell'anno 2014 i figli furono sorpresi nell'apprendere la notizia che esisteva una somma di denaro presso il "Banrisul" (Banca statale del Rio Grande do Sul) a lui intestata.

Questa somma avrebbe dovuto essere suddivisa tra i suoi discendenti. Rimasero tutti stupiti, nessuno sapeva dell'esistenza di questa somma. Allora ricordai che poco prima della sua morte, in un momento che ero sola in casa con lui, mi disse:

Vorrei che dopo che me ne fossi andato, mi piacerebbe poter dare un tanto... a ciascuno.

Parlava con emozione. Io pensai: mio padre sta parlando di un suo desiderio. Solo successivamente noi figli ci siamo resi conto che per lungo tempo lui aveva risparmiato questo denaro affinché i figli potessero beneficiarne dopo la sua dipartita. Grande generosità da parte sua, caro "vecchietto" che continuava a pensare a noi figli.

Dobbiamo solo ringraziarlo. Anche nei momenti più difficili della nostra vita ci ha sempre incoraggiato. "Si deve essere forti".

Qui termina il resoconto della vita di questo discendente di emigranti, che visse sempre lavorando, partecipando alla vita della comunità e soprattutto seguendo le notizie del paese, facendo le sue considerazioni. Leggevs molto. L'eredità dei Seganfredo.

Portiamo con noi anche l'eredità di figli di agricoltori. Loro

sono quelli che mettono sulla tavola del popolo il pane quotidiano. Chi viene dai campi, porta con sé l'amore per la terra, la cura della terra, poiché sa che essa è preziosa e che da essa dipende la sopravvivenza dell'uomo.

4.5. La coltura dei vigneti: una tradizione di famiglia

Nei ricordi di Eda si parla spesso dei vigneti che venivano coltivati dalla sua famiglia. Questo fa ricordare che tutti i Seganfredo del sud Brasile, almeno fino alla seconda generazione, coltivavano vigneti e faceva il vino per uso personale.

Alcuni delle generazioni successive aprirono piccole case vinicole ed anche stabilimenti più grandi come ad esempio la "Casa Seganfredo" di Gramado (RS), ed anche altri Seganfredi, come Valmor Seganfredo, discendente de Giuseppe, che ha una piccola attività vinicola a Nova Bassano.

Anche nei ricordi di Catterina Seganfredo sono spesso nominate le coltivazioni di uva e la produzione del vino che si facevano in Italia.

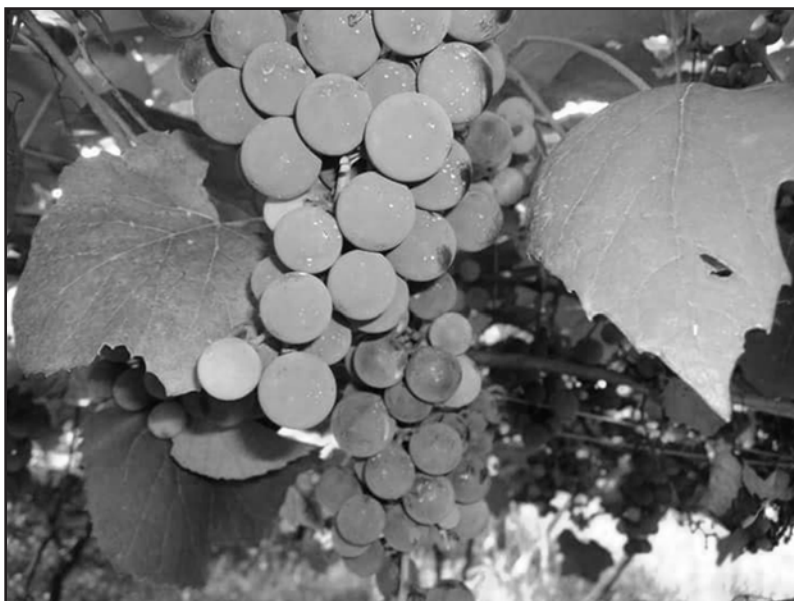
Ana Maria Seganfredo scrive: "Inoltre, ma questo non è stato confermato dai parenti italiani, i Seganfreddo erano fittavoli di un conte, nonostante che possedessero in proprio un piccolo appezzamento di terreno coltivabile. La verità è che per i Seganfredo del Brasile arriva dall'Italia la conoscenza della coltivazione delle viti e della produzione del vino in modo artigianale.

Mio padre Cornélio Seganfredo, i miei zii José e Achilles, ed anche Ermelindo Alievi, sposato con Gema Seganfredo, figlia di José, erano vicini a Ciríaco e tutti coltivavano viti e producevano vino per uso e consumo personale."

Anche Maitê Seganfredo, nipote di Riccardo di Giuseppe scrisse ad Ana Maria: "Mio bisnonno Riccardo quando abitavo a Nova Prata aveva un vigneto con il quale manteneva la famiglia. Anche mio nonno Plácido coltivò viti e hanno allevato 11

figli vendendo uva. Oggi mio padre João Ricardo Seganfredo che abita a Paraná coltiva uva e fa vino per mantenere la tradizione. Auguri a te che racconti queste storie che ne porta gioia e felicità!”

I nostri antenati del Brasile erano sì contadini ma non erano analfabeti come molti migranti italiani stabilitisi allora nel sud del Brasile. Essi portarono infatti dall'Italia alcune valigie di libri, i classici italiani che leggevano di continuo.



La coltura dei vigneti.



A Ciriaco, gli immigranti della antica colonia convivevano con discendenti degli emigranti portoghesi provenienti del arcipelago delle Azzorre, arrivati verso all 1850. Foto di Estela Souza Souza.



Transporto del legname fino le segherie, a Nova Prata, 1957.



Un nuovo inizio

Dopo trent'anni di silenzio, dovuto alla conclusione dei rapporti epistolari e alla morte di coloro che avevano tenuto in vita i legami familiari, i Seganfreddo dall'Italia e i Seganfreddo dal Brasile cominciano a riallacciare i rapporti.



Da sinistra Alessandro di Antonio di Alessandro di Luigi e Padre Antonio di Antonio di Lino di Carlo.



Henrique Seganfredo e la mamma Leonilda in visita alla famiglia di Alessandro Seganfredo a Marostica (Italia) nell'anno 2013.

Dopo trent'anni di silenzio, dovuto alla conclusione dei rapporti epistolari e alla morte di coloro che avevano tenuto in vita i legami familiari, i Seganfredo dall'Italia e i Seganfredo dal Brasile cominciano a riallacciare i rapporti.

Questo avvenne grazie alla intraprendenza di Antonio César Seganfredo (pronipote di Carlo) il quale, venuto in Italia per compiere i suoi studi a Roma per farsene padre scalabriniano, pensò di visitare i luoghi di origine della sua famiglia. All'inizio degli anni duemila, Antonio César si recò a Mason Vicentino cercando di rintracciare i parenti italiani il cui indirizzo gli era stato comunicato dalla zia Suor Mafalda che, negli anni ottanta, aveva prestato servizio presso la Santa Sede.

Fu così che Padre Antonio César Seganfredo ritrovò i discendenti di Luigi in Italia. Ben presto le famiglie emigrate in Brasile e quelle dall'Italia tornarono a comunicare tra di loro, facendo alcune visite tanto dei Seganfredo brasiliani in Italia quanto dei Seganfredo italiani in Brasile.

All'inizio degli anni 2000 sia Eda Seganfredo di Cirillo di Carlo che il fratello Aldo, si recarono in Italia visitando alcuni parenti.

Successivamente, partirono dall'Italia Alessandro Seganfredo, Maria Maino e Gianfranco Seganfredo (discendenti di Luigi) per partecipare all'ordinazione sacerdotale di Padre Antonio Seganfredo a David Canabarro il 16 dicembre 2006.

Nel 2007 Henrique Seganfredo, di Ciro di Luigi di Carlo, si recò in Italia insieme alla sorella Andreia e alla mamma Leonilda Maria Picoli Seganfredo. Una seconda volta Henrique e la mamma ritornarono in Italia nel 2013.

Anche le sorelle di Antonio César, Tania, Carmen, Iara , Iole e la mamma Ondina Bortolanza fecero visita ai ritrovati parenti italiani nel 2014 e nel 2015.

Nel maggio del 2016 i Seganfredo brasiliani organizzarono la prima festa dei SEGANFREDO/SEGANFREDDO a Nova Bassano cui partecipò, proveniente dall'Italia, Gianfranco Seganfredo (discendente di Luigi e Giulia Bellinaso) e la moglie Carla.

In tale occasione ,non avendo potuto partecipare alla festa di famiglia , Alessandro Seganfredo scrisse una lettera commovente che riporta i suoi sentimenti in relazione ai parenti brasiliani.

Ecco la lettera:

“Cara ANA Maria, cari tutti cugini brasiliani,

Vi scrivo per raccontarvi quello che è il mio “Brasile”, quello che siete voi per me.

I miei primi ricordi vanno a quando ero bambino; andavo a trovare a Mason Vicentino le vecchie zie Brigida e Isetta figlie di Luigi. Le zie vivevano in una casa molto povera e la loro vita era fatta di preghiera, di qualche piccolo lavoro nel giardino e di ricordi. I ricordi erano per i tempi antichi quando vivevano in una grande casa che loro chiamavano “la casa del monte”. In questo posto vivevano in tanti fratelli e con i genitori...tutta gente pove-

ra che riusciva con difficoltà a sfamarsi con il lavoro dei campi. Era gente fiera e forte nella fede; avevano una dirittura morale incredibile ed interpretavano la loro esistenza in modo semplice pensando al lavoro, ai figli, a Dio.

Tra i ricordi delle zie, a volte, affioravano dei nomi: Cirillo, Padre Antonio, Suor Mafalda, Eda... Io non capivo chi fossero queste persone. Mi sembravano i personaggi di alcune storie che le zie mi raccontavano come fanno tutti gli anziani con i propri nipotini. Mai avrei pensato che questi “brasiliani”, come loro li chiamavano, fossero persone in carne ed ossa. Quando poi le zie morirono, negli anni ottanta del secolo scorso, a poco a poco andò svanendo anche la memoria del ricordo. Tutto sembrava perduto.

Nei primi anni del 2000, improvvisamente, spuntò quasi dal nulla un altro personaggio di questa storia: Antonio César. Chi era poi questo che veniva a trovarci portandoci i saluti dei parenti brasiliani? Se non fosse stato per lui e per Maria Maino (nipote delle zie Brigida ed Isetta) tutta questa vicenda, probabilmente, sarebbe andata a morire. La loro ostinazione nel voler ricostruire la storia della famiglia è stata fondamentale: Maria ha una grande memoria e passione per le cose antiche così come Antonio ha sempre voluto conoscere i luoghi da dove provenivano i propri nonni e tutta la sua numerosissima famiglia.

Poi è venuto internet, i primi contatti con Eda, il nostro viaggio in Brasile all'ordinazione di Padre Antonio César nel 2006. I ricordi qui si fanno intensi: ovunque fossimo venivamo considerati ospiti d'onore e tutti facevano a gara per averci a casa loro. Un episodio in particolare mi fa piacere ricordare: eravamo a Porto Alegre il primo giorno dopo il nostro arrivo. Con Eda e David eravamo andati a trovare Teia nella casa dove abitava con Carmen. Ricordo il suo sguardo quando ci vide: sembrava ci avesse aspettato da sempre. Ci baciava, ci accarezzava per capire se eravamo proprio veri; non ho mai pensato di essere così importante per una persona che avevo appena conosciuto.

E finalmente arrivi tu cara Ana Maria. Il primo che mi disse qualcosa su di te fu Henrique che mi parlò, quando venne nel 2007. Lui mi disse che c'era una parente a Passo Fundo con la quale era in contatto e che conosceva molto della famiglia. Proprio tu cara Ana!

In questi anni sei stata quella che, più di tutti, ha cercato notizie e condiviso con noi "italiani" la storia della famiglia e cioè dei discendenti di Pellegrino e Maria Volpato. Grazie ancora di cuore per quello che hai fatto e per quello che farai. La festa che vi attende sabato è merito tutto tuo. Tu mi hai raccontato della vita dei parenti, dei tuoi fratelli e dei tuoi genitori. Molto bella è stata in particolare la storia di tua nonna Catterina...La vita di Catterina potrebbe essere degna di un bel libro; chissà che prima o poi qualcuno non sia in grado di scrivere un bel romanzo con protagonisti alcuni nostri parenti: Barba Toni, Pellegrino e Maria, Catterina, Cirillo, Antonio Cesar e tanti altri. Tu potresti essere la narratrice di questa storia: vedremo.

E concludo cara Ana in questo modo: io ho sempre pensato ai miei cari, ormai in cielo, seduti intorno ad una tavola a ridere e a parlare delle loro famiglie, delle loro piccole e grandi storie. Ecco io penso che sabato e domenica prossimi, i nostri cari saranno attorno ad una tavola felici e contenti. Staranno insieme Pellegrino, Maria, nonna Catina, mio nonno Alessandro, le zie Brigida ed Isetta, Padre Antonio e tanti, tanti altri. Nè italiani e né brasiliani, ma tutti Seganfredo.

Con grande affetto
Alessandro.”

Con questa lettera si può vedere che le famiglie Seganfredo /ddo del Brasile e dell'Italia hanno fatto la stessa cosa: raccontato la loro storia ai più giovani!



*Famiglia
di Luigi
Seganfredo
e Giulia
Bellinaso
a Mason
Vicentino*

*La casa del Monte: da
qui tutti partirono per
andare in Brasile; solo
Luigi e Giulia ritornarono
definitivamente. Anche
Padre Antonio vi fece
ritorno per un breve
periodo tra il 1911 e il
1912 per curarsi di una
grave malattia.*



Foto della famiglia di Alessandro Seganfredo di Luigi (primi anni 1950).



Una nuova emigrazione all'interno del Brasile

Dopo 50 anni dall'arrivo degli emigranti italiani e di altri paesi europei le terre non sono state più sufficienti per tutti i discendenti, poiché siccome tutto era fatto a mano le famiglie sentivano la necessità di avere molti figli, in principio per aiutarli nel lavoro della colonia, ma con il passare del tempo i figli si sposavano ed era necessario cercare altre terre, altri luoghi di insediamento. In Rio Grande do Sul all'inizio dell'emigrazione c'erano ancora terre di foresta in possesso del governo brasiliano e dei colonizzatori di origini portoghese (luso-brasileiros). Sora il possesso della terra al ano di 1850 hanno fatto una legge che ha determinato che da questa data in avanti tutte le terre essi devono essere acquistati attraverso l'acquisto e la vendita o, se diverso, con l'autorizzazione dell'impero. Quelli che avevano ricevuto terre donate dal governo brasiliano hanno dato il titolo di proprietà ma è stato un dovere abitare in essi e farli produrre, perché era necessario che qualcuno le curasse per non farle cadere in mano dei paesi vicini, di frontiera, perché nel

Rio Grande do Sul per molti anni c'erano state guerre con gli stati confinanti per delimitare i confini.

Scrive Genuir Luiz Marchezi, nel suo libro "David Canabarro, sua terra, sua gente, sua história": "I primi abitanti nelle nostre comunità venivano da Guaporé, Serafina Correa, Casca, Nova Bassano, Paraí, Nova Prata, Veranópolis, Bento Gonçalves, São Marcos, Caxias do Sul, Farroupilha, Vila Maria, Marau e Antonio Prado."

L'emigrazione nelle nuove colonie cominciò intorno agli anni 1923/25. Da Nova Bassano nuovi coloni si trasferirono a Ciriaco, a David Canabarro ed in altri paesi già negli anni 1923/25 e successivi. Questi si addentravano nella foresta come avevano fatto i primi emigranti e facevano la stessa cosa: tagliavano alcuni alberi, facevano la casa di legno, piantavano coltivazioni e dopo portavano tutta la famiglia.

Anche la famiglia di Celeste Ferri arrivò a Ciriaco in questi anni. Questa famiglia era legata ai Seganfredo poiché due figlie di Celeste si sposarono con due figli di Pellegrino e Catterina Seganfredo: José Seganfredo si sposò con Elvira Ferri e Cornelio Seganfredo con Luiza Ferri. Celeste fu uno dei primi colonizzatori di Ciriaco; lui proveniva da Nova Bassano insieme ai figli più grandi e cominciò a coltivare le terre vergini esattamente come altri coloni avevano fatto nei cinquant'anni precedenti.

La "Colonizzatrice di Inseidamento" (società che curava i nuovi insediamenti per conto del governo brasiliano) disegnava una mappa stabilendo il luogo per il villaggio; fissava un lotto per fare la chiesa mentre le altre terre venivano vendute ai coloni che venivano dalle antiche colonie della Serra Gaucha.

José Seganfredo, figlio di Pellegrino e Catterina Seganfredo, arrivò a Ciriaco nel 1938 e Cornelio Seganfredo, suo fratello, nel 1940. Successivamente arrivò anche Acchilles Seganfredo.

Insieme ad altri coloni fecero tutto come i primi emigranti incominciando con la costruzione della chiesa che era la cosa più importante. Altri coloni aprirono alcuni negozi e nuove at-

tività così il villaggio, col passare del tempo, diventò sempre più sviluppato.

Esaurite le terre nel Rio Grande do Sul, negli anni 1940/45 i discendenti degli emigranti incominciarono a trasferirsi anche negli stati di Santa Catarina e Paraná, dove c'erano ancora terre incolte.

In relazione a questi nuovi insediamenti Clair Ulysses Seganfredo scrive così in Talian:

“Su per le tere nove”

“Come spiegar el arivo dei taliani quá, sul oeste (ovest) de Santa Catarina, se anca gnente de difarente, visti come un vanso dela etnia.

In 2015, el mondo ga ricordà i setanta ani del fin dela guera, La última guera. A setenta ani indrio , ntel stesso di, ga sonà le campane. Più manco, a otanta ani, pochi ani vanti scomissiar sta guera taliani del Rio Grande do Sul i se ga messo a traversar el fiume Uruguay, par trar do piante tea terra de Santa Catarina. I ga fato la medésima cosa dei antenati quando ze rivadi a la Mérica, in Brasil.”

Clair Ulisses Seganfredo di Luigi di Carlo, soprannominato “Genaro”, è conosciuto come personaggio divulgatore del “talian”. E' uno studioso di storia dell'emigrazione e anche lui è emigrato nello stato di Santa Catarina dove è andato ad abitare a São Miguel do Oeste. Quello appena riportato è l'inizio di un articolo scritto nel suo libro “STÓRIE DE GENARO” dove parla di diverse cose e anche sopra l'emigrazione: quali furono le varie tappe dei nuovi insediamenti e quali furono le difficoltà dei primi tempi nei vari luoghi che ormai sono diventati grandi città molto belle e sviluppate.

E così è stato anche per la colonizzazione dell'ovest del Paraná, dove molti Seganfredo sono andati ad abitare.

Viene qui riportato un racconto di Arlindo Cericato sposato con Ely Seganfredo di Cornélio di Pellegrino di Carlo:

“Eravamo in tanti fratelli a Ciriaco e avevamo poche terre da coltivare. Allora nel 1958 ci fu un’offerta di terre da parte di una società immobiliare che agli inizi degli anni 30 del secolo scorso aveva acquistato dal Governo dello Stato del Paraná vaste estensioni di terre incolte con l’intenzione di creare numerosi insediamenti di coloni e mio padre comprò alcuni lotti di terreno per noi.

Queste terre erano situate nella regione ovest del Paraná, vicino a Foz de Iguaçu, nella località chiamata Matelândia. Nel 1962 io e i miei fratelli siamo andati a visitarle.

Nel 1967 mi sono sposato e dopo sei mesi siamo partiti per le nuove terre che erano ancora incolte.

I primi abitanti di Matelândia erano venuti da Caxias do Sul. Vennero anche altre famiglie da altre località del Rio Grande do Sul e dallo stato di Santa Caterina. Prima erano arrivate famiglie anche dallo stato di Minas Gerais, dove vi erano molte piantagioni di caffè, intanto dopo alcuni anni queste piantagioni di caffè nel ovest del Paraná sono state distrutte da un gran freddo, e allora non se lo piantano più, e le famiglie di origine da Minas coltivano le stesse colture dei altri emigranti dal sud.

In 1967 per andare dal Rio Grande do Sul a Matelândia, nella regione ovest del Paraná, le strade erano tutte in terra battuta. Per attraversare il fiume Uruguay ci si serviva di un traghetto.”



8 h 51 min (611,2 km) via Rod. Dep. Arnaldo Faivro Busato. Il percorso tra Ciriaco (RS) e Matelândia nello stato del Paraná (611,2 Km)

Questa è la spiegazione del perché i discendenti dei nostri antenati emigrarono dopo alcuni anni dallo stato di Rio Grande do Sul e hanno continuato e continuano ad emigrare ancora oggi al centro-ovest, al nord e anche al nordest del Brasile.

Per concludere si può sottolineare che, ovunque si vada in Brasile, si trovano discendenti dei nostri antenati che portano con loro la cultura italiana e anche la cultura gaúcha.



Ponte sul fiume Uruguai, tra gli stati di Rio Grande do Sul e Santa Catarina.



Traghetto di trasporto sul fiume Uruguai, 1932. Fonte: Prefeitura Municipal de Erechim. Disponível em: <http://www.pmerechim.rs.gov.br/noticia/747/29-06-2007/exposicao-as-balsas-do-rio-uruguai>



Ponte sospeso sul fiume São Domingos, a Ciriaco.



Formazione del terreno nel municipio di Ciriaco. Intorno di 753m dell livello del mare.



Considerazioni finali: tutto cambia

Dopo più di 120 anni dall'arrivo dei primi Seganfredo in Rio Grande do Sul, molte cose sono cambiate, infatti, come diceva la cantante argentina Mercedes Sosa Tutto cambia (Todo cambia).

I Seganfredo continuano a migrare per tutto il Brasile, come si canta nel “Hino do imigrante italiano”:

“Hino do imigrante italiano”:

“Da l'Italia noi siamo partiti
siam partiti col nostro onore.
trentasei giorni di macchina
e vapore
e in America siamo arrivà..
Merica, Merica, Merica,
cossa sarala sta Merica?
Merica, Merica, Merica,

un bel mazzolino di fior.
A la Merica noi siamo arrivati
non abbiám trovato né paglia
e né fieno
abbiám dormito sul nudo terreno
come le bestie abbiám riposà.
Ma l'America l'è lunga e l'è larga
è circondata da monti e da piani
e con l'industria dei nostri italiani
abbiám formato paesi e città.”

Con il passare del tempo gli italo-brasiliani del sud del Brasile hanno assimilato gli usi ed i costumi degli stati del Sud del Brasile e la loro è ormai una tradizione gaùcha.

“Si può dire allora che con l'operosità dei nostri italo-brasiliani, si continuano a formare paesi e città, e che il Brasile, grande e bello, può migliorare anche per merito dei discendenti di Pellegrino Seganfredo e Maria Volpato. I problemi sono tanti ma, in fondo, questi non fanno paura e la parola d'ordine rimane sempre la stessa “Avanti!”. I Seganfredo del Brasile sono diventati cittadini di una nuova nazione e ad essa guardano ormai come il loro futuro. L'italianità è rimasta come tradizione da ricordare e rispettare ma la cultura di riferimento è ormai quella brasiliana per tutti i Seganfredo che operano nei più svariati campi del lavoro, dell'economia, della cultura e della conoscenza”. (Ana Maria Seganfredo)

Qui finisce questa ricerca sull'emigrazione della famiglia Seganfredo anche se, bisogna sottolineare, ci possono essere ancora tante cose da studiare e da approfondire perché i “nostri italiani” sono in continuo movimento e perché molti contributi di altri parenti potrebbero arrivare ad arricchire le storie raccontate.



Prima casa di Ely Seganfredo e Arlindo Cericato. Dipinto di Gustavo Cericato, nipote di Ely.

*Gustavo Cericato,
a Londra.*



Famiglia di Ely e Arlindo Cericato con la famiglia a Ciriaco.



Pronipote di Giuseppe Seganfredo, Maité Seganfredo ritorna a Mason Vicentino per conoscere il luogo dove sono partiti suoi antenati. Settembre 2017.



Foto di Thiago Ferri. La piccola città di Ciríaco, RS, Brasile.



Leonardo Seganfredo e Elisangela Rizzi con il loro figlio in abiti tradizionali gaúchi. Fanno parte del “CTG Laço Velho” di Bento Gonçalves. Leonardo è discendente di José Seganfredo, figlio di Catterina e Pellegrino Seganfredo.



Giovani di Nova Prata-RS all Rodeio Internacional de Passo Fundo.



Brasiliano insieme all discendente di europeo nell Rodeio Internacional de Passo Fundo.



Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Neco Goulart, a Ciriaco.

Bibliografia

COSTA, Rovilio. *As colônias italianas Dona Isabel e Conde D'Eu*. Porto Alegre: EST Edições.

COSTA, Rovilio; BORGES, Stella; GARDELIN, Mário; BORTOLAZZO, Paulo. *Povoadores das colônias Alfredo Chaves, Guaporé e Encantado*. Porto Alegre: EST Edições.

FARINA, Geraldo. *A História de Nova Prata*.

GUIZZARDI, D. Laurindo. *Nova Bassano: das origens ao raiar do século XX*. – Prefeitura de Nova Bassano e UCS

MARCHEZI, Genuir Luiz. *David Canabarro: sua terra, sua gente, sua história*. Porto Alegre: EST Edições.

RIZZARDO, D. Redovino. *A longa viagem*. Livraria Editora Pallotti.

SEGANFREDO, Clayr Ulysses. *Stórie de Genaro*. Talian Brasil.

ZANETTIN, Elena: *Libro rosso - Genealogia Seganfredo dal 1542 al 2001*.

DOCUMENTAZIONE dal 1605 al 1900.

Fontes de Pesquisa

- SIAN – Sistema Nacional de Informação
- Arquivo Histórico do Estado de Minas Gerais
- Cartórios de registros civis de Nova Bassano, Nova Prata RS, Brasil e Itália.
- INGERS: Instituto de Genealogia do Rio Grande do Sul
- Museu Domingos Battistel de Nova Prata – RS, Brasil
- Pioneiros Scalabrinianos do Rio Grande do Sul- Laurindo Guizzardi
- Ufficio dello Stato Civile del Comune di Mason Vicentino (VI) - Italia.

Dados, informações e documentos:

SEGANFREDO, Aidir: História oral

LOVISON, Germano: Filhos de Lúcia Seganfredo (e-mail)

LOVISON, Mario: Documentos de Lucia Seganfredo (e-mail)

MOLOSSI, Luis: Família Seganfredo (facebook)

PADÃO, Eda: Correspondência com os parentes da Itália e entrevista com Lana Seganfredo

PADÃO, Eda: História de Cirillo Seganfredo.

SEGANFREDO, P. Antonio Cesar: Pe. Antonio - Grupo família Seganfredo

SEGANFREDDO, Alessandro (Marostica – Itália): Informações e documentos vários

SEGANFREDDO, Alessandro (Maróstica-Itália) Pequena História do Povo Cimbro

MAINO, Maria: fotos antigas e história oral.

SEGANFREDO, Elide: Correspondência com Maria Maino

SEGANFREDO, Lana: árvore genealógica de Carlo Seganfredo e História de Carlo Seganfredo (Carleto)

SEGANFREDO, Maitê: Documentos de Giuseppe Seganfredo

SOCCOL, Aldo (Milano – Italia): informações sobre a chegada de Giuseppe Seganfredo no Vapor Solferino-livro de bordo

VANZELLA, Jacondo: filhos de Catarina Seganfredo - (Catinella)

SEGANFREDO, Mafalda: história oral

FUNCHALL, Cecília: Documentos da Hospedaria Horta Barbosa

SEGANFREDO, Henrique: informações de pesquisa site segawiki

Sobre os autores



Ana Maria Seganfredo
(Passo Fundo, RS, Brasil)

Ana Maria Seganfredo nasceu em 05.02.1956, em Ciríaco, quando este era distrito de Passo Fundo. Permaneceu na cidade natal até a idade de 17 anos quando transferiu-se para Passo Fundo para continuar os estudos. Neta de imigrantes italianos sempre se interessou pela história da imigração realizando diversas pesquisas sobre este assunto.

Formada em Ciências pela universidade de Passo Fundo, estudando posteriormente algumas matérias de teologia na Itepa Faculdades, foi voluntária da Pastoral da Criança, fundada por Zilda Arns por mais de dez anos.

O reatar dos laços com os Seganfredo do mesmo ramo da Itália propôs organizar em conjunto com Alessandro Seganfredo, italiano, este livro de memórias dos primórdios da família Seganfredo no sul do Brasil. Considera o talian a sua primeira língua, posteriormente o português, e no tempo presente se dedica ao estudo da língua italiana.

Zela pela preservação da memória dos antepassados e a história da imigração pois considera importante a preservação desta epopeia para as gerações futuras. Afirma que o passado não pode ser esquecido, porém o Brasil é sua pátria, procura acompanhar ativamente o andamento da conturbada política do país.

Considera fundamental a participação na política pelo povo, depois de ter crescido sob o regime ditatorial cultiva ideias inovadoras, como a de que o conhecimento deve ser partilhado e não mercantilizado como na atualidade. Em sua opinião, as mudanças no mundo devem ser praticadas a partir de cada um, para que o mundo globalizado seja bom para todos.

Francisco de Salles,
escritor.

Ana Maria Seganfredo, brasiliana, é nata il 05 febbraio 1956 in un piccolo paese del sud del Brasile chiamato Ciríaco che in quel tempo apparteneva a Passo Fundo, nel Rio Grande do Sul. Ha vissuto nel suo paese natio fino ai 17 anni, quando allora si è trasferita a Passo Fundo per proseguire con gli studi. Nipote di immigrati italiani, provenienti da Mason Vicentino (VI – Italia) alla fine del XIX secolo, si è sempre interessata – realizzando delle ricerche – alla storia dell’immigrazione italiana in Brasile.

Si è laureata in Scienze presso l’Università di Passo Fundo (UPF), e ultimamente ha seguito dei corsi nella Facoltà di Teologia della stessa città (ITEPA). Per più di dieci anni, inoltre, ha eseguito un servizio volontario nella “Pastoral da criança”, fondata dalla Dtssa. Zilda Arns per la cura dei bambini.

Nella misura in cui i legami con i Seganfredo dell’Italia si sono riallacciati, ultimamente Ana ha proposto – assieme ad Alessandro Seganfredo – l’organizzazione di questo piccolo libro con delle memorie dei primi anni della famiglia Seganfredo nel sud del Brasile.

Il suo interesse per la preservazione delle memorie degli antenati e della storia dell’immigrazione si dà nella misura in cui crede che l’epopea vissuta continuerà ad essere d’insegnamento e d’ispirazione per le generazioni future.

Una delle convinzioni più care ad Ana è che la conoscenza non è un bene da essere commercializzato, bensì condiviso. La conoscenza di ognuno può contribuire affinché il mondo globalizzato diventi buono per tutti!

*Francisco de Salles,
scrittore.*



*Alessandro Seganfredo
(Marostica, Italia)*

Alessandro Seganfredo (Maróstica [Vicenza – Vêneto – Itália] – 31/07/1963), é descendente dos Seganfredo que permaneceram na Itália quando, no final do século XIX, vários cruzaram o Atlântico e chegaram ao sul do Brasil, estabelecendo a família Seganfredo em nossas terras, particularmente em Nova Bassano – RS.

Ele, que é casado com Cristina Galante e pai dos jovens Petra e Francesco, ensina matemática junto à Escola (Liceo Scientifico) Jacopo da Ponte de Bassano del

Grappa. Tendo uma sensibilidade política aguçada, já foi vereador na sua cidade natal. Sendo um cristão convicto, participa ativamente de sua comunidade paroquial.

Alessandro, que conheci em 2001, desde o início demonstrou um grande interesse e fascínio pelo conhecimento da história da família Seganfredo/do, e por estabelecer laços que unissem os ramos da família nos dois continentes, Europeu e Americano. Ele visitou o Brasil em 2006, por ocasião da minha Ordenação como Padre, e sua família tem recebido com muito carinho todos os parentes que os têm visitado na Itália.

Cultivar a memória histórica nos ajuda a entender a nossa identidade e a conservar os valores que fizeram nossos antepassados perseverar nos desafios da vida. A paixão de Alessandro nesse âmbito serve para todos nós, parentes, como estímulo para fazer o mesmo!

*Pe. Antônio César Seganfredo,
missionário scalabriniano,
São Paulo.*

Alessandro Seganfredo, nato a Maróstica (VI) il 31 luglio 1963, è discendente dei Seganfredo che rimasero in Italia allorquando, alla fine de secolo XIX, alcuni Seganfredo attraversarono l'Atlantico e sbarcarono nel Sud del Brasile stabilendosi nelle nostre terre brasiliane, in particolare a Nova Bassano, Rio Grande do Sul. Egli, che é sposato con Cristina Galante ed ha due figli, Petra e Francesco, insegna matemática al Liceo Scientifico dell'Istituto Jacopo da Ponte di Bassano dell Grappa. Avendo una spiccata sensiibilità política, é stato assessore nella sua città natale . Inoltre, essendo un fervente cristiano, partecipa attivamente nella sua comunità parrocchiale. Alessandro, che conobbi nel 2001, fin dall'inizio dimostrò un grande interesse ed entusiasmo per la conoscenza dei Seganfredo e per la creazione di legami che unissero i vari rami della famiglia nei due continenti europeo e americano. Egli visitò il Brasile nel 2006 in occasione della mia ordinazione sacerdotale e la sua famiglia ha sempre ricevuto con molto affetto tutti i parenti brasiliani che hanno visitato l'Italia. Coltivare la memoria storica ci aiuta a capire la nostra identità e a conservare i valori che plasmarono i nostri antenati facendo loro superare le difficoltà della vita. In questo ambito, la passione di Alessandro aiuta, come stimolo, tutti noi parenti a seguire il suo esempio.

*Padre Antônio César Seganfredo,
missionario scalabriniano,
San Paolo.*

